

MACAU

IV Série - Nº 7

Junho, 2007 Trimestral

MANUEL NEVES
Jogo sobre a mesa

A FÚRIA DOS VENTOS
Tufões em terra de paz

APRENDER NA CHINA
Estagiários portugueses em Pequim e Xangai

TELAS AO RUBRO
O cinema chinês em acção

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

PropriedadeGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**Endereço**Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**Produção, Gestão e Distribuição**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo**Editor**

Luís Ortet

Direcção GráficaJosé Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação**Colaboradores Permanentes**

Ina Chiu, Luis Pereira e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta ediçãoCarmo Correia (fotografia), Fernando Madeira (fotografia), Gilberto Lopes, João Francisco Pinto, José Carlos Matias, Marco Antinossi, Marco Cravalho, Mariana Palavra e Luís Nestor Ribeiro
Fotografia da capa: *Kobal/ALPHA FILMS/The Kobal Collection/WireImage.com*, do filme *Shanghai Triad* (1995)**Administração, Redacção e Publicidade**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com**Impressão**

Agfa Output Center

Tiragem

3 500 exemplares

ISSN: 0871-004X

As culturas comunicam-se através dos seus ícones. Gong Li e outras figuras do cinema chinês, estrelas omnipresentes nos grandes eventos da sétima arte dos nossos dias, dizem certamente muito deste universo composto por um terço da humanidade. O artigo que destacamos na capa desta edição inicia o leitor na compreensão do que se faz hoje no cinema chinês.

O nosso entrevistado é, desta vez, o director do serviço público que tem por missão verificar o cumprimento da lei nos casinos locais. Manuel Neves – um natural de Macau em evidência nestes tempos de mudança e crescimento – desvenda alguns mistérios desse mundo invulgar e conta a história da sua vida.

O papel do Aeroporto Internacional na ligação da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) a destinos regionais, a presença de 20 anos da *Corticeira Amorim* na China e o programa que permite a jovens profissionais portuguesas fazerem os seus estágios na China são outros focos de interesse nesta edição. Por outro lado, uma visita ao Museu da Língua Portuguesa no Brasil, uma reportagem sobre a comunidade de descendentes de portugueses em Malaca (que ainda preserva o seu crioulo *papiá kristang*) e uma interessante conversa com o director do Museu de Arte de Macau oferecem ao leitor outros tantos motivos de leitura.

Finalmente, para os leitores residentes de Macau, uma visita às novas livrarias que proliferam pela cidade alerta para mais uma faceta da metamorfose acelerada por que passa a Região Administrativa Especial. ■

Luís Ortet

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista **MACAU**.

CAPA



“Milho Vermelho”, “Terra Amarela” – as cores insinuam-se nos enredos e nos ambientes, veiculando uma estética peculiar. A partir de 1982,

a Academia de Cinema de Pequim começou a lançar para o mercado cinematográfico uma nova geração de cineastas, a que se seguiu a actual. A influência de ambas as gerações faz-se sentir para além das fronteiras do País. É o cinema chinês ao rubro.

UNG VAI MENG



Só numa área relativamente circunscrita que abrange a zona do terminal marítimo e a parte mais a leste do NAPE e do ZAPE pode contar-se uma dezena de casinos. É aí que se situa o Museu de Arte de Macau (MAM), que o seu director, Ung Vai Meng, apelida, com propriedade, de “um grande jardim no meio de casinos”. Numa entrevista passam-se em revista as actividades do MAM e a cultura chinesa.

LÍNGUA VIRTUAL



Imagine as sílabas da língua portuguesa flutuando no espaço e respondendo num jogo interactivo semelhante ao efeito utilizado no filme “Minority Report”, de Steven Spielberg. Este um dos pontos de interesse do Museu da Língua Portuguesa, em S. Paulo, no Brasil, que desde a sua fundação em Março do ano passado já recebeu 600 mil visitantes.

MALACA PORTUGUESA



São malaios de corpo e nacionalidade, mas em espírito sentem-se (orgulhosamente) portugueses. Vivem em Malaca, num bairro próprio, e alguns dos seus membros

ainda falam o *papiá kristang*, um crioulo de base portuguesa e malaia. A revista MACAU visitou Malaca e o seu Bairro Português.



Entrevista

Controlador, 4

Gilberto Lopes e Fernando Madeira

Ligações

De Macau para o mundo, 16

João Francisco Pinto

Tufões

Visitas indesejadas, 24

José Carlos Matias

Empresários

Amorim constrói fábrica em Xian, 41

Gilberto Lopes e Fernando Madeira

Contacto

Aprender a negociar na China, 46

Rui Boavida e Susana Soares de Sousa

Comunidades

Ser português na Malásia, 56

Marco Carvalho

Língua

Viagem ao universo do português, 76

Marco Antinossi

Cinema

Ménage à trois, 82

Luís Nestor Ribeiro

Livrarias

Leituras para todos os gostos, 96

Mariana Palavara e Fernando Madeira

Artes

Um grande jardim no meio dos casinos, 108

Patrícia Lemos e Carmo Correia

SECÇÕES

NOTICIÁRIO, 38 e 54

CARTAZ, 118

RETRATO, 124

Macau 2006

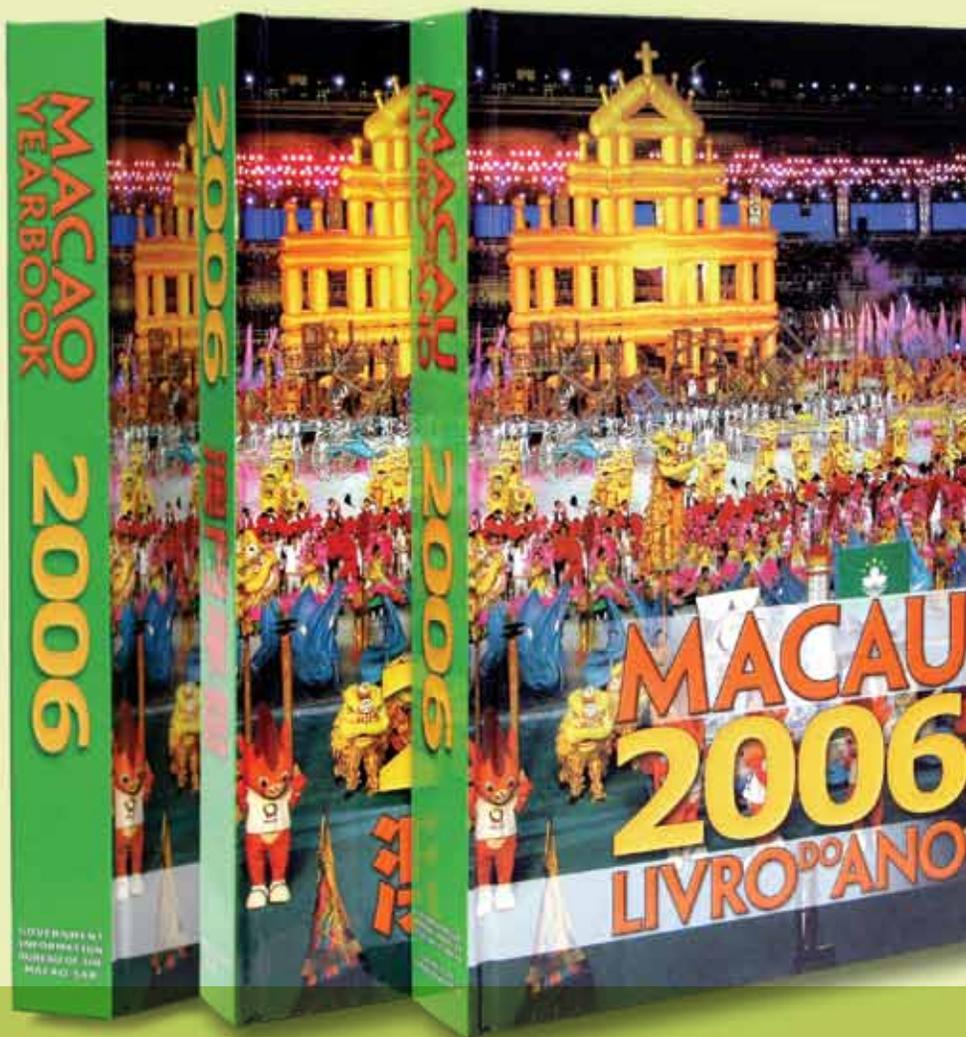
Livro do Ano

MACAU 2006

Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2006

Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.

Do seu gabinete, instalado no 21º andar do edifício China Plaza, no cruzamento das avenidas da Praia Grande e D. João IV, espreita as “jóias” do universo Stanley Ho, “o novo Lisboa tapou-me a vista que tinha, quase deixei de ver o Delta do rio das Pérolas”.

Em cima da secretária da ampla sala de trabalho tem os dados mais recentes da indústria do jogo, pois tinha chegado na véspera de umas merecidas férias, que o levaram até à Europa para passar uns dias com os filhos, que estudam em Lisboa e Londres.

Filho de pai português (beirão de gema, originário de Bogas de Baixo, uma pequena aldeia do concelho do Fundão) e de mãe chinesa, que ainda hoje lhe dá conselhos, Manuel Neves, de 47 anos, está desde 1997 à frente da Direcção de Inspecção e Coordenação de Jogos (DICJ).

Numa altura em que o sector onde trabalha está a provocar uma autêntica revolução em Macau, olha para os tempos de infância e juventude com nostalgia e saudade. “Não havia muitos vícios, os jovens praticavam muito desporto e tinham tempo para o convívio”, nota.

Os tempos de meninice, na companhia dos irmãos José (quadro da CEM), Suzete (a viver em Portugal, mas que na década de 90 foi subdirectora dos Serviços de Turismo) e Isabel (tradutora no Tribunal de Base), foram passados quase sempre no Jardim de S. Francisco, “cresci praticamente ali, pois os meus pais viviam na rua Nova à Guia”.

Dos tempos do Liceu Nacional Infante D. Henrique recorda os ensinamentos dos professores de matemática e francês, respectivamente, Fernanda Mota Salvador e António Conceição e “o Zequinhas”, o professor de Educação Física.

Com grande aptidão para o desporto, “praticava todos os desportos e ganhava quase sempre”, Manuel Neves é um amante do ténis, mas deixou de se deslocar

O controlador



Tem a missão
de controlar
o que se passa
nos casinos
de Macau.
A equipa
que Manuel Neves dirige
recorre agora
às novas tecnologias para
vigiar as apostas
de muitos milhões
que se fazem diariamente
nas salas de jogo
da Região Administrativa
Especial de Macau

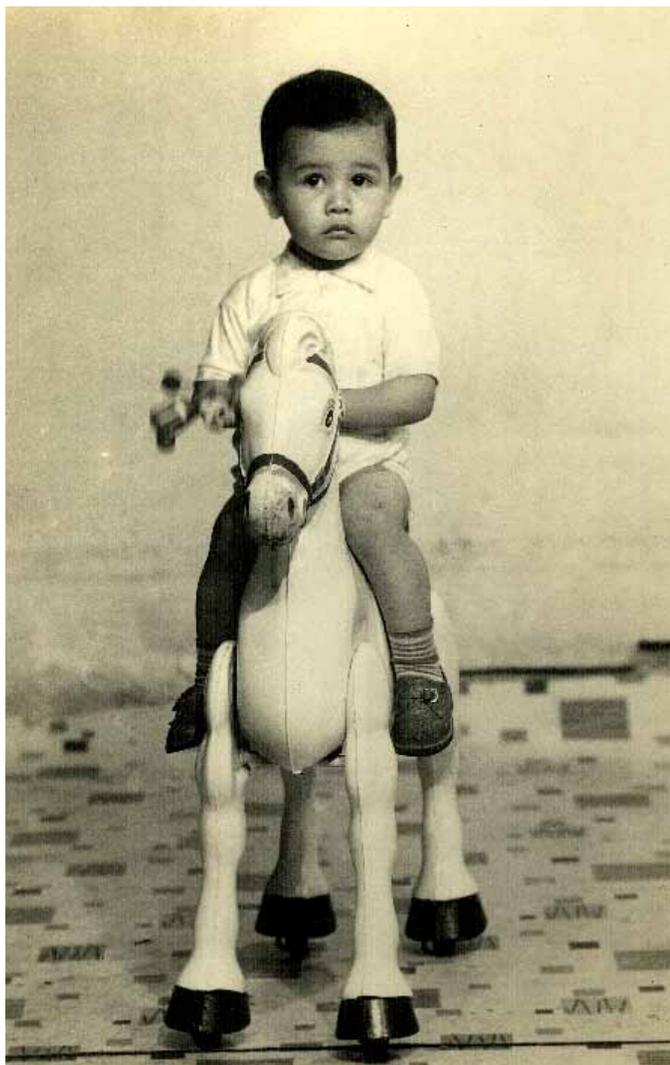


a Coloane para dar umas tacadas no “Macau Golf and Country Club”. Três vezes por semana, nos *courts* do Hotel Mandarin, mantém a forma em partidas disputadíssimas com Manuel Pires, actual subdirector dos Serviços de Turismo. Uma amizade antiga, que ainda hoje perdura. O mesmo sucede com outros colegas dos tempos do Liceu, que actualmente ocupam funções de relevância na sociedade local, como é o caso de Proença Branco, comandante dos Serviços de Polícia Unitários, Brenda Pires, assessora do Chefe do Executivo, e Celina Dias Azedo, secretária-geral da Assembleia Legislativa.

Presença assídua na Luz

Em Julho de 1977 aterrou em Lisboa para frequentar a Universidade Católica (licenciou-se em gestão de empresas). Apesar de só ter visitado Portugal uma única vez, nos anos 60, durante a licença graciosa do pai, que depois de cumprir o serviço militar ingressou nos Serviços da Marinha, a adaptação a Lisboa não foi muito complicada.

“Os meus irmãos José e Suzete, que estavam em Lisboa a tirar os cursos noutras universidades, acabaram por ajudar, mas o primeiro ano foi um pouco difícil”, lembra. “O País atravessava ainda



Com dois anos de idade



Equipa de hóquei em campo do Liceu de Macau: Proença Branco (1), Manuel Neves (2) e professor António Conceição (3)



Com os filhos Ana Mafalda e Hugo em recente visita a Londres, junto ao rio Tamisa

uma fase complicada, a inflação era galopante, as pessoas queixavam-se muito e o debate político dominava a televisão. Uma situação muito diferente do que se passava em Macau, onde a vida era muito pacata e calma”.

Como sucedia com muitos jovens da altura, Manuel Neves tinha uma grande paixão pelo Benfica, “tornei-me sócio e não

falhava nenhum jogo no estádio da Luz”.

Em Lisboa conhece a mulher, Paula, com quem casa, antes de regressar a Macau em 1984. Durante um ano dá aulas na Escola Comercial, mas em 1985 ingressa nos Serviços de Inspeção e Contratos de Jogos. Em 1986-87 passou pelos Serviços de Economia, regressando em 1988 à DICJ. É administrador a

tempo parcial do Fundo de Pensões e presidente substituto do Montepio Geral de Macau. Integra ainda os corpos sociais do Clube de Macau e Clube Militar e é vice-presidente da mesa da assembleia-geral da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau.

Tem dois filhos. A Ana Mafalda, com 15 anos, estuda em Londres. O Hugo, com 20 anos, está



a tirar o curso de Psicologia em Lisboa. Não sabe se os filhos vão regressar a Macau, “a opção é deles”, mas não esconde uma certa desilusão pelo facto de ambos não falarem chinês.

Admirador de Dan Brown

Na conversa com a **MACAU** vêm à baila as medidas anti-fumo que o Governo está a preparar. Apesar de praticar desporto e de ter tido já alguns avisos em termos de saúde, Manuel Neves é um fumador inveterado. Ao mesmo tempo que acende mais um cigarro, confessa que está a mentalizar-se para responder ao que deverá suceder em Macau no próximo ano quando a nova legislação apertar o cerco aos fumadores.

Gosta de ler, não tem escritores preferidos, mas confessa que tem uma grande admiração por Dan Brown. “Todos falam

do Código Da Vinci, mas o melhor livro foi A Conspiração”, assegura.

Homem de “um grande coração”, confessa à **MACAU** quem o conhece há muitos anos. “Amigo do seu amigo, de trato fácil, não pode ver sangue. Nos tempos da juventude, quando isso sucedia começávamos logo a ver para que lado o Manel ia cair”.

“Nos assuntos em que se envolve, trabalha muito a sério, pois gosta de concretizar os objectivos traçados e leva muito a peito as suas obrigações profissionais”, lembra um outro amigo.

Nos tempos da juventude participou em muitos concursos musicais, que na altura animavam as tardes e noites de Macau. “Teve também uma faceta de roqueiro, mas já há muito tempo que não o vejo tocar guitarra”, adianta quem nos anos 60 e 70 partilhou com Manuel Neves muitas horas de divertimento. ■

Novas tecnologias não afastam inspectores das salas de jogo

Olhando para a sua trajectória profissional, não esconde que chegou a sentir algum medo nos últimos anos do período de transição, quando um colega foi assassinado (Francisco Amaral) e o director foi alvo de uma tentativa de homicídio (António Apolinário). “Vivemos momentos de instabilidade e receio, mas recusei sempre mudar os meus hábitos e rotinas”, nota, frisando que após a transferência de administração “os problemas acabaram”. O principal responsável pela fiscalização das salas de jogo visita com regularidade os casinos, “não vou lá todos os dias, mas faço-o a horas variadas, de forma aleatória”. Com os representantes das concessionárias mantém relações de cordialidade, “as estritamente necessárias, tendo em conta as funções de cada um”.

Manuel Neves garante que os serviços que dirige asseguram uma boa supervisão. As novas tecnologias são uma óptima ajuda, tendo substituído os métodos antigos. Na sala de controlo vários computadores permitem ter acesso ao que se passa nos casinos. O desenvolvimento da indústria do jogo exigiu novas respostas da equipa de Manuel Neves. O “fim” dos inspectores nas salas de jogo, como sucede em Las Vegas, não está previsto, mas a opção passa agora por auditorias. “A nossa situação não se compara a de Las Vegas, que tem cerca de 500 casinos. Os inspectores vão continuar a acompanhar o que se passa no interior das salas de jogo. A DICJ emitiu, no entanto, uma instrução sobre os requisitos mínimos de controlo interno. As concessionárias sabem o que têm que fazer para que sejam respeitadas todas as regras”. Em breve, equipas de inspectores e auditores vão começar a fazer visitas-surpresa aos casinos para verificar se as instruções estão a ser cumpridas. O recurso às novas tecnologias pode passar, a curto prazo, por um sistema de vídeo, que possibilite captar em directo o que se passa no interior das salas de jogo. O número de apostadores não pára de aumentar,

mas Manuel Neves diz que os residentes não têm contribuído para o crescimento do movimento nos casinos. “A maioria dos residentes opta por apostar nas lotarias desportivas, nomeadamente no futebol”, observa. Nas salas de slot-machines é, provável, que haja mais residentes, uma vez que oferecem hoje muitas coisas, como comida e bebida. “Com 100 patacas um jogador pode passar muitas horas a jogar nas novas máquinas, que já não utilizam moedas. Mete uma nota de 100 patacas e a máquina vai fazendo o balanço das apostas”. Quanto a eventuais casos de corrupção envolvendo a equipa que dirige, Manuel Neves tem confiança nos funcionários da DICJ. “Temos métodos de controlo interno para evitar situações de corrupção. Acredito no pessoal que trabalha comigo, mas como pode suceder em outros serviços não posso garantir que um ou outro funcionário não se deixa trair por dinheiro fácil...”

Sessenta milhões numa só jogada

Com mais de 20 anos de experiência, Manuel Neves conhece muito bem o que se passa nos casinos. Recorda duas histórias do quotidiano das salas do jogo. “O ano

passado foi detectado um grupo de jogadores, que trocava as cartas nas mesas de bacará. É um caso que está em tribunal, mas ainda não foi julgado. O grupo era constituído por vários jogadores chineses, que actuavam nas salas VIP do Sands e do Lisboa. Através da troca de cartas ganharam mais de 20 milhões de patacas. Nas mesas de bacará, um jogador perdia poucas quantias para um adversário, que apostava somas elevadas, por isso, ganhava muito. Tudo combinado e efectuado com mestria, que não era fácil de detectar”, explica. Nos casinos de Macau, sobretudo nas salas VIP, aposta-se cada vez mais. E há quem jogue grandes fortunas, como sucedeu com um cidadão sul-coreano, que fez uma aposta de 60 milhões. “Jogava contra várias pessoas e perdeu. Nessa aposta estavam em jogo 120 milhões de patacas, os 60 milhões apostados por esse jogador e outro tanto da banca”. No final, uns ficaram a sorrir, já que tiveram sorte e embolsaram alguns milhões de patacas. O sul-coreano deixou a sala sem evidenciar grande preocupação. Nos dias seguintes, regressou ao casino. Quanto jogou e se ganhou ou perdeu, não sabemos... É assim a vida nos casinos de Macau!... ■

Mais de 100 mil milhões em receitas

Os 34-35 casinos em funcionamento em 2010 vão gerar receitas superiores aos 100 mil milhões de patacas.

A previsão é de Manuel Neves, que admite que a curto prazo a indústria mais lucrativa do território vai empregar entre 60 a 80 mil pessoas

- No último ano, Macau ultrapassou a strip Las Vegas como a capital mundial do jogo. Qual é a estimativa que faz para 2007?

- Face ao verificado nos primeiros meses do ano, é muito provável que se registre um crescimento superior aos 40 por cento. O que significa que em 2007 o sector do jogo tenha receitas brutas de cerca de 77 mil milhões de patacas.

- No final da década, os casinos de Macau vão movimentar mais de 100 mil milhões de patacas?

- De acordo com previsões já elaboradas, é muito provável que isso venha a suceder ou mesmo a ultrapassar esses números.

- O volume de apostas vai continuar a subir durante quantos anos?

- É difícil de prever, mas não podemos esquecer que há um limite para o aumento que se está a verificar. Tudo está, contudo, dependente do crescimento económico da China, uma vez que a esmagadora maioria dos apostadores vem do interior do País.

- Quantos casinos terá Macau a curto prazo? Quantos vão abrir em 2007?

- No final desta década, Macau deve ter 34-35 casinos.

Em 2007 já abriu o casino Crown, do consórcio Melco-PBL. Em Agosto será a vez da Venetian Cotai entrar em funcionamento e no final do ano o casino-hotel da MGM Macau.

- Qual é o número de pessoas que emprega hoje a indústria do jogo? Quais são as previsões no prazo de três a cinco anos?

- A indústria tem hoje 35 mil postos de trabalho. A médio prazo devemos ter 60-80 mil pessoas a trabalhar no sector do jogo.

- O desenvolvimento da indústria do jogo está acima das expectativas ou estava a contar com este boom?

As nossas previsões apontavam para um crescimento significativo, mas não tão grande como o que se verificou. De facto, as nossas melhores expectativas foram ultrapassadas.



- O Governo assinou já contratos com três concessionários e há três subconcessões.

Esse número pode aumentar?

- O Governo já afirmou que não haverá mais subconcessões.

- Como perspectiva o desenvolvimento da indústria do jogo?

- Estou optimista quanto ao desenvolvimento da indústria do jogo, assim como das actividades relacionadas, como é o caso das indústrias do entretenimento, de convenções e turismo familiar. Acredito que Macau será, de facto, a Las Vegas do Oriente, disponibilizando uma grande oferta aos visitantes para além do jogo.

- A abertura de casinos em outros países e territórios da região, como Singapura, podem colocar em causa a liderança de Macau?

- Julgo que a curto e médio prazo não. A posição de Macau é bastante sólida. Os países e territórios da região ainda levarão tempo a ter condições para competir com Macau.

- Há sectores de Macau que têm manifestado preocupação relativamente aos problemas provocados pelo vício do jogo. É uma situação preocupante o que se passa em Macau?

- De acordo com os dados que tenho não é uma situação preocupante. Não significa que no futuro isso não possa vir a acontecer. As autoridades estão a criar medidas preventivas para minimizar essa hipótese.

- Está a ser preparada nova legislação para definir melhor a proibição da entrada de menores nos casinos?

- A curto prazo, o Governo vai legislar sobre esta matéria no sentido de criar regras claras para que não haja a menor dúvida quanto à resolução de casos como o que envolveu uma menor que entrou e ganhou um prémio num casino.

- O pagamento do prémio era inevitável?

- Face à regulamentação existente era.

- Os serviços da Direcção de Inspeção e Coordenação de Jogos têm capacidade para fazer face ao crescimento do sector?

- Nos últimos anos, a Inspeção e

Os casinos não são o melhor local para a lavagem de dinheiro



Coordenação de Jogos tem desenvolvido esforços para responder ao que se passa no sector, nomeadamente na implementação gradual de novos sistemas de controlo, cada vez mais sofisticados. Temos levado a cabo inúmeras acções de formação, no sentido de preparar o pessoal para os novos desafios que se avizinham.

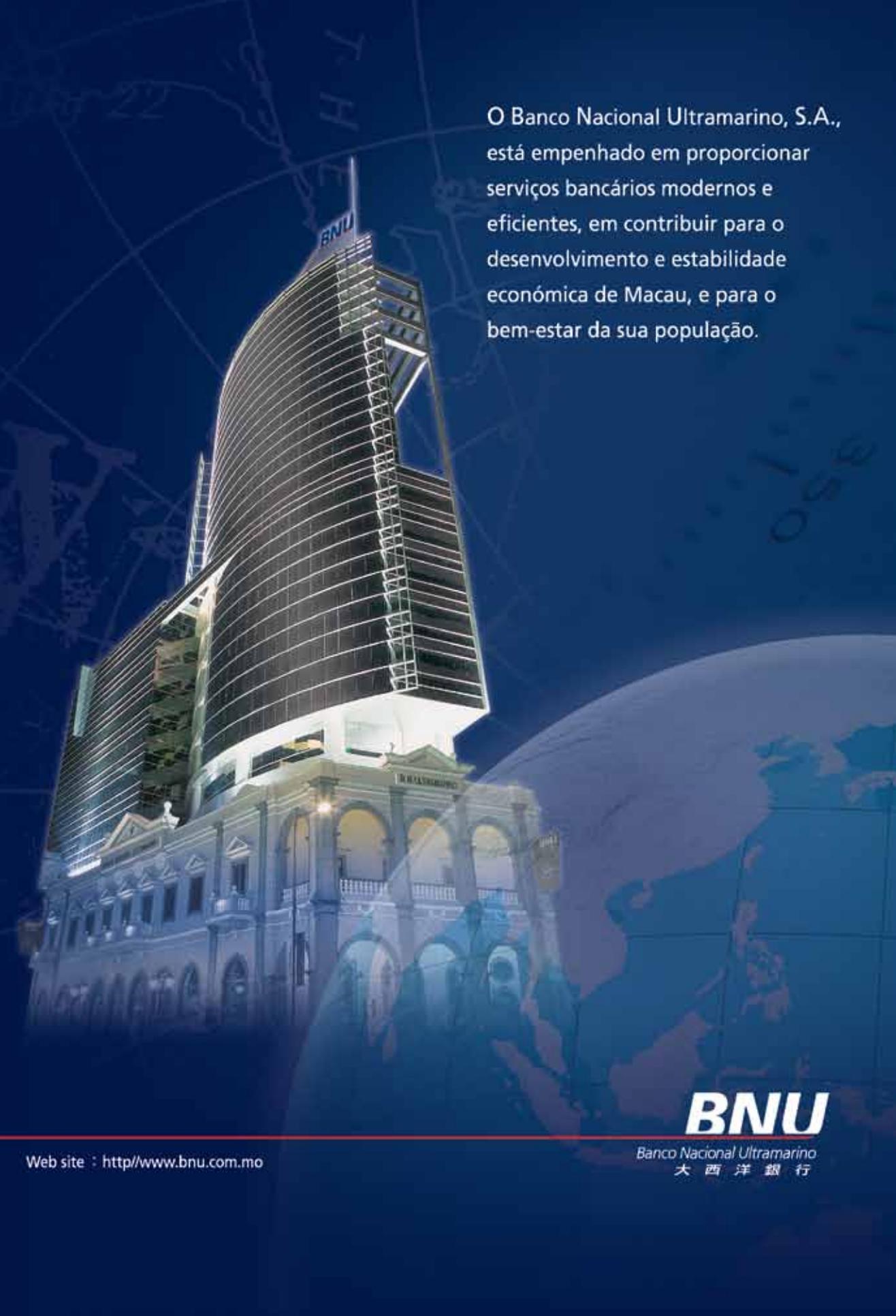
- Há quem fale de Macau como um centro de lavagem de dinheiro. Os casinos servem para fazer operações desta natureza? Têm sido detectados casos?

- Os casinos não são o melhor local para a lavagem de dinheiro, ao contrário do que muita gente pensa. Nos casinos está tudo registado e, por isso, será mais fácil detectar operações ilegais. No entanto,

isto não significa que não se devam tomar medidas de prevenção, como o controlo apertado de transacções de valor elevado, que se verificam dentro dos casinos. Têm sido detectados alguns casos suspeitos, mas a condução das investigações compete à Polícia Judiciária.

- A nova legislação sobre lavagem de dinheiro tem dado bons resultados?

- Na sequência da entrada em vigor da nova lei, a DICJ emitiu instruções rigorosas a todas as operadoras, no sentido da implementação do que está estipulado. Estou optimista que a adopção destas medidas irá minimizar as eventuais operações de lavagem de dinheiro nos casinos. ■



O Banco Nacional Ultramarino, S.A.,
está empenhado em proporcionar
serviços bancários modernos e
eficientes, em contribuir para o
desenvolvimento e estabilidade
económica de Macau, e para o
bem-estar da sua população.

Web site : <http://www.bnu.com.mo>

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行

De Macau para o mundo

Entrar num avião e voar directamente para destinos noutros continentes é ainda um sonho para os passageiros do Aeroporto Internacional de Macau. Ainda assim, é vasta a lista de destinos na região Ásia-Pacífico.

E a partir daí, tudo é possível!

Nome de código: NX002. Destino: Pequim. Foi assim que começou a aventura da aviação moderna em Macau.

Num aeroporto recém-construído, um avião da *Air Macau* descolava no dia nove de Novembro de 1995 com destino à capital. A bordo, a lotação estava esgotada com responsáveis políticos e empresariais que quiseram marcar presença no voo inaugural da *Air Macau*. Horas mais tarde o voo NX001 aterrava em Macau com apenas dois passageiros a bordo.

Nesse dia, o Aeroporto Internacional de Macau registava apenas dois movimentos. Hoje, onze anos mais tarde, tudo é diferente. Em média, o aeroporto registou no ano passado 140 movimentos diários (entre aterragens e descolagens) e cerca de 13 mil passageiros. E o movimento de aparelhos não pára de aumentar, tendo o Governo da RAEM anunciado planos para ampliar o aeroporto que se começa a revelar demasiado pequeno para tantos aviões e passageiros.





Actualmente é possível voar de Macau para 24 destinos na região Ásia-Pacífico em voos regulares e existem ligações em regime *charter* para um vasto conjunto de outros aeroportos.

E, sendo verdade que apenas destinos regionais estão disponíveis a partir de Macau, não é menos verdade que a partir daí se alcança com facilidade o resto do mundo. Senão vejamos: Macau tem ligações diárias para aeroportos como Singapura, Kuala Lumpur ou Bangucoque que são os três principais *hubs* do Sudeste Asiático, de onde se tem acesso a uma rede de destinos que cobre todo o planeta. O mesmo se passa com outros *hubs* no Nordeste Asiático como é o caso de Pequim, Xangai, Taipé ou Seul.

Existem mesmo planos da *Air Macau* para transformar a ligação a Bangucoque na porta de saída preferencial dos passageiros de Macau para voos intercontinentais. Em Março, os responsáveis da companhia de bandeira local e da *Thai Airways* estiveram reunidos para estudar

o desenvolvimento de um acordo de *code-share* que permita aos passageiros provenientes de Macau fazer uma escala em Banguécoque e utilizar a rede internacional de destinos da *Thai Airways* que voa para as principais cidades da Ásia, Europa, Estados Unidos, Médio Oriente, Austrália e África. Não existe ainda nenhum calendário previsto para o início do serviço.

Taipé domina

O destino mais importante para as companhias aéreas que servem o aeroporto local é Taipé. As linhas aéreas que operam nesta rota (*Air Macau*, *Eva Air* e *Transasia*) registaram um total de quase dois milhões de passageiros. É também na ilha de Taiwan, nomeadamente em Kaohsiung, que se situa o segundo destino mais movimentado com 635 mil passageiros.

Os passageiros provenientes de Taiwan são depois distribuídos por vários destinos no Continente, com Xangai (servida pela *Air Macau* e *Shanghai Airlines*) à cabeça com quase 600 mil passageiros no ano passado.

Curiosamente, Pequim fica mesmo fora do top 10. É apenas o quinto destino mais importante no Continente, atrás de Hangzhou, Xiamen e Shenzhen. No top 10 do Aeroporto de Macau surgem Banguécoque, Kuala Lumpur, Singapura e Manila.

Os destinos no Sudeste Asiático são os que registam maiores crescimentos devido à dinâmica das linhas aéreas de baixo custo também conhecidas como *low-cost*. Além da *Air Asia*, *Tiger Airways* e *Viva Macau*, também a filipina *Cebu Pacific* se prepara para voar para Macau a partir de Cebu, já em meados deste ano.

Macau passará assim a ficar ligada

a três destinos no arquipélago filipino: Manila, Clark e Cebu, havendo também planos da *Air Macau* para lançar uma rota para a cidade de Davao, na ilha de Mindanao, que servirá, essencialmente, para fazer a ligação com a Coreia e Japão, mercados tradicionais do turismo de Davao.

Os investimentos no sector do jogo vão ser responsáveis pela entrada de novas companhias aéreas no mercado local, incluindo algumas que são mesmo propriedade dos operadores dos casinos. É o caso da *Las Vegas Sands* que comprou cinco aviões para transportar jogadores para os seus casinos em Macau. A frota da transportadora é constituída por dois MD-11 e três jactos *Gulfstream*.

Também Stanley Ho se prepara para entrar neste mercado com a participação em duas companhias aéreas: a *Macau Asia Express* e a *Golden Dragon Airlines*.

Expansão em marcha

O Aeroporto Internacional de Macau foi no ano passado utilizado por quase cinco milhões de passageiros, sendo que o terminal, na configuração actual, foi planeado apenas para seis milhões de passageiros. O número de passageiros de 2006 representou um aumento de 17 por cento face ao ano anterior.

O movimento de aviões aumentou 13 por cento face a 2005 para um total de 51 mil aterragens e descolagens, enquanto o sector da carga registou uma quebra de três por cento com cerca de 220 mil toneladas.

Para 2007, as estimativas oficiais apontam para um aumento do número de passageiros entre dez e 15 por cento.





**O aeroporto vai ser ampliado.
O objectivo é aumentar a sua
capacidade para 24 a 26 milhões
de passageiros/ano**

É por isso que a Sociedade do Aeroporto de Macau tem já em curso um plano de investimentos, que prevê a expansão do terminal de passageiros, o alargamento das zonas de estacionamento das aeronaves e a extensão da pista.

A prioridade é aumentar o número de mangas na zona sul do terminal de passageiros e que deverá ser utilizado pelas companhias de baixo custo que operam em Macau. Posteriormente, será ampliado o terminal de passageiros, numa operação que irá implicar a construção de um parque de estacionamento a sul antes do início das obras.

O aumento da capacidade passa também pela construção de mais posições de estacionamento, uma obra que será feita através do aterro do espaço entre os dois *taxiways* de acesso à pista. A aeroporto deverá atingir uma capacidade de 24 a 26 milhões de passageiros em 2023/4.

O Aeroporto Internacional de Macau foi inaugurado no dia 8 de Dezembro de 1995 pelos então presidente português Mário Soares e vice-presidente Rong Yiren. ■

José Carlos Angeja é o novo director do Aeroporto Internacional de Macau (AIM), substituindo no cargo Carlos Seruca Salgado, que dirigia o aeroporto desde 1999. José Angeja, que era anteriormente director do aeroporto de Santa Maria, nos Açores, foi a escolha da ANA - Aeroportos de Portugal, S.A.. O novo responsável entrou em funções no dia 1 de Abril de 2007.

Aeroporto com novo director



José Carlos Angeja é o terceiro director do Aeroporto Internacional de Macau, substituindo Carlos Seruca Salgado (à direita) que dirigia a infra-estrutura desde 1999

A ADA – Administração de Aeroportos, empresa responsável pela gestão do Aeroporto de Macau, é uma *joint-venture* entre a empresa portuguesa ANA e a CNAC (Macau) *Aviation Limited*. O parceiro chinês é maioritário, detendo 51 por cento do capital da sociedade depois de, em 1999, a ANA ter vendido uma quota de dois por cento. O acordo entre os dois parceiros prevê que o director da infra-estrutura seja nomeado pelo sócio português. ■



Low-cost atraem passageiros

As três companhias aéreas de baixo custo que operam no Aeroporto Internacional de Macau foram responsáveis por 17 por cento do movimento de passageiros no primeiro trimestre de 2007.

A *Air Asia*, *Tiger Airways* e *Viva Macau* são as três transportadoras que actualmente servem o mercado local garantindo voos para Banguecoque (Tailândia), Kuala Lumpur e Kota Kinabalu (Malásia), Singapura, Clark (Filipinas), Jacarta (Indonésia), Haiphong (Vietname) e Male (Maldivas).

O número de passageiros transportados pelas chamadas *low-cost* subiu 40 por cento nos três primeiros meses do ano, devido à introdução de novas frequências para Singapura pela *Tiger Airways*, o destino Kota Kinabalu pela *Air Asia*, bem como o início da actividade regular da *Viva Macau* que serve três destinos.

A história das *low-cost* em Macau começa com o voo inaugural da *Air Asia* no dia 5 de Julho de 2004 ligando a RAEM a Banguecoque. Meses depois, em Dezembro do mesmo ano, esta transportadora, a mais bem sucedida de toda a Ásia, introduziu um novo destino Kuala Lumpur. Já este ano começou a operar voos diários para Kota Kinabalu no Bornéu malaio.

O sucesso da *Air Asia* fica expresso nos números. Em menos de três anos, a companhia aérea sediada na Malásia transportou um milhão de passageiros a partir de Macau e reclama agora ser a segunda maior companhia aérea a servir a Região. Actualmente a *Air Asia* opera 21 voos

semanais para Banguecoque, outros 21 para Kuala Lumpur e sete para Kota Kinabalu.

Mais recente é a *Tiger Airways* que iniciou as operações em Macau a 30 de Outubro de 2005, com ligações diárias a Singapura e a Clark nas Filipinas. A operação desta *low-cost* tem-se mantido constante desde o lançamento dos primeiros voos, tendo apenas introduzido quatro voos adicionais por semana para Singapura. Actualmente a *Tiger Airways* voa sete vezes por semana para as Filipinas e onze vezes por semana para Singapura.

A *Viva Macau* é a mais recente *low-cost* a operar em Macau e é também a única companhia com estas características aqui sediada. O voo inaugural foi feito no passado dia 22 de Dezembro de 2006 para Jacarta na Indonésia. A companhia local realiza também voos para Male, nas Maldivas, e Haiphong, no Vietname.

Duas novas transportadoras de características *low-cost* deverão começar a operar ainda este ano em Macau. Trata-se da *Macau Asia Express*, companhia de baixo-custo para o mercado asiático criada pela *Shun Tak Holdings* e pela *Air Macau*, e a *Golden Dragon Airlines*, sediada em Macau e detida maioritariamente pela empresa de helicópteros *East Asia Airlines*, de Stanley Ho.

A *Macau Asia Express* vai operar no mercado asiático com aviões de capacidade entre 150 a 180 passageiros, contando adquirir cerca de 20 aeronaves num prazo de três anos. A *Golden Dragon* visa o mercado chinês com aparelhos com capacidade entre os 80 e 100 passageiros. ■



Da China para África

Voar directamente da China para os países africanos de língua portuguesa não é ainda possível, mas há pelo menos uma companhia aérea interessada em operar neste mercado de crescente importância. A *China Southern Airlines* anunciou, em Fevereiro passado, que está a preparar-se para fazer a ligação entre Cantão, na província de Guangdong, e Luanda capital de Angola. Os planos foram divulgados na *China Daily* que citava o director-geral daquela companhia aérea, dizendo que os voos para Angola deverão ter início ainda este ano.

A abertura do voo entre a China e Angola, o maior parceiro comercial da China em África e o seu maior fornecedor de petróleo, é algo que era alvo de debate entre os dois países desde há vários meses e esteve mesmo na agenda do encontro bilateral entre o

primeiro-ministro angolano, Fernando Dias dos Santos, e o seu homólogo Wen Jiabao.

“Um voo directo entre Pequim e Luanda vai promover a relação bilateral entre a China e Angola e as relações com os países africanos”, afirmou recentemente o vice-ministro do Comércio, Wei Jianguo, durante um encontro entre a China e os embaixadores dos países de expressão portuguesa em Pequim. À falta dessa ligação, a embaixada de Angola em Pequim disse à MACAU que a única alternativa passa pela

utilização da *Ethiopian Airlines* que voa para a capital angolana via Adis Abeba.

O mesmo se passa em relação às outras capitais dos países de africanos de língua portuguesa que são apenas acessíveis via os principais *hubs* africanos como Adis Abeba e Joanesburgo.

Em relação ao Brasil, existe já um voo assegurado pela *Air China* entre Pequim e São Paulo via Madrid. A primeira ligação foi feita no passado dia 10 de Dezembro e representou o primeiro voo comercial entre Pequim e a América do Sul.

Devido à distância que separa a China e o Brasil não existem aviões capazes de realizar o voo sem escalas técnicas, tendo por isso a companhia optado por aterrar em Madrid. A ligação entre Pequim e São Paulo realiza-se duas vezes por semana. O tempo efectivo de voo ultrapassa as 25 horas. ■

www.macauhub.com.mo

O Macauhub é um serviço gratuito de informação sediado em Macau, que distribui informação e análises económico-financeiras sobre a região do Grande Delta do Rio das Pérolas (PPRD), no Sul da República Popular da China, e os países de língua portuguesa de modo a apoiar governos, instituições e empresários na compreensão das potencialidades existentes para negócios e investimentos.

O Macauhub integra uma equipa de profissionais espalhados pela Ásia, América do Sul, Europa e África que produz informação em chinês simplificado, português e inglês sobre a região chinesa que integra as províncias de Fujian, Jiangxi, Hunan, Guangdong, Hainão, Sichuan, Guizhou e Yunnan, a região autónoma de Guangxi Zhuangzu e as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong, e, por outro lado, sobre os países de língua oficial portuguesa, abrangendo Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

O Macauhub, criado na esfera do Gabinete de Comunicação Social (GCS) do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), é mais uma das ferramentas de que o Governo da RAEM dispõe para concretizar o seu papel de ligação e de potenciador de negócios entre a República Popular da China e os países de língua oficial portuguesa.

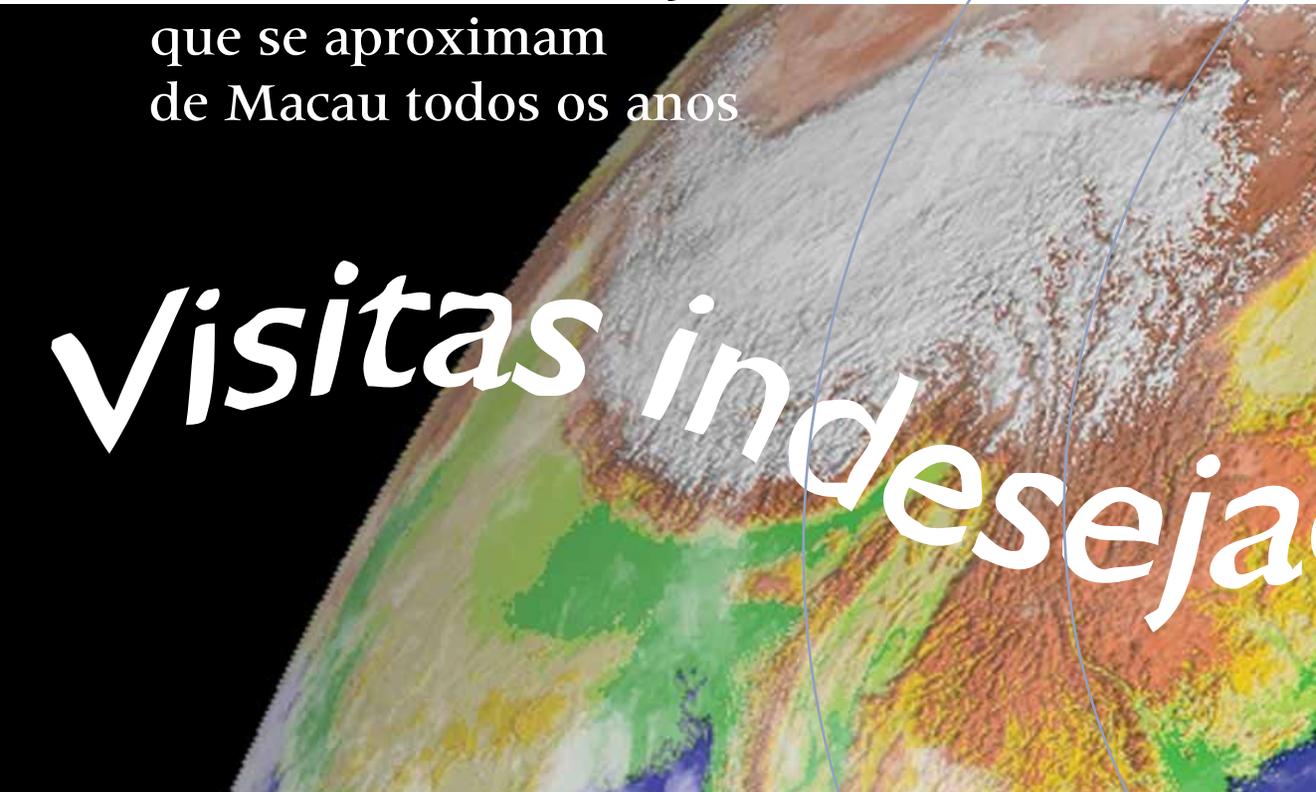
O Macauhub distribui ainda informação geral das zonas e países onde actua, nomeadamente estatísticas, dados, publicações, eventos e elementos sobre Quem é Quem.

O Macauhub tem por objectivo final ser um "website" de referência nas relações económico-financeiras entre o Grande Delta do rio das Pérolas, conhecido em inglês como "Pan Pearl River Delta (9 + 2 = oito províncias e uma região autónoma do interior da China e as duas regiões administrativas especiais da China)" e os países de língua portuguesa.

O Macauhub vai lançar em breve uma página sobre a China dedicada aos seus leitores do Brasil.

Chegam por norma entre Junho e Setembro. São visitantes indesejados que se aproximam de Macau todos os anos

Visitas indesejadas



Os tufões trazem ventos fortes e chuvas intensas que alteram a vida quotidiana de uma população habituada a conviver com o fenómeno.

Ao contrário do que acontecia noutros tempos, a passagem de uma tempestade tropical já não suscita grandes receios de perdas humanas e materiais. Os mecanismos de acção dos Serviços Meteorológicos e Geofísicos (SMGM) e da Protecção Civil estão automatizados, mas nada se pode evitar sem a prudência das pessoas.

Sempre que uma tempestade tropical se encontra a menos de 800 quilómetros de

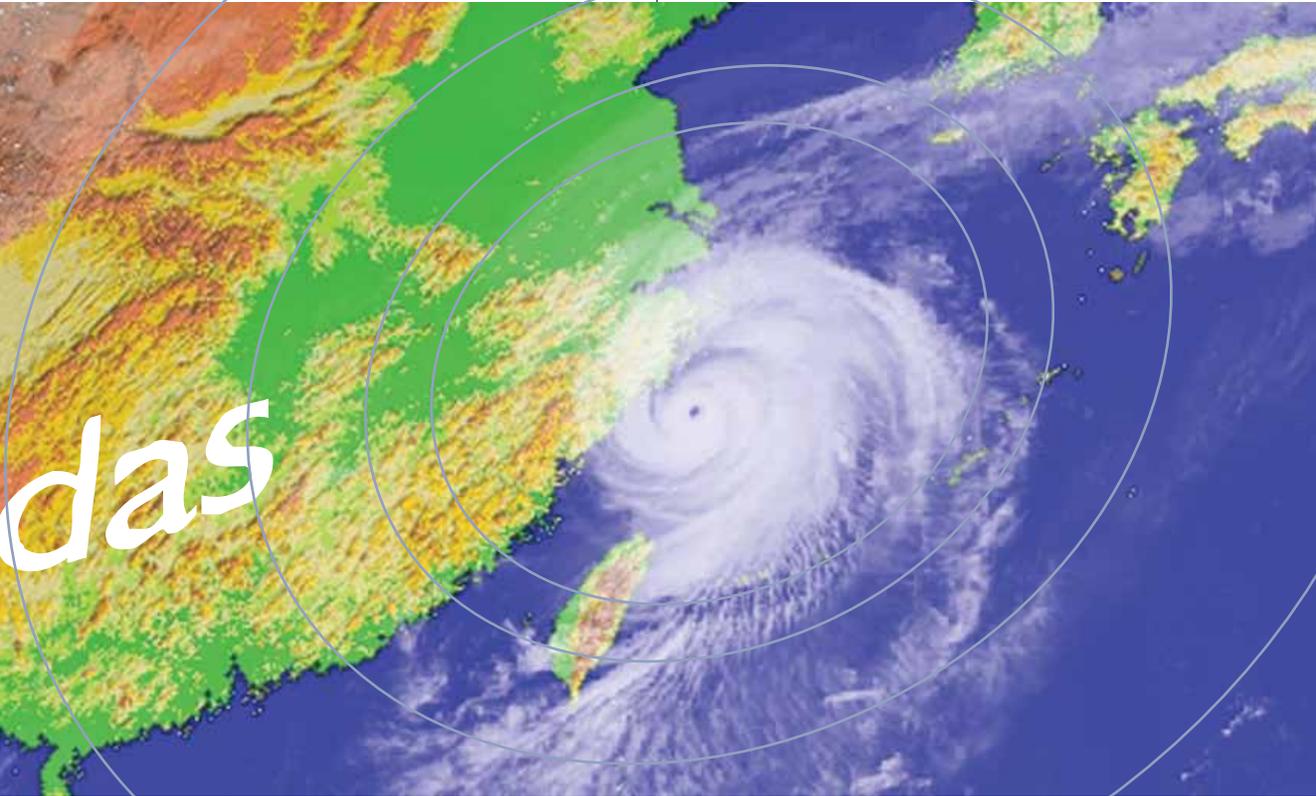
Macau os SMGM accionam os mecanismos de alerta e, normalmente, hasteiam o sinal nº 1 de tempestade tropical. Ao cimo da rampa do Observatório, na Colina da Taipa Grande, os Serviços Meteorológicos e Geofísicos de Macau monitorizam o estado do tempo, captando informações que são actualizadas de 15 em 15 minutos. Na época de tufões, a equipa dirigida por Fong Soi Kun redobra os esforços e a vigilância, de forma a poder fornecer com a maior exactidão possível a posição da tempestade.

Para isso é preciso recorrer a várias fontes: satélites meteorológicos, radares,

estações de observação meteorológica ou previsões e dados de serviços congêneres de outros países e regiões.

Factores como a circulação geral da atmosfera, as correntes marítimas ou a temperatura da água do mar são inseridos constantemente nos programas

sensibilização da população para os cuidados a ter sempre que são içados os sinais de aviso. Alberto Alecrim, português residente em Macau há 42 anos, lembra-se que antigamente as pessoas não tinham tanto cuidado. «Na maioria das casas não havia varanda,



de computador que, com base em modelos, projectam a movimentação das tempestades tropicais.

Novas tecnologias e prevenção

Naturalmente nem sempre foi assim. Quando António Viseu, subdirector dos SMGM, começou a trabalhar nesta área, em 1976, “era tudo escrito à mão e demorava-se muito mais tempo para fazer os cálculos e as previsões”.

Não só melhorou a capacidade para acompanhar os movimentos das tempestades tropicais, como a

por isso colocavam os vasos nas janelas e quando vinha o tufão caíam para a rua podendo ferir as pessoas que por elas passavam”, recorda. O jornalista reformado lembra uma situação em que “dois polícias foram atingidos por dois vasos, na zona do Tap Seac, acabando por falecer”.

Agora, normalmente, as pessoas seguem as recomendações feitas pelos SMGM e pela Protecção Civil.

Dando um exemplo de como isso pode ser determinante para a redução dos estragos e da perda de vidas humanas, Olavo Rasquinho, coordenador do

Secretariado do Comité dos Tufões, lembra o caso do Bangladesh. “Em 1970 um ciclone tropical muito forte provocou a morte a 300 mil pessoas, ao passo que em 1991 uma tempestade com a mesma intensidade apenas causou a morte a algumas centenas de pessoas”. Este caso foi estudado por especialistas e a conclusão acabou por ser simples. “As pessoas habituaram-se a seguir os avisos da protecção civil”, nota.

António Viseu aponta outro motivo para que os tufões tenham efeitos menos devastadores, “os edifícios antigamente não estavam tão bem preparados para ventos tão intensos”.

O papel da Protecção Civil

Em Macau, a Protecção Civil prepara todos os anos, semanas antes da época dos tufões, acções de treino e formação com o objectivo de aperfeiçoar a resposta. Diamantino Santos, coordenador da Protecção Civil, explica que, sempre que é hasteado o sinal nº 8, “existe um plano de emergência que é accionado, envolvendo vários serviços e companhias privadas de serviço público”. Corpo de Bombeiros, Instituto para os Assuntos



Para António Viseu, «a consciencialização da sociedade para o fenómeno dos tufões é fundamental»

Cívicos e Municipais, Polícia de Segurança Pública, Serviços de Saúde e hospitais, Cruz Vermelha, Serviços de Obras Públicas, Companhia de Electricidade de Macau (CEM), Serviços de Abastecimento de Água de Macau (SAAM) e Teledifusão de Macau (TDM) trabalham em conjunto com o objectivo de informar, precaver e responder aos efeitos das tempestades tropicais.

Com a aproximação de um tufão a Protecção Civil está particularmente atenta aos efeitos das chuvas intensas e dos ventos fortes na via pública e no quotidiano da população.

Os Serviços Meteorológicos e Geofísicos de Macau estão equipados com radares e antenas de captação dos sinais enviados pelos satélites

Inundações, derrocadas e o perigo dos andaimes

Nas zonas baixas da cidade, nomeadamente no Porto Interior, as inundações são frequentes, especialmente se houver uma coincidência entre a maré alta e a subida do nível das águas do mar e do caudal do Delta do Rio das Pérolas, resultante das chuvas. A precipitação intensa costuma provocar também derrocada de terras nas encostas das montanhas. Por outro lado, o vento forte pode derrubar árvores, tapumes, andaimes e reclames publicitários, o que constitui um perigo para quem circula na rua. Diamantino Santos está particularmente preocupado com os andaimes dos muitos edifícios que estão a ser construídos em Macau. “A estrutura desses edifícios em construção ainda é vulnerável e os andaimes estão colocados a uma altura muito elevada pelo que esta situação requer um especial cuidado”.

A passagem para o sinal número oito afecta consideravelmente a vida

quotidiana de Macau: as escolas são encerradas, os serviços públicos deixam de funcionar, muitos estabelecimentos comerciais também optam por fechar as portas e é comum ver as pessoas deslocarem-se aos supermercados para comprar bens essenciais para os próximos dias ou horas.

Na rua os carros escasseiam. Quando está içado o sinal nº 8, a circulação entre a ilha da Taipa e a cidade de Macau fica condicionada, sendo apenas possível transitar através do tabuleiro inferior da Ponte Sai Van. Quem não tem onde ficar pode dirigir-se à Casa-Abrigo do Instituto de Acção Social (IAS).

Televisão e Rádio em emissão contínua

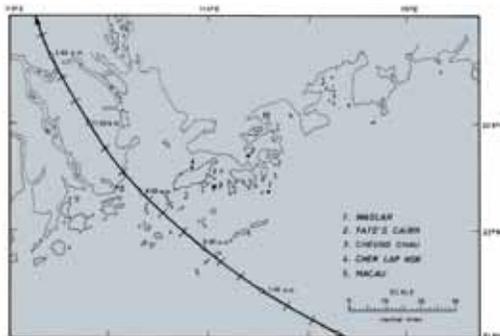
A TDM desempenha um papel muito importante neste tipo de situações. A empresa de serviço público de rádio e televisão começa a emitir continuamente assim que os SMGM anunciam a emissão do sinal nº 8. Hora a hora são

Os nomes dos tufões

O nome dos tufões era, até 2000, invariavelmente escolhido pelas autoridades norte-americanas, estacionadas no Centro Conjunto de Alerta contra Tufões de Guam. Durante vários anos, até 1979, tinham o nome de uma mulher. Depois começaram a incluir também nomes de homens, mas em Janeiro de 2000 o sistema de designação das tempestades tropicais mudou.

Actualmente, cada um dos catorze membros do Comité dos Tufões elabora de seis em seis anos uma lista com nomes que podem ser atribuídos às tempestades tropicais. O baptismo dos tufões é rotativo. Contudo, a elaboração da lista segue alguns critérios. “Temos de enviar as designações que propomos para que os restantes membros do Comité dos Tufões possam analisar, de modo a que o nome não seja considerado ofensivo para nenhum país ou região”.

Desde Janeiro de 2007 que Macau tem uma



lista de cinco nomes: Bebinca (pudim tradicional macaense), Peipah (peixe de estimação), Lin Fa (flor de lótus), Malou (em português Ágata, uma pedra preciosa) e Sanvu (coral). No ano passado, a RAEM já nomeou um tufão, o Chanchun (Pérola), pelo que na próxima sessão anual do Comité dos Tufões terá que propor uma nova designação.

Os Serviços Meteorológicos e Geofísicos organizaram um concurso em que o público sugeriu vários nomes. As escolhas do júri recaíram sobre Guia, Amigo, Sanba (São Paulo), Serradura e Zui-Long (dragão embriagado). ■

Terminologia técnica

As designações das tempestades tropicais dependem da velocidade média do vento.

Tempestade tropical - Tempestade que, acompanhada de ventos fortes, afecta uma área muito extensa, formando-se, normalmente, em zonas marítimas de baixa latitude. O movimento da massa de ar quente e húmido pode influenciar uma área circular com cerca de 1000 km de diâmetro. No hemisfério norte o movimento da circulação em espiral do ar é no sentido contrário ao dos ponteiros dos relógios. No hemisfério sul o movimento das massas de ar é no sentido dos ponteiros do relógio.

Depressão Tropical

Ventos entre 40 e 60 km por hora

Ciclone Tropical

Ventos entre 60 e 85 km por hora

Ciclone Tropical Severo

Ventos entre 85 e 118 km por hora

Tufão

Ventos acima de 118 km por hora

A designação depende da zona geográfica dos ciclones tropicais

Tufão

Noroeste do Oceano Pacífico – atingindo os países da Ásia Oriental

Furacão

Atlântico Norte, Pacífico Sul e Nordeste do Pacífico – afectando as Caraíbas e a costa ocidental dos Estados Unidos e México.

Tempestade Ciclónica Severa

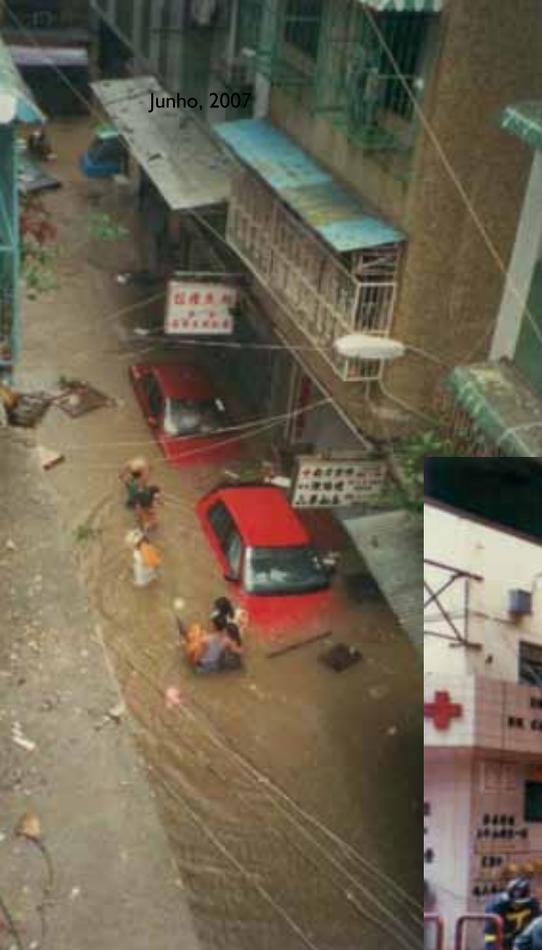
Norte do Índico – atingindo a Índia, Sri Lanka, Maldivas ou Bangladesh.

Ciclone Tropical

Sudoeste do Índico – afectando Moçambique, Maurícias, Moçambique ou Madagáscar.

Junho, 2007

Tufões



A middle-aged man with grey hair, wearing a white dress shirt and a patterned tie, is speaking outdoors. He has a serious expression and is gesturing with his hands. The background shows a clear sky and a white utility box on a rooftop.

«A mudança dos sinais é um assunto sensível que tem que ser analisado muito cuidadosamente»



fornecidas informações sobre a posição do centro da tempestade e as medidas de prevenção que devem ser tomadas pela população. Os canais de televisão e rádio efectuem directos da sede dos Serviços Meteorológicos e Geofísicos e reportagens do que se está a passar na cidade.

O director de informação e programas da TDM, João Francisco Pinto, salienta que a informação prestada se insere na obrigação de serviço público da empresa e no facto de a TDM fazer parte do sistema da protecção civil. As emissões em dias e noites de tufão representam “um esforço adicional de mobilização de pessoal”. Os profissionais dos quatro canais da TDM – televisão e rádio - permanecem em emissão contínua até que os SMGM desçam o sinal de alerta. Isso pode demorar várias horas, como aconteceu no ano passado em Agosto, quando o sinal nº 8 esteve hasteado durante 18 horas, devido à passagem do tufão Papiroon.

A acalmia enganadora do olho do tufão

Nos SMGM os dias de tufão são intensos com reuniões constantes em ligação directa com a Protecção Civil. A mudança dos sinais é assunto sensível que tem que ser “analisado muito cuidadosamente”, diz António Viseu. Quem determina se é necessário ou não passar do sinal 3 para o 8 é um grupo de especialistas que “pesam os dados disponíveis e analisam os modelos meteorológicos de simulação da atmosfera”.

Quando é içado o sinal nº 10, o que acontece muito raramente – apenas sucedeu por três vezes nos últimos 25 anos - o centro do tufão está a aproximar-se de Macau. Nessa altura pode haver uma ilusória acalmia. “O vento abranda, tornando-se numa brisa suave e o céu fica quase azul”, observa António Viseu, que já esteve por duas vezes no coração da tempestade. Quando o olho passa, “a violência da tempestade regressa com os ventos a soprem na direcção contrária



Tufões de outras eras

Noutros tempos a passagem por Macau de um tufão era sinónimo de destruição e, por vezes, de feridos ou mortes. O primeiro tufão de que há registo assolou o território no dia 5 de Setembro de 1738. Relatos da época referem que “nesse dia e até à manhã do dia seguinte, sofreu esta cidade e porto de Macau um horroroso tufão que pela grandeza dos estragos e desastres que dele constar, deve ser considerado talvez o maior que nestas paragens se viu”.

Mais devastador foi o fenómeno natural que visitou Macau na noite de 22 para 23 de Setembro de 1874. Estima-se que cerca de quatro mil pessoas terão morrido na sequência da passagem desse tufão cujo relato ficou registado por Pedro Gastão Mesnier, secretário do Governador,

no Boletim Oficial da Província de Macau e Timor. “Encapelando-se em montes sobrepostos, o mar levantou-se numa vaga medonha, e sopesando-se num instante, precipitou-se de chofre sobre toda a parte oriental da cidade, desde o forte de São Francisco até à Barra. As portas das casas da Praia Grande foram arrancadas (...) Peças de artilharia de muitas toneladas foram desmontadas, e transportadas a grande distância”. Os prejuízos foram estimados na altura em cem mil patacas. A força dos ventos foi tal que nem o Farol da Guia – inaugurado dez anos antes – escapou, danificando a sua torre. Um ano depois um outro tufão arrastou mais de 140 embarcações e danificou quase duas dezenas de habitações e edifícios, entre os quais

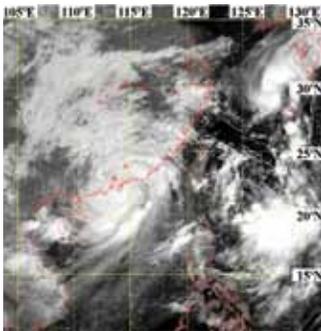
o Palácio do Governo, na Praia Grande. O Governador da altura, José Maria Lobo de Ávila, escapou por pouco à morte.

Prevenção mais eficaz

Nas primeiras décadas do século XX, o grau de destruição ainda foi assinalável. A 18 de Agosto de 1923 um ciclone tropical destruiu cerca de duzentos prédios, afundou dezenas de barcos e provocou a morte a quatrocentas pessoas. Alguns anos mais tarde, um outro tufão passou a apenas 16 quilómetros de Macau. Esta tempestade acabou por não causar estragos assinaláveis, em grande medida devido às melhorias das previsões dos Serviços Meteorológicos e do sistema de alerta. Nesse dia, o Observatório de

Hong Kong registou rajadas de vento a 267 quilómetros por hora, o valor mais elevado de sempre.

Depois da II Guerra Mundial os tufões ganharam nome, passando a ser baptizados pelas autoridades norte-americanas de Guam. O Glória, em 1957, passou perto da costa de Macau trazendo consigo doze horas seguidas de ventos fortes. Sete anos mais tarde, o Ruby soprou rajadas de ventos a uma velocidade de 211 quilómetros por hora. O sinal 10 voltou a ser hasteado apenas em 1979, quando o Hope, vindo de Hong Kong passou ao lado de Macau, subindo pelo Delta do Rio das Pérolas até enfraquecer.



A fúria de Ellen

Um tufão que ainda está bem vivo na memória de muitos residentes é o Ellen. Na madrugada de 9 de Setembro de 1983, vindo de sudeste, o olho do tufão espreitou Macau, passando junto à zona oriental da península

de Macau. Ellen deixou um rasto de destruição e morte como há vários anos já não se via. Na Doca de Lam Mau dez pescadores morreram em resultado do afundamento de vários juncos.

Nos últimos vinte anos, o sinal nº 10 só voltou a ser içado por duas vezes. Em 1991, o Becky assustou, mas com ventos inferiores a 110 quilómetros por hora acabou por não causar mortes nem feridos, provocando inundações nas zonas ribeirinhas e desalojando centenas de pessoas.

A última vez que os Serviços Meteorológicos e Geofísicos hastearam o sinal 10 foi em 16 de Setembro de 1999. Nesse dia, o olho do York passou pela ilha de Lantau desviando-se para oeste, mas sem chegar a visitar Macau. Na região administrativa especial vizinha, este tufão deixou má memória causando uma morte e 300 feridos. Em Macau as chuvas torrenciais causaram inundações nas zonas baixas da cidade e vários *placards* e árvores foram arrancados.

Num ano em que as tempestades tropicais estiveram particularmente activas nesta zona do mundo – chegaram ao Mar do Sul da China dezasseis tufões – o York transportou ventos cuja rajada máxima atingiu os 150 quilómetros por hora. ■

Meteorologia Lusófona em Macau

Macau vai receber, de 12 a 14 de Junho, o IV Encontro de Serviços Meteorológicos e Geofísicos da China, Macau e Portugal. A reunião vai ter a participação, pela primeira vez, de técnicos dos países de língua portuguesa. “Tendo em conta a aproximação da China aos países lusófonos e o papel de Macau nesse processo, pareceu-nos ser interessante e enriquecedor trazer representantes dos Serviços Meteorológicos dos países de língua portuguesa”, explicou António Viseu, subdirector dos Serviços Meteorológicos e Geofísicos de Macau.

As reuniões entre os responsáveis de Lisboa, Pequim e Macau tiveram início em 2000, quando a RAEM recebeu o primeiro evento. Dois anos mais tarde decorreu em Lisboa. A terceira edição realizou-se em Xangai.

Ao longo de três dias, os Serviços Meteorológicos da China, com Macau, e dos países de língua portuguesa vão debater os avanços tecnológicos e a investigação que tem sido feita acerca de fenómenos meteorológicos severos, como ciclones, tufões e tempestades. “Podemos comparar a experiência de cada um e tirar proveito da troca de opiniões entre os participantes”, sublinhou António Viseu. ■



Sede do Comité dos Tufões

É num edifício histórico, no Largo Eduardo Marques, na ilha de Coloane, que a equipa liderada por Olavo Rasquinho encontra o ambiente indicado para desenvolver as actividades do secretariado dos tufões.

Depois de oito anos de ausência, Olavo Rasquinho regressou ao território onde foi, entre

1996 e 1998, director dos Serviços Meteorológicos e Geofísicos. Quando recebeu o telefonema a perguntar se autorizava que o seu nome fosse recomendado pelo Governo de Macau para chefiar o secretariado dos tufões no caso de a candidatura da RAEM sair vencedora, estava já reformado dos Serviços de Meteorologia de Portugal. A candidatura de Olavo Rasquinho foi bem recebida, uma vez que “alguns directores dos serviços de países da Ásia Oriental ainda se lembravam do nome”. A seu cargo tem, desde Fevereiro de 2007, uma equipa de três técnicos ligados à meteorologia e hidrologia que tem por missão colocar em prática as deliberações tomadas na Assembleia do Comité dos Tufões.

«Os países e regiões do Comité dos Tufões estavam interessados em mudar a sede para um local que tivesse melhores condições», diz Olavo Rasquinho, coordenador do Secretariado dos Tufões

Depois de Manila, nas Filipinas, ter sido a cidade-sede do secretariado, a RAEM foi escolhida para albergar este órgão executivo por várias razões. Em primeiro lugar, explica Olavo Rasquinho, “os países e regiões do Comité dos Tufões estavam interessados em mudar o local da sede para um país ou região que tivesse melhores condições”. As autoridades de Macau movimentaram-se e na reunião do Comité dos Tufões que teve lugar em Hanói em Dezembro de 2005 a RAEM obteve doze votos a favor e apenas dois contra, passando a receber, pelo menos nos próximos quatro anos, a sede do secretariado.

Na prática o que faz o secretariado dos tufões? “Faz a interligação entre os países membros, organiza cursos de formação, prepara seminários e promove a investigação”, responde Olavo Rasquinho. O trabalho passa pela coordenação das actividades de três vertentes, que funcionam de forma interdependente: a meteorologia, hidrologia e protecção civil. Olavo Rasquinho exemplifica, em jeito de pergunta: “O que interessaria prever o tempo sem haver mecanismos para prevenir e avisar as populações?”. Os meteorologistas analisam os movimentos das massas de ar e prevêem o estado do tempo, ao passo que os hidrólogos se ocupam dos efeitos que os tufões têm nos caudais dos rios. A protecção civil actua junto da população, com vista à prevenção face aos desastres naturais e ajuda na remoção dos estragos causados pelos tufões. ■



O secretariado do Comité dos Tufões coordena actividades ligadas à meteorologia, protecção civil e hidrologia

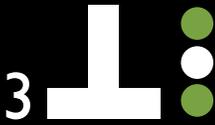
O que é o Comité dos Tufões?

Criado em 1968, o Comité dos Tufões é uma organização inter-governamental que congrega doze países e territórios que são afectados pelas tempestades tropicais que nascem na zona ocidental do Oceano Pacífico. Nos primeiros anos, o Comité dos Tufões – estabelecido sob os auspícios da Organização Mundial de Meteorologia e da Comissão Económica para a Ásia e Extremo Oriente (ECAFE) – era composto pelo Camboja, China, Hong Kong, Laos, Malásia, Filipinas, Coreia do Sul, Tailândia e Vietname. Macau aderiu ao Comité dos Tufões em 1992, no mesmo ano em que a Coreia do Norte passou a integrar a organização. Mais tarde os Estados Unidos e Singapura juntaram-se ao Comité dos Tufões, uma das cinco organizações regionais que lidam com os ciclones tropicais em cinco zonas do mundo: Caraíbas, Pacífico Oriental, Sul do Índico, Pacífico Sul e Ásia Oriental. A próxima reunião geral desta organização vai decorrer no último trimestre deste ano em Macau. ■



Sinal de alerta: o centro de uma tempestade tropical está a menos de 800 km da RAEM podendo vir a afectar a RAEM.

Verificar a segurança dos objectos que possam ser arrastados ou destruídos pelo vento: tapumes, andaimes, vasos, antenas, etc. Manter as pequenas embarcações na vizinhança dos abrigos.



O centro da tempestade tropical movimenta-se de forma a ser possível que se façam sentir na RAEM ventos compreendidos entre 41 km/h e 62 km/h com rajadas de cerca de 110 km/h.

Recolher as embarcações aos abrigos e portos de segurança; Verificar a segurança das portas e janelas; desobstruir as sargetas e goteiras; acompanhar os boletins meteorológicos emitidos pelo rádio, televisão e outros meios electrónicos de comunicações.



O centro da tempestade tropical está a aproximar-se sendo possível o registo na RAEM de vento do quadrante indicado entre 63 km/h e 117 km/h com rajadas de cerca de 180 km/h.

São encerrados todos os estabelecimentos de ensino. As crianças devem permanecer em casa. Portas e janelas fechadas, com segurança. Concluir todas as medidas habituais de precaução. As pontes podem ser encerradas a qualquer momento, havendo um aviso prévio. As emissoras passam a trabalhar em regime permanente.



Trajectória dos tufões que afectam Macau

As tempestades tropicais que afectam Macau formam-se, geralmente, no Oceano Pacífico, a leste das Filipinas, percorrendo uma trajectória de sudoeste para noroeste. Por vezes formam-se no Mar do Sul da China, apresentando, em contrapartida, menor intensidade e uma trajectória mais irregular. ■



O centro da tempestade tropical continua a aproximar da RAEM e prevê-se que a RAEM será severamente afectado.

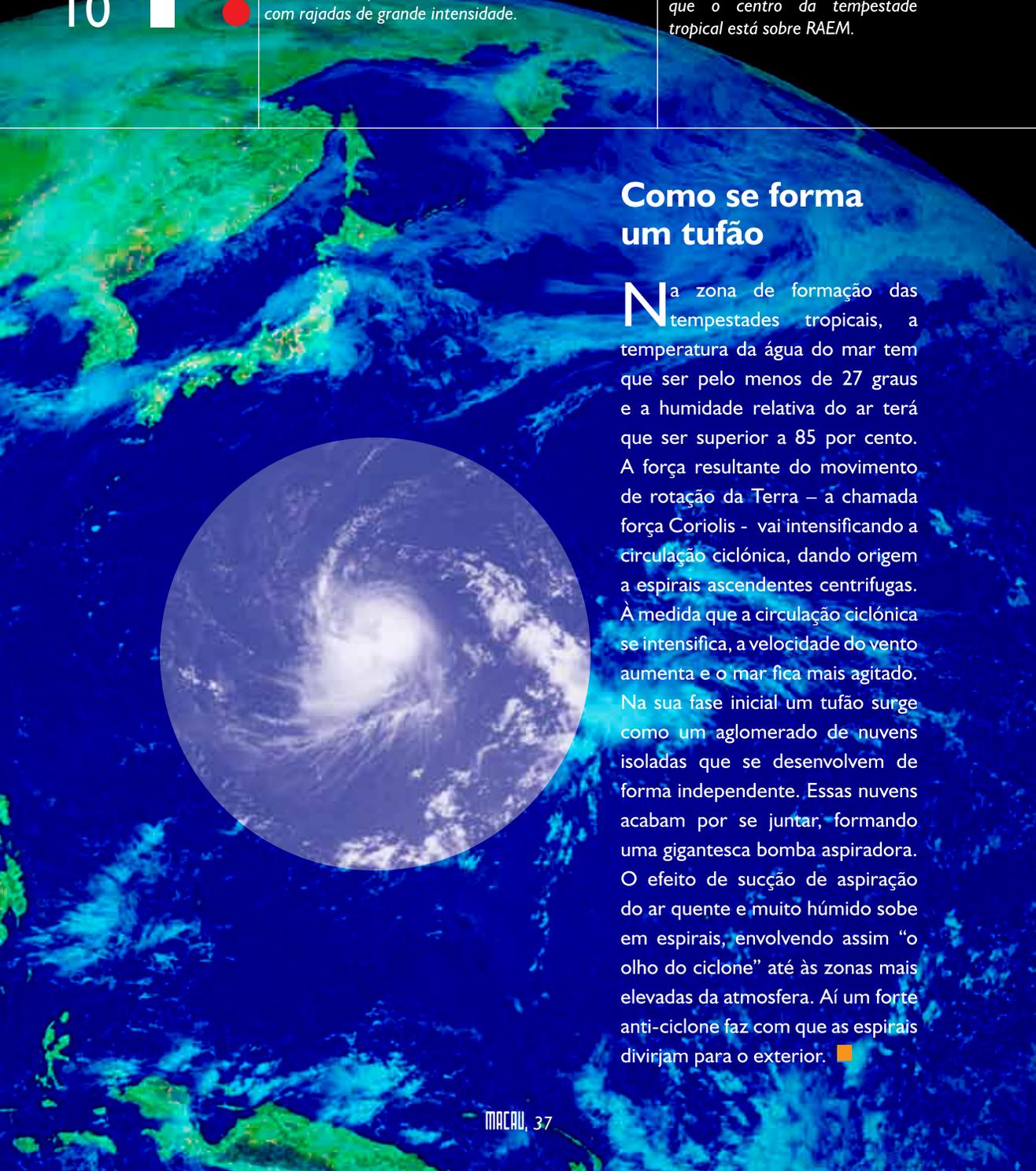
Circulação de peões e viaturas reduzido ao mínimo indispensável. Reforçar as portas e janelas mais expostas com trancas ou móveis pesados.

Seguir as recomendações e avisos difundidos pelos meios de comunicação.

Estar atento a que uma acalmia temporária indica normalmente que o centro da tempestade tropical está sobre RAEM.



Aproxima-se uma tempestade tropical cujo centro passará nas vizinhanças imediatas da RAEM, admitindo-se que o vento médio exceda os 118 km/h com rajadas de grande intensidade.



Como se forma um tufão

Na zona de formação das tempestades tropicais, a temperatura da água do mar tem que ser pelo menos de 27 graus e a humidade relativa do ar terá que ser superior a 85 por cento. A força resultante do movimento de rotação da Terra – a chamada força Coriolis - vai intensificando a circulação ciclónica, dando origem a espirais ascendentes centrífugas. À medida que a circulação ciclónica se intensifica, a velocidade do vento aumenta e o mar fica mais agitado. Na sua fase inicial um tufão surge como um aglomerado de nuvens isoladas que se desenvolvem de forma independente. Essas nuvens acabam por se juntar, formando uma gigantesca bomba aspiradora. O efeito de sucção de aspiração do ar quente e muito húmido sobe em espirais, envolvendo assim “o olho do ciclone” até às zonas mais elevadas da atmosfera. Aí um forte anti-ciclone faz com que as espirais divirjam para o exterior. ■

MIF realiza-se em Outubro

A edição anual da Feira Internacional de Macau (MIF) realiza-se entre os dias 18 e 21 de Outubro. O anúncio foi feito oficialmente em Pequim por responsáveis do Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM).

Na edição de 2006, que coincidiu com a reunião do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, estiveram presentes 148 delegações de 47 países e regiões distribuídas por 326 stands. A FIM 2006 foi visitada por cerca de 65 mil pessoas.

Bacará gera receitas de 15,45 mil milhões

O bacará em Macau já é o principal gerador de receitas nos casinos. As quatro variedades de bacará – bacará VIP, bacará, mini-bacará e bacará de três cartas – geraram receitas brutas de 15,45 mil milhões de patacas nos primeiros três meses do ano, um aumento homólogo de 46,8 por cento.

Já as *slot machines* são responsáveis por 732 milhões de patacas das receitas brutas no mesmo período, o que representa um aumento homólogo de 72,2 por cento.

De acordo com os dados da Direcção de Inspecção e Coordenação de Jogos as receitas brutas do jogo em Macau atingiram 18,06 mil milhões de patacas no primeiro trimestre de 2007, o que representa um aumento homólogo de 43,5 por cento.

Mais de seis milhões de visitantes

O número de visitantes em Macau no primeiro trimestre cresceu 21,4 por cento face ao mesmo período do ano passado, ou seja, ao território chegaram já mais de 6,3 milhões de turistas.

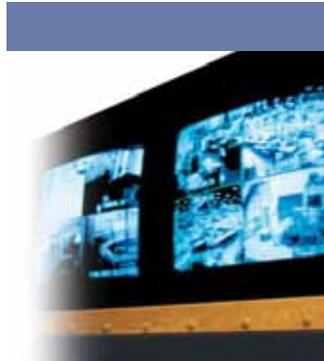
De acordo com a informação da Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, mais de 3,5 milhões dos visitantes eram oriundos do continente chinês, a que se seguiram os visitantes de Hong Kong e de Taiwan.

Macau, que em 2006 recebeu 21,98 milhões de visitantes, deverá registar este ano um número ligeiramente superior aos 25 milhões de visitantes, maioritariamente oriundos do continente chinês.

Salário mínimo para a limpeza e segurança

O Governo definiu um salário mínimo, de 21 patacas por hora, ou seja 4032 por mês, para os trabalhadores de limpeza e segurança em regime de *outsourcing* para o Governo. O valor foi decidido em reunião plenária do Conselho de Concertação Social e aplica-se aos contratos de seis meses a um ano, celebrados a partir de 1 de Setembro.

De acordo com o director dos Serviços de Assuntos Laborais (DSAL), Shuen Ka Hung, para já o Governo de Macau exclui a possibilidade de extensão do salário mínimo a outros tipos de trabalhadores.





Maior hotel da Sheraton vai ser em Macau

A *Sheraton* vai ter o seu maior hotel em Macau, com 4000 quartos, no âmbito de um acordo assinado com a *Las Vegas Sands Corp.*. O projecto deverá abrir as portas já no próximo ano. A *Starwood Hotels*, além do *Sheraton Macau Hotel*, tem projectado ainda mais dois hotéis: *St. Regis Hotel*, com 460 quartos e mais de 400 *Residências St. Regis*, obras que deverão estar concluídas em 2009.

O projecto da *Las Vegas Sands* no Cotai inclui dez hotéis com um total de 20 mil quartos, além dos espaços comerciais, centros de convenções, áreas de lazer e de restauração.



Prémio para a fotografia

Taxista de profissão e apaixonado pela fotografia, Chong Chon Loi arrebatou o primeiro prémio do concurso fotográfico “Ano do Porco 2007”, promovido pelo Jornal *Tribuna de Macau (JTM)*. A fotografia vencedora ilustra um dos momentos das comemorações do dia de ano novo chinês: uma dança do dragão desfilando no Largo do Senado. O segundo prémio coube a Ip Chin Wa. Para o director do *JTM*, José Rocha Dinis, este concurso é uma forma de a imprensa portuguesa comunicar também com a comunidade chinesa. Para o ano, e a propósito do Ano do Rato, o *Jornal Tribuna de Macau* pensa repetir o concurso.



Declaração Conjunta: 20 anos depois

A Declaração Conjunta Sino-Portuguesa sobre a Questão de Macau e os seus princípios “estão a ser implementados em Macau de forma muito séria”, afirmou Qin Gang, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE). “O regresso de Macau é também um exemplo bem sucedido da cooperação entre a China e Portugal. Injectou um novo vigor no desenvolvimento das relações bilaterais e enriqueceu o seu conteúdo”, acrescentou. Qin Gang, que falava na véspera dos 20 anos da assinatura do documento, referiu que as relações entre Portugal e a China têm vindo a “fazer progressos serenos, a expandir-se e a aprofundar-se”. Em sete anos, a RAEM “conseguiu provar” que é possível manter o sistema capitalista e o desenvolvimento gradual da economia e da sociedade, defendeu, por seu turno, Edmund Ho.



Visitas ao Sudeste Asiático

O Chefe do Executivo deslocou-se em Abril à Tailândia, à Malásia e a Singapura. A visita visou reforçar contactos e a comunicação ao mais alto nível com os dirigentes daqueles países, assim como a promoção de Macau como plataforma turística e o papel desempenhado pelo território como intermediário entre a China e os países de língua portuguesas. Edmund Ho acredita que os empresários de Macau vão aproveitar o momento criado pela visita para intensificarem contactos com os parceiros locais. O Chefe do Executivo lembrou, por outro lado, que Singapura tem demonstrado interesse no desenvolvimento do sector do Jogo e, por isso, existe um enorme espaço para ampliar a cooperação bilateral em termos de turismo regional.

法學碩士課程

Mestrado e Pós Graduação em Direito



A leccionação do Curso de Mestrado em Direito em Língua Portuguesa teve início em 1995.



Objectivos

Facultar uma formação especializada a juristas para a prática do ensino e da investigação na área do Direito e promover o estudo e o desenvolvimento do Direito em Macau, no contexto regional e internacional.

Estrutura do Curso

O grau de Mestre em Direito é concedido nas seguintes áreas de especialização:

- Ciências Jurídicas
- Ciências Jurídico-Políticas

Requisitos de Admissão

Os candidatos titulares do grau de Licenciatura em Direito com a classificação final de Bom (14 valores) podem ser admitidos directamente. Os candidatos com nota inferior a 14 poderão ser admitidos de acordo com o regulamento aplicável, após entrevista pelo júri, que pode recomendar a admissão, designadamente em face de curriculum, de trabalhos publicados e de conhecimento de língua estrangeira que considere de particular valia.

Duração do Curso

O Curso de Mestrado terá a duração de dois anos.

As disciplinas do curso são ministradas no período de um ano. A apresentação e defesa da dissertação devem ter lugar no prazo de 12 meses após o termo da parte curricular ou no prazo que vier a ser fixado de acordo com o respectivo regulamento.

Para informações

Email: fll.enquiry@umac.mo - Phone: (853) 3974797 Fax: (853) 3974798

www.umac.mo/fll

Amorim constrói fábrica em Xian

Com uma presença na China de mais de 20 anos, a *Corticeira Amorim* está a construir uma fábrica em Xian, que deverá começar a laborar no final do ano

A presença económica de Portugal na China é muito reduzida, apesar das seculares relações entre os dois países. Nos últimos anos muito se tem falado na aposta das empresas portuguesas naquele que é um mercado em grande desenvolvimento. Os dois governos pretendem duplicar as trocas comerciais a curto prazo e desde finais de 2005 que Portugal é um dos poucos países da Europa que beneficia do estatuto de parceiro estratégico com a China.

A *Corticeira Amorim*, líder mundial do sector, é uma excepção, já que há mais de 20 anos que opera no Oriente. Em 2006, o volume de vendas e a compra de matéria-prima na China aumentou e dentro de poucos meses vai ser inaugurada uma unidade, já em construção em Xian.

Mário Costa, o rosto da *Amorim* na China, conhece por dentro o mercado chinês. Em Macau, onde vive a família, passa apenas alguns dias do ano. O resto do tempo é gasto a viajar pelo interior da China e em viagens entre a Europa e a Ásia. Em muitos desses voos tem como companhia empresários e arquitectos chineses que se deslocam a Portugal para conhecerem o universo da *Amorim*.

“Com o objectivo de mostrar o que fazemos e a nossa dimensão, organizamos com regularidade visitas de clientes a Portugal. Tem sido uma excelente experiência, pois além de ficarem a conhecer melhor o mundo da cortiça, manifestam quase sempre um grande fascínio pela Europa”, nota Mário Costa.

Chegou a Pequim em 2001, depois de cinco anos na Rússia. Fala fluentemente o russo, o que não sucede com o chinês. “O russo tem uma estrutura lógica, nesse aspecto é muito parecido com as línguas europeias. O chinês é muito complicado em termos estruturais. Quem chega à China e optar por aprender o idioma não tem tempo para

trabalhar”, assegura à MACAU - com humor - Mário Costa, numa tarde amena no complexo Doca dos Pescadores.

No Café Rubi - um estabelecimento decorado com alguns dos produtos que a Amorim vende, designadamente revestimentos - começa por abordar a presença da corticeira na China.

“Nos velhos tempos da economia centralizada abrimos um escritório de representação no Hotel Pequim”, recorda, sublinhando que uma unidade de acabamento de rolhas funciona há anos na capital chinesa.

A China não tem osobreiro, mas possui uma árvore semelhante, de onde se pode extrair matéria-prima para a indústria da cortiça, “não dá para fazer rolhas, mas tem outras aplicações”. A Amorim compra mais na China do que vende, apesar de nos últimos anos se ter registado uma elevada subida no volume de negócios.

“Compramos quase quatro vezes mais do vendemos, mas o potencial de crescimento da China é enorme”, nota, frisando que em 2006 o negócio dos pavimentos registou uma taxa de crescimento de 30 por cento.

A Amorim vende na China rolhas, pavimentos e outros materiais para a construção, juntas para a indústria automóvel e motores e aglomerados para a indústria, no valor anual de 80 milhões de patacas. No Império do Meio compra pavimentos, madeiras e bambus, no montante de 300 milhões de patacas.

“Não se pode ter a ambição de fazer tudo na China. O mais acertado é escolher produtos que tenham uma grande hipótese de crescimento”



O objectivo é duplicar, no prazo de dois anos, o número de pontos de vendas, que é actualmente de 100. "Já temos distribuidores dos pavimentos nas cidades costeiras, mas queremos expandir por anéis em direcção às cidades do interior do país", refere o director de operações da *Amorim* para a China.

Febre consumista

As mudanças operadas nos últimos anos na China contribuíram para que uma parte significativa da população tenha capacidade financeira para consumir produtos de qualidade. "A exigência dos Chineses é hoje totalmente diferente e, por isso, as empresas que estão já a operar neste vasto mercado podem ter excelentes resultados a curto e

médio prazo", observa.

O boom da construção por que passam as grandes cidades chinesas abre boas oportunidades de negócio. Nos segmentos de revestimentos e isolamentos a *Corticeira Amorim* espera aumentar o volume de vendas para a China.

A principal aposta passa, contudo, pela construção de uma unidade em Xian, a antiga capital imperial. Um projecto em fase final de conclusão, que deverá estar operacional ainda este ano.

António Amorim, líder da *Corticeira Amorim*, disse à **MACAU** que a empresa portuguesa vai investir 20 milhões de patacas na unidade, que numa primeira fase vai produzir aglomerados para a indústria.

A localização da fábrica tem a ver com o facto



de na zona de Xian existir a matéria-prima, que depois será transformada. “No prazo de dois anos podemos fabricar outros produtos, como pavimentos”, esclarece Mário Costa.

O projecto demorou alguns anos a ser concretizado, já que foi necessário ultrapassar várias etapas. “Não temos parceiros na fábrica, o terreno levou algum tempo a ser adquirido pela *Amorim*, mas, finalmente, estamos em condições de avançar. As obras já começaram e ainda este ano devemos iniciar a



laboração”.

A nova unidade da *Corticeira Amorim* pode corresponder ao aumento da procura na China de produtos de cortiça, como rolhas, pavimentos e isolamentos. “O consumo de vinho está em franco crescimento e os outros produtos são cada vez mais solicitados, pela classe média e alta chinesa, que não pára de aumentar”, argumenta.

Apostar em nichos de mercado

Seis anos depois de ter aportado à China, Mário Costa reconhece que está perante um mercado emergente, mas alerta para a necessidade de conhecer bem a mentalidade chinesa: “Não se pode ter a ambição de fazer tudo na China. O mais acertado é escolher nichos de mercado, produtos que tenham uma grande hipótese de crescimento. Depois, é preciso ter paciência e desenvolver um trabalho preparatório, muito cuidadoso e criterioso. Os resultados podem ser colhidos a médio prazo.

Os lucros aqui não são imediatos”.

A selecção dos parceiros é muito importante, defende Mário Costa. “A mão-de-obra e outros custos não significam um grande investimento, mas é fundamental escolher com rigor os futuros sócios. O sucesso dos projectos estão directamente relacionada com esta questão», acrescenta, sustentando que é útil conhecer a maneira de ser dos chineses para ter êxito.

“A confiança e a amizade demoram algum tempo a conquistar, mas quando isso sucede os negócios têm quase sempre sucesso. A relação pessoal é fundamental, mas o processo não pode ser acelerado. Os chineses têm muito sentido de oportunidade e nada se resolve com uma ou duas reuniões”.

O director da *Amorim* na China garante que é possível apostar neste mercado sem perder dinheiro. “É prioritário estar presente no terreno, o que acarreta sempre algum investimento, mas não é preciso ser uma grande empresa”.

Mário Costa aponta para a promoção dos vinhos portugueses. «Não se pode ficar apenas pelas visitas de Estado, a presença numa ou noutra feira e nas chamadas provas de vinhos”. “É necessário”, argumenta, “chegar ao consumidor, fazer chegar os *stocks* às grandes lojas, onde também estão os vinhos franceses, americanos ou australianos”. ■

Seis mil colaboradores em 46 países



Líder mundial do sector da cortiça, a *Corticeira Amorim*, com mais de 100 anos de existência, é uma das mais internacionais empresas portuguesas. Os seus produtos e serviços (da cortiça, aos recursos naturais, da área financeira, ao imobiliário, passando pelo turismo) estão um pouco por todo o mundo. Está presente em 46 países e integra cerca de 6000 colaboradores. Tudo começou em 1870, com a produção manual de rolhas para vinho do Porto, feita por António Alves Amorim, numa oficina em Vila Nova de Gaia.

Em 1922, os filhos do fundador criaram a *Amorim & Irmãos*. A partir da década de 60, com a constituição da *Corticeira Amorim, S.A.*, os desperdícios resultantes da produção de rolhas são aproveitados para outros produtos, representando 75 por cento da matéria-prima utilizada.

Em 1972, o grupo avança para Espanha, Marrocos, Tunísia e Argélia, países onde se concentra o sobreiro ou *Quercus Suber L.*, árvore milenar de onde é extraída a cortiça.

Em 1998, foi criada a holding do Grupo, a *Amorim Investimentos e Participações SGPS, S.A.*

As aplicações de cortiça incluem não apenas produtos tradicionais de alto valor acrescentado, como é o caso da rolha, mas também produtos que incorporam avançada tecnologia de fabrico e elevados padrões de I&D.

A *Corticeira Amorim* disponibiliza um portefólio de produtos de elevada qualidade, com utilização por indústrias tão diversificadas e exigentes como a indústria aeronáutica, de construção, ou a vinícola.

Portugal é o primeiro produtor mundial de cortiça, responsável por 52 por cento da produção mundial, o que corresponde a cerca de 155.000 toneladas / ano. Além disso, transforma 75 por cento do total.

A produção de rolhas constitui a base da indústria corticeira, mas este produto tem múltiplas aplicações em sectores tão diversos como a indústria automóvel, a construção civil, o vestuário, as pescas, o calçado e até a produção de energia calorífica e eléctrica.

A *Corticeira Amorim* encerrou o ano de 2006 com lucros de 200 milhões de patacas (25 milhões de dólares americanos), mais 28 por cento face aos 157 milhões obtidos no ano anterior. O processo de reestruturação, iniciado em 2004, vai estar concluído no corrente ano.

“Há negócios que vão ser reenquadrados no sul de Portugal e outros no norte. No sul vai ficar toda a operação de rolhas técnicas, enquanto no norte ficará concentrado tudo o resto, ou seja, o fabrico de rolhas naturais, com cápsulas, de champanhe e aglomerados”, explica António Amorim.

A reestruturação da base industrial representa um investimento de 270 milhões de patacas. ■



Jovens e profissionais são a melhor esperança para aprofundar as relações económicas entre Portugal e a China

Aprender a negociar na China

Os vinte e cinco jovens quadros portugueses que estão a realizar um estágio de nove meses em Xangai e em Pequim são a promessa de um novo impulso nas relações económicas entre Portugal e a China. Ao abrigo do programa Inov Contacto – Estágios Internacionais de Jovens Quadros, já com dez anos de vida, estes quadros com diferentes passados, currículos e formações juntam-se agora na capital chinesa para uma experiência de vida semelhante.

O objectivo, explica Vera Sousa Macedo, coordenadora do programa, é criar uma “escola de quadros capazes de acrescentar valor nas empresas portuguesas presentes na economia mundial”.

Vera Sousa Macedo destaca mesmo a capacidade de “gestão entre culturas” como uma das mais-valias do programa para a economia portuguesa.

“A experiência no estrangeiro ao longo de cerca de nove meses dará ao jovens uma visão da economia global que, ao serviço das empresas portuguesas, vai contribuir decisivamente para a sua internacionalização”, acrescenta.

Em relação à China, considera a responsável, “o contraste com uma cultura bastante diferente da ocidental permite um crescimento pessoal e faz desenvolver uma atitude positiva, com um aumento da auto-estima que será fulcral no desenvolvimento profissional dos jovens”.

O sucesso dos anteriores programas reflecte-se no número crescente de candidaturas, que torna o processo de selecção cada vez mais competitivo. O ano de 2007 teve mais de dois mil candidatos, mas só 198 foram escolhidos.



advogado

Entre Pequim e Xangai, entre jornalistas e gestores, engenheiros e licenciados em turismo e gestão hoteleira, entre advogados e enólogos, aqui fica o caso de seis estagiários do INOV Contacto, em Pequim há quase quatro meses.

Nuno Mendes, 28 anos, apostou forte nesta vinda para a China. Para trás, em Vila Nova de Gaia, fica a mulher, com quem havia casado três meses antes da partida, uma casa por pagar, um emprego na Portugal Telecom, o estágio de advocacia, a vice-presidência da Juventude Social Democrata do Porto, um cargo na direcção nacional do Corpo Nacional de Escutas (o escutismo católico português), e uma pós-graduação em gestão. Ainda assim, Nuno Mendes acha que o risco vale a pena, que a participação no programa poderá ser “a tal oportunidade que todos procuramos nas nossas vidas”. Em especial para mudar a carreira, um pouco mais para longe do Direito, mais para perto da Gestão.

A estagiar numa consultora que apoia empresas estrangeiras a implantar-se no mercado chinês, o advogado acredita que o que está a aprender na China poderá ter retorno para a economia portuguesa.

“Regressar munido de conhecimentos sobre os mecanismos do mercado chinês obtidos *in loco* poderá ser uma ferramenta para aquela que já deveria ser uma estratégia perfeitamente instalada na mentalidade das empresas portuguesas: uma abordagem mais agressiva a este mercado, que será, dentro de pouco tempo, o principal mercado do mundo”, afirma.

Nuno Mendes acredita que, também pessoalmente, não volta a ser o mesmo. “Trabalhar no estrangeiro, sobretudo num país como a China, constitui a melhor das oportunidades para alargar a nossa visão do mundo e relativizar preconceitos. Pode ser difícil, mas é uma aprendizagem que marca de forma indelével aqueles que a ela são sujeitos.”

Nuno Mendes: *O meu objectivo é regressar munido de conhecimentos sobre os mecanismos do mercado chinês*

a



economista

Com um mestrado em Economia, em que estudou as transformações económicas internacionais, para Alexandra Paulino, 27 anos, a vinda para a China não podia ter calhado melhor. Em poucos locais do mundo essas transformações serão tão evidentes quanto na capital chinesa.

“A China é perita em termos de tecnologias, uma das suas rampas de lançamento da economia neste momento. O Investimento Directo Estrangeiro é fortíssimo e nota-se a presença das multinacionais por onde se passa. Nota-se também que realmente existe uma grande disparidade de rendimentos entre a população urbana e rural”, nota Alexandra Paulino, que diz que o que mais lhe chamou a atenção nestes quase quatro meses de China foi a cultura empresarial.

“Os chineses e os portugueses têm diferentes formas de trabalhar e de resolver os problemas. São culturas diferentes, sem dúvida, com ritmos também muito distintos. Aprendi que os valores são importantes e que os compromissos devem ser respeitados. A pontualidade em contexto de trabalho é uma das coisas que mais me impressionou positivamente”, comenta.

Acabou por ficar a “jogar em casa”, a estagiar no ICEP, a agência que gere o Inov Contacto. Quanto a planos futuros, sabe bem o que gostaria de fazer. “Trabalhar na área do Comércio Internacional, numa multinacional ou numa empresa portuguesa que se queira internacionalizar ou que já esteja neste processo seria ouro sobre azul”, acrescenta.

Alexandra Paulino: Aprendi que os valores são importantes e que os compromissos devem ser respeitados.

David Loução: Ao trabalhar com pessoas de várias nacionalidades, aprendem-se novos métodos de trabalho, novas ideias, que proporcionam um melhor desempenho profissional



gestor

Ao inscrever-se no Inov Contacto, David Loução, 25 anos, com uma licenciatura em Gestão, queria deixar Portugal e valorizar o currículo com uma experiência de trabalho internacional, mas apontava para mais perto de casa. “A minha opção passava por ficar pela Europa, mais a norte”, lembra. “Quando soube para onde vinha, fiquei apenas a pensar na palavra ‘China’, num choque inicial que durou alguns minutos. Depois foi o conciliar de emoções, entre o entusiasmo, pois é uma boa oportunidade de estar no centro do mundo e de conhecer a Ásia, e a apreensão, pois isso englobava uma mudança de planos pessoais e profissionais”, sublinha David Loução, que deixou para trás o emprego em Portimão, onde morava, pela experiência da China.

O estágio na Câmara de Comércio da União Europeia em Pequim, que representa os interesses das empresas europeias na China, já lhe permitiu tirar conclusões – positivas e negativas - sobre o mercado chinês.

“As empresas atravessam grandes dificuldades, do processo de selecção do parceiro chinês e da forma de implementar a empresa ao planeamento, do processo de decisão e ao nível operacional, onde as restrições legais são imensas. Mas nem tudo é mau, pois a oportunidade de negócio é bastante atractiva, em virtude da dimensão do mercado e das possibilidades de deslocalização de produção, com a consequente redução de custos”, considera.

O ambiente internacional que se vive em Pequim é outro dos atractivos da cidade para David Loução, que já faz mesmo umas peladinhas com uma equipa internacional de futebol. “É uma experiência que abre os horizontes. Ao trabalhar com pessoas de várias nacionalidades, aprendem-se novos métodos de trabalho, novas ideias, que proporcionam um melhor desempenho profissional”, conclui.

OS

engenheiros



Só há uma coisa que a Cláudia Raimundo, engenheira do Ambiente, 28 anos, ainda lhe custa fazer: é ir ao supermercado. “Sou franca. Aquilo é uma mistura de feira, com mercado e hipermercado, mas torna-se extenuante devido à confusão”. Quanto ao resto, depois do mestrado na Alemanha e de uma experiência anterior de trabalho no estrangeiro, a adaptação foi rápida.

Cláudia Raimundo, que se despediu do emprego que tinha em Portugal, acredita que a aposta e o risco valeram a pena, e que a experiência profissional a que teve aceso na China vai dar frutos no futuro.

“Por um lado, porque estou na China, uma economia em desenvolvimento, com um crescimento bastante acentuado, que tem vindo a ser um dos principais centros de atenção do resto do mundo. Por outro lado, a minha área de estágio é no sector das Energias Renováveis, com um papel cada vez mais importante ao nível mundial”, diz.

A estagiar numa empresa inglesa de consultoria de energias renováveis e ambiente, gere projectos de energias limpas e eficiência energética na China, um sector que considera cheio de oportunidades.

Nunca pensou que poderia vir parar à China, mas, agora, “adora” a vida em Pequim. Para além, é claro, das idas ao supermercado.

Cláudia Raimundo: *estou na China, que tem vindo a ser um dos principais centros de atenção do resto do mundo.*

O percurso de Cláudia Raimundo é diferente da do outro engenheiro do grupo, Gonçalo Mataloto. Com 25 anos, fresco da universidade, mal acabou o curso de Engenharia Electrotécnica e de Computadores, viu-se a estagiar em Pequim na *Tekever*, uma empresa portuguesa de tecnologias da informação presente no mercado chinês.

Gonçalo Mataloto sabia o que queria ao acabar o curso – dar os primeiros passos na vida profissional no estrangeiro e numa empresa com nome no mercado. Ao saber que tinha sido escolhido para a China, sentiu que era naquele momento que o futuro estava a começar.

“Fui abalado pela primeira vez por dúvidas. Se isto era de facto o que eu pretendia para mim e se teria sido a melhor escolha. Mas não me arrependo. Continuo a achar que foi a escolha certa”, afiança. “Para já, planeio ficar a trabalhar fora de Portugal por mais um ou dois anos. Na China, em determinados aspectos, a forma de abordar questões é completamente distinta daquela a que estava habituado. Isso provoca um estímulo bastante forte para quebrar vícios de raciocínio e procurar ter uma perspectiva das coisas menos limitativa”.

Gonçalo Mataloto acredita ainda que o trabalho que faz agora na China alguma vez há-de trazer benefícios em Portugal, graças à experiência internacional que ganham os participantes do Inov Contacto. “Ao reintegrar o mercado profissional português, podemos contribuir de forma positiva com a experiência e os conhecimentos diferenciados que obtivemos no decorrer dos nossos estágios”, afirma.



Gonçalo Mataloto: *Na China a forma de abordar questões é completamente distinta da que estava habituado.*

a

Susana Soares: O mundo dos negócios chinês tem maior abertura mental e não é tão adverso ao risco

fotógrafa



Susana Soares de Sousa, que fotografou os retratos dos colegas para a revista **MACAU**, vê Pequim pelos ângulos da máquina fotográfica. “É mística, é uma cidade com uma cultura riquíssima”, garante.

Com 25 anos, tem, para além de um curso de fotografia, uma licenciatura em Turismo. Faz estágio no grupo hoteleiro *Flo* (proprietário, entre outros, de um dos melhores e mais caros restaurantes de Pequim) e lembra-se que, ao se inscrever para o *Inov Contacto*, a preferência era África e a China “o último lugar para onde pensava ir”. Não se arrependeu, antes pelo contrário.

“Estar a trabalhar com pessoas de diferentes nacionalidades, lidar com diferentes culturas diariamente é bom para um amadurecimento profissional,”assegura. “A cultura empresarial é totalmente diferente da de Portugal e tive de adaptar a minha maneira de pensar e de agir à cultura chinesa. Aprendi a ser mais paciente no dia-a-dia profissional e a ter uma visão globalizada do mundo dos negócios”.

“O mundo dos negócios chinês tem maior abertura mental e não é tão adverso ao risco quanto o mundo dos negócios europeu. A China aproveita todas as oportunidades que surgem para crescer economicamente”, sustenta.

A jovem de Viseu tem esperança de ficar em Pequim depois do final do estágio, apesar de se lembrar que, à chegada, sentiu um enorme choque cultural. “Era a barreira linguística, a cidade, os hábitos de higiene”. Agora não tem dúvidas de que só ganhou com a experiência.

“Acabou por ser a oportunidade para testar a minha capacidade de adaptação, tornando-se numa mais-valia”, argumenta, máquina fotográfica na mão. ■

Uma experiência piloto

A inauguração foi feita com pompa e circunstância no dia 6 de Setembro de 2006 e tratava-se de uma experiência nova. A primeira representação diplomática portuguesa no mundo criada sobretudo a pensar na diplomacia económica.

Mais do que funcionar com objectivos de representação política ou de apoio à comunidade, o Consulado-Geral de Portugal e a delegação do ICEP Portugal – Instituto das Empresas para os Mercados Externos têm sobretudo como objectivo facilitar as parcerias e negócios entre as empresas portuguesas e chinesas.

“Esta é uma experiência piloto de diplomacia económica de raiz, uma vez que o Consulado de Portugal em Xangai e a delegação do ICEP são um projecto comum, quer em termos de espaço quer de recursos”, afirma João Maria Cabral, cônsul-geral de Portugal em Xangai.

Quase um ano depois, a existência do Consulado-Geral em Xangai e a respectiva delegação do ICEP foram essenciais para o sucesso do INOV Contactos – Estágios Internacionais de Jovens Quadros, segundo a coordenadora do programa, Vera Sousa Macedo.

Este ano, Xangai recebe 16 estagiários, um número que deverá aumentar no futuro, uma vez que a cidade, segundo declarações de responsáveis do ICEP, é um dos destinos estratégicos para a internacionalização das empresas portuguesas.

Desde logo, “a existência destas estruturas permitiu a difusão do programa e a existência de um elevado número de candidaturas a estágios para esta cidade”, diz Vera Sousa Macedo. Por outro lado, “a existência de estruturas portuguesas, quer ao nível diplomático,



quer ao nível económico e que em dois anos apoiaram já 33 estagiários é obviamente muito importante para garantir o suporte e o acompanhamento sempre necessários neste tipo de deslocações internacionais”.

A 23 de Maio de 2005, Portugal e a China assinaram o acordo de abertura do Consulado-Geral de Xangai. Do papel para a realidade, o Consulado passou a ocupar o 16º andar de um edifício de escritórios a poucos metros da Nanjing Lu, a rua principal da metrópole chinesa. Segundo disse António Braga, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, durante a inauguração, o papel da representação portuguesa é “ambicioso” e não se fica só pela cooperação económica com a China.

Nas suas palavras, o Consulado terá como função “assinalar as parcerias entre Portugal e a China em domínios estratégicos não só na Europa como em África e na América Latina, atendendo ao relacionamento especial de Portugal com essas duas regiões”. ■

Cooperação em Maputo

O 3º Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa decorreu em Abril último em Moçambique. Zhang Wei, vice-presidente do Conselho para a Promoção do Comércio Internacional da China (CCPIT), transmitiu aos participantes o desejo de Pequim de elevar as relações económicas a “um novo patamar”, destacando a “amizade histórica” que une a China aos países africanos. Construção de portos, aeroportos, estradas, agricultura, turismo, formação em alta tecnologia são algumas das áreas referidas por Zhang Wei.

Mais de 500 empresas chinesas e de países lusófonos estiveram presentes neste evento que no próximo ano vai realizar-se em Cabo Verde.



Crescimento a mais de onze por cento

A economia da China cresceu 11,1 por cento no primeiro trimestre de 2007. Os dados são do Instituto Nacional de Estatística chinês, que voltou a alertar para o risco de sobreaquecimento da economia devido ao rápido desenvolvimento. Mas apesar dos limites impostos pelo Governo Central o desenvolvimento económico parece não abrandar, sendo que vários analistas defendem que se deve ao aumento do consumo interno e à expansão do investimento em activos fixos e do excedente comercial. Este foi o maior crescimento desde o terceiro trimestre de 2006, altura em que o PIB cresceu 11,5 por cento.



Trocas comerciais triplicaram

As transacções comerciais entre a China e os países de língua portuguesa aumentaram 46,9 por cento no ano passado para 34.080 milhões de dólares. Feitas as contas e desde a criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, em 2003, as trocas comerciais já triplicaram.

Estes são dados revelados pelo secretariado permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. As importações chinesas dos países de língua portuguesa atingiram os 24.290 milhões de dólares, um acréscimo anual de 43,1 por cento. O valor das exportações chinesas para aqueles países foi de 9790 milhões de dólares, mais 57,4 por cento.



Bicicleta do povo aberta à exportação

A *Flying Pigeon*, a marca de bicicletas mais famosa na China, quer apostar na exportação para os países de expressão portuguesa para lutar contra as dificuldades no mercado interno.

A empresa quer exportar para os mercados de Angola, Moçambique e Brasil, para compensar a perda de mercado interno, onde o consumo está em queda.

De acordo com Wang Da, Jian, director de exportação, a empresa quer apostar também na criação de uma rede de revendedores nos mercados dos países de língua portuguesa e não põe de parte parcerias com empresários portugueses.





Angola e a China em balanço

O volume das trocas comerciais entre Angola e a China atingiu, durante o ano passado, 11 mil milhões de dólares norte-americanos. Os dados são da Câmara de Comércio e Indústria de Angola que mostram que Angola importou da China, sobretudo, bens industriais, electrodomésticos, equipamentos e materiais de construção civil ao passo que exportou petróleo. Angola é já o primeiro parceiro comercial da China na África Subsahariana.

Estes dados foram divulgados durante o encontro entre empresários angolanos e chineses, para contactos comerciais e empresariais, promovido pelo Banco de Fomento Angola e a Câmara de Comércio e Indústria de Angola.

Em 2006, o BFA abriu uma linha de crédito de 100 milhões de dólares americanos para o financiamento do comércio entre importadores angolanos e exportadores chineses.



PT procura parceiros na China

A *Portugal Telecom* está a estudar o lançamento de parcerias e formas de colaboração com operadores chineses. De acordo com o presidente da empresa, Henrique Granadeiro, a empresa está a estudar “com outros operadores chineses algumas formas de colaboração”. O presidente da PT sublinhou que a grande estratégia da empresa está centrada no continente africano e no Brasil onde o quadro de actuação é mais “seguro” e “avançado” do que no Extremo Oriente. O Conselho de Administração está “muito atento àquilo que poderá ser o sucesso de algumas parcerias que possamos lançar na China”.



África do Sul à beira da ACOLOP

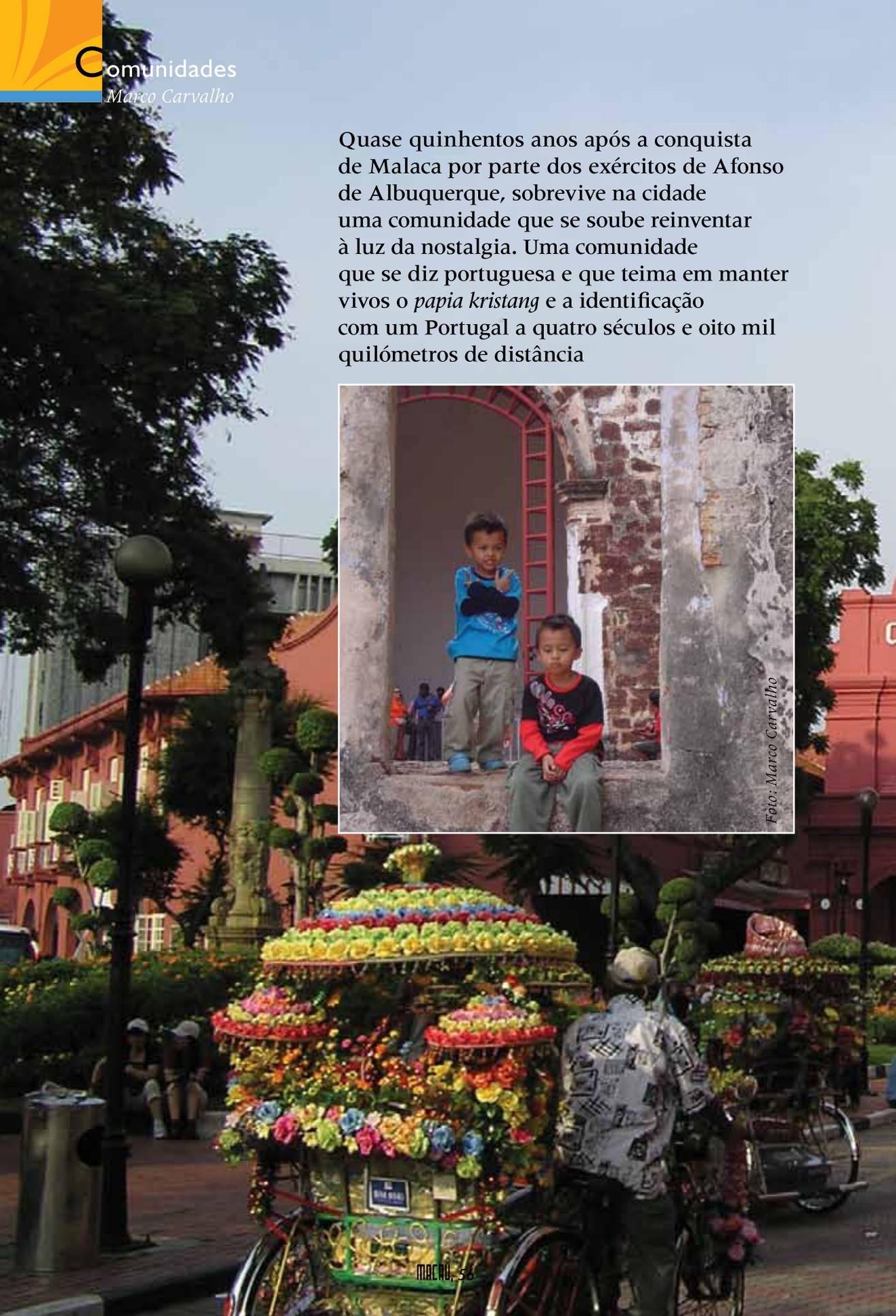
O Comité Olímpico da África do Sul pode ser o próximo membro associado da Associação dos Comitês Olímpicos dos Países de Língua Portuguesa (ACOLOP). A questão foi discutida durante a visita que o presidente da ACOLOP e vice-presidente do Comité Olímpico de Macau, Manuel Silvério, realizou ao país em Abril passado. O presidente da ACOLOP lembrou que um dos objectivos da associação é acolher não só os Comitês Olímpicos de língua oficial portuguesa mas também as comunidades lusófonas espalhadas pelo Mundo.



Empresa portuguesa abre fábrica na China

A empresa portuguesa *Euronavy* abriu uma fábrica na China, onde produzirá tintas para vender à marinha de guerra chinesa. “A *Euronavy* está a apostar na China por se tratar de um grande mercado que ainda não conhece o nosso produto”, disse Zhang Yongeiao, administrador-geral da *Euronavy China*, em declarações à agência Lusa. “Para além da marinha de guerra chinesa temos já assegurados clientes muito bons como a *Sinopec* (maior petrolífera asiática em capacidade de refinação) e a central nuclear de Qingshan, na província oriental de Zhejiang”, acrescentou Zhang.

Quase quinhentos anos após a conquista de Malaca por parte dos exércitos de Afonso de Albuquerque, sobrevive na cidade uma comunidade que se soube reinventar à luz da nostalgia. Uma comunidade que se diz portuguesa e que teima em manter vivos o *papia kristang* e a identificação com um Portugal a quatro séculos e oito mil quilómetros de distância



Ser português na Malásia



As cores que vestem Malaca não se encontram no arco-íris. Pacata e quase esquecida da grandiosidade de outros tempos, a cidade esconde sob a tonalidade salmão-velho que cobre grande parte das edificações do centro histórico o registo de quase seis séculos de convulsões, de entrosamento cultural e de uma convivência não apenas multi-étnica, mas também multi-secular. Salmão-velho, a lembrar o rosa murcho e ocre da carne de um peixe de grande porte, são as paredes da Stadthuis, da Christ Church holandesa e de uma mão cheia de outros edifícios. Muitos deles alojam museus e salas de exposição que lembram aos visitantes o passado glorioso da cidade.

O ar denso dos dias finais de Março, pejado de uma humidade que se entranha, deixa adivinhar a proximidade ao Equador. Conhecida hoje pelo seu nome inglês ou pela sua variante local (*Melaka*), a cidade deve à sua localização privilegiada, o estatuto de cidade berço da identidade malaia e um percurso histórico marcado por encontros, desencontros e sobretudo muita cobiça.

Situada a meio caminho entre as lides marítimas da Índia e da China, da canela e da seda, Malaca foi fundada no início do século XV num torrão de terra que depressa se revelou como o porto de abrigo ideal para os que procuravam fugir à ira dos ventos sazonais da época das monções.

Quando os navios portugueses navegaram pela primeira vez, em 1509, as águas do Estreito homónimo, a cidade era não apenas o centro do poder político de um sultanato malaio emergente, mas também um porto de veniaga onde acorriam comerciantes e mercadores da China, da Índia e dos reinos das ilhas de Java, Banda e Solor.

Mil e duzentos homens e uma armada de oito embarcações bastaram a Afonso de Albuquerque para tomar a cidade em 1511 e transformar o porto de Malaca no mais importante entreposto comercial entre Goa e as paragens longínquas do Cataio (China) e do Cipango (Japão).

Centro e trinta anos foi quanto perdurou a soberania portuguesa na região. Em 1641, depois de meses de cerco e de décadas de assédio, a cidade caiu para as mãos dos holandeses e de uma organização que viria a alterar radicalmente o modo como as coroas europeias exploravam o comércio ultramarino.

Fundada em 1602, a Companhia Holandesa das Índias Orientais era dirigida por um conselho de regedores e financiada por investidores privados que

procuravam beneficiar com a campanha ultramarina potenciada pelas autoridades das Províncias Unidas.

A tonalidade salmão-vermelho com que palpita o coração da cidade não se deve, no entanto, nem à colonização portuguesa nem à colonização neerlandesa. A ideia de matizar num rosa ocre o centro da velha praça de comércio, tiveram-na os ingleses, que administraram Malaca entre 1824 e 1957, ano em que a Federação Malaia (depois Malásia) se tornou uma nação independente.

Pejado de turistas, de vendilhões e de riquexós enfeitados com uma profusão de luzes, de fitas e de flores plásticas e baças, o centro de Malaca é como que um postal vivo e ilustrado de quase cinco séculos de interacção entre o Oriente e o Ocidente.

A fachada curvilínea e falso-abobadada da Igreja de Cristo – o mais antigo templo protestante de toda a Malásia – é a que mais se destaca no arranjo do coração da cidade. Com a mesma incandescência, a amplitude apalaçada da Stadthuis conforma a alçada oriental da praça. Plantadas no meio do recinto, duas outras construções – um chafariz singelo e a Torre do Relógio mandada construir em 1886





As ruínas da antiga Igreja da Nossa Senhora do Monte são um dos ex-libris da cidade



Fotos: Marco Carvalho

por Tan Beng Chui, homem de negócios chinês nascido na península – lembram o jubileu de diamante da rainha Vitória, a última grande soberana do último grande império colonial do mundo.

A escassos passos, do outro lado de um rio mirrado e pardacento, desperta o casario cerrado do bairro chinês, as ruas enfeitadas ainda com lanternas alusivas ao Ano do Porco recentemente entrado.

Na vertente oposta, encimando-se ao telhado da Stadthuis e à copa das árvores que a rodeiam, a fachada escurecida e um tanto melancólica da antiga Igreja de Nossa Senhora do Monte coroa a elevação que os holandeses baptizaram com o nome de São Paulo.

O templo, reduzido à

ossatura despida das paredes e a uma dúzia de aras funerárias de antigos jazigos senhoriais, é, com a Porta de Santiago, tudo o que resta do património construído da antiga Malaca portuguesa.

Modernos diplomatas

“*Ni hao xiansheng, ni hao!*”, Kudush, quarenta e dois anos incertos, não tem uma voz extraordinária e não é, sequer, um guitarrista fenomenal. Dois minutos bastam, no entanto, para perceber que por detrás dos óculos escuros de artista

da rádio e da cassete pirata se esconde um diplomata hábil.

Encostado à parede nua do interior da Igreja de São Paulo, entalado entre duas pedras funerárias onde se alçam ainda pomposos brasões de tempos idos, Kudush dedilha na guitarra acordes que não são de todo estranhos aos ouvidos daqueles que têm a grande China como casa.

Trocou as redes e a faina do mar pela viola e, garante, nos últimos três anos, poucas foram as manhãs que não passou naquela mesma nave descoberta da outrora Igreja de Nossa Senhora do Monte a entreter quem chega de longe para conhecer Malaca.

De tal forma assim é que se gaba de saber ler, nos traços do rosto dos visitantes, o lugar de onde são originários. “Há muitos turistas da China e do Japão. Vietnamitas, alguns. E depois há americanos, como vocês”, diz confiante.

Renegada a origem e apontado o erro, Kudush encolhe os ombros mas não perde a oportunidade de provar que a sua capacidade de dedução é quase infalível.

O ónus da culpa recai, desta feita, sobre uma família – um casal e duas crianças – de máquina fotográfica em riste, acabado de entrar no vão da antiga igreja.

“*Ni hao xiansheng, ni hao!*” O mandarim de Kudush resume-se quase apenas aos votos de boas vindas e aos monossílabos, bem delineados, da letra de *The Moon Represents My Heart*, a música que tornou conhecida por todo



o mundo a diva taiwanesa Teresa Teng. Mandarim reduzido, mas ainda assim bastante para prender a atenção do casal e colocar as duas meninas a trautear o refrão da canção.

O esforço e os malabarismos diplomáticos renderam a Kudush uma nota de cinco ringgit e uma pequena salva de palmas entusiástica.

“*Xièxie. Xièxie ni, xiansheng*”. Numa manhã de boa colheita, Kudush consegue entre setenta e oitenta ringgit. Na parte da tarde cede o lugar a um colega, com o mesmo reportório estilizado e a mesma habilidade para o negócio, o que lhe garante outro tanto dinheiro.

“Canto em bahasa melayu, chinês, inglês, japonês e sei uma ou duas em vietnamita”, assegura. “As pessoas sentem-se bem recebidas ao ouvirem cantar na língua delas.”

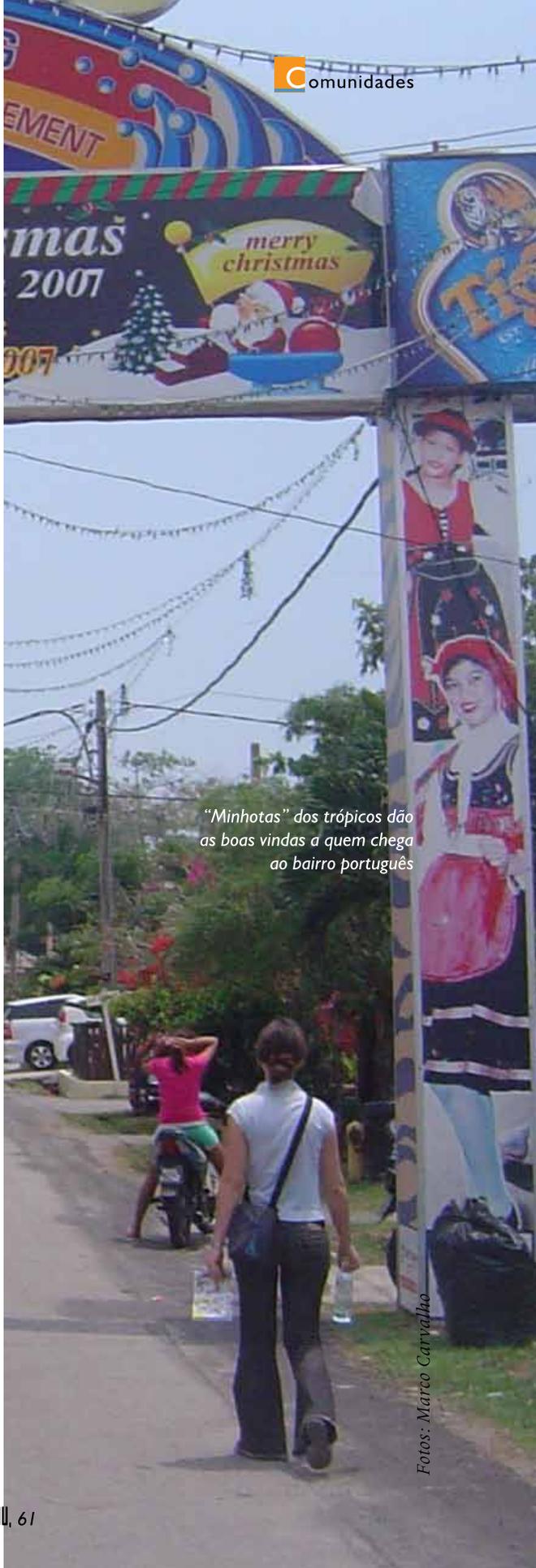
O português, não faz, como é óbvio, parte do repertório de Kudush. “Portugueses só conheço os de Ujung Pasir e a música deles não é grande coisa”, desabafa.

A música não é, ainda assim, o único produto que se vende no que outrora terá sido solo sacro e consagrado. A dois passos do local onde o corpo de São Francisco Xavier esteve sepultado durante algum tempo, a meio caminho entre Sanchoão e Goa, uma banca improvisada vende assobios, portachaves, postais e ímanes para o frigorífico: “MELAKA, A Famosa”.

Ao fundo Kudush, o artista, muda de registo e tenta agora agradar a dois calmeirões americanos estacionados a olhar o céu azul que se levanta para além das quatro paredes da ermida. *Hotel Califórnia* é a música em que aposta.

Kudush é um *bumiputra* ou filho do solo. O eufemismo é utilizado pelas autoridades de Kuala Lumpur para diferenciar os cidadãos de etnia malaia dos restantes grupos que compõem o espectro racial da moderna Malásia.

Para além dos *bumiputras*, as autoridades federais distinguem ainda as etnias chinesa e indiana e definem como o grupo dos “Outros” um conjunto amorfo e pouco definido de cidadãos que inclui tribos nativas do Sabah e de Sarawak e descendentes das antigas comunidades euro-



“Minhotas” dos trópicos dão as boas vindas a quem chega ao bairro português

Fotos: Marco Carvalho

asiáticas que sobejaram quando findo o período colonial. É neste último grupo que se incluem os “portugueses” de Malaca.

“Chang di Padri” e outros milagres

O “Bairro Português” dista quase três quilómetros do centro da cidade, mas a julgar pela transmutação cromática que a paisagem sofre à medida que o autocarro se afasta da Stadthuis, dos riquexós e dos turistas, podia muito bem situar-se noutra continente.

As cores afoqueadas que enchem de vida e de carisma o coração de Malaca vão-se diluindo e amenizando até não restar mais do que ruas suburbanas sem brilho nem brio. Há revoadas de pó levantadas do chão sempre que um automóvel passa e uma película fina e baça de poeira cobre casas, plantas e sinais de trânsito.

“*Jalan d’Albuquerque*”, a letras gordas numa tabuleta rudimentar. Esta é a primeira indicação de que a homogeneidade da paisagem é, afinal, mais aparente do que factual. A rua, que honra a memória do

segundo vice-rei da Índia e conquistador das paragens do Estreito, é como que o cordão umbilical que liga o *kampung portugis* à multi-cultural Malaca.

A cidade existe e é impossível ignorá-la, mas o bairro rege-se por um ritmo próprio, como próprias são as crenças, as regras, a língua e as memórias. As ruas do povoamento têm nomes como Sequeira (em memória de Diogo Lopes de Sequeira, o primeiro navegador português a aportar a Malaca, em 1509), Teixeira, Araújo e Erédia (em honra de Manuel Godinho de Erédia, autor da primeira história da cidade, escrita em 1615).

O arruamento que toma o nome a Afonso de Albuquerque divide o bairro em duas metades simétricas. Sensivelmente a meio, um portal festivo (uma “minhota” tropical e risonha deseja a quem chega votos de “*Bong Natal*” sob o céu claro de Março) demarca formalmente a entrada no perímetro do “*Portuguese Settlement*”.

A maior das artérias do bairro termina junto ao “Pátio Português”, construído em meados da década de oitenta com o propósito de recriar em Malaca um cheirinho da distante Lisboa.

O espaço aloja três restaurantes, uma loja de souvenirs e um pequeno palanque onde os grupos de folclore “português” entretêm as hordas de turistas que demandam aquela que é a maior



O “Bairro Português” é hoje um bairro típico de uma classe média suburbana

Foto: Marco Carvalho

curiosidade etnográfica de toda a Malásia. É no “Restoran de Lisbon”, posse de um casal de chineses *perakanan* nascidos na Malásia, que Pedro de Silva, 72 anos, granjeia o pão dos dias.

Se os “portugueses” não fossem uma das principais atracções turísticas de Malaca, Kudush, o artista das ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Monte diria que Pedro de Silva é cidadão de Goa, do México ou de Marrocos.

Não diria nunca que o velho empregado do “Lisbon” é um nacional malaio encartado, quase tão *bumiputra* quanto ele, não fosse uma mão cheia de genes de antanho que teimam em resistir.

Genes que explicam as feições redondas e o verde atlântico dos olhos de Pedro de Silva. O antigo pescador trocou as lides do mar pelas da cozinha e é pau para toda a obra no “Restoran de Lisbon”: serve, varre, limpa as mesas, recolhe os pratos, prepara petiscos e bebidas.

Pedro é também a estratégia de marketing mais fiável que os proprietários do restaurante engendraram para manter rentável o negócio. É com Pedro de Silva que os turistas oriundos de Portugal que assomam ao “Bairro”, depois de feito o périplo pelo coração fulgurante de Malaca, costumam falar.

Pedro *pápia*, talvez por isso, um *kristang* (o velho linguajar crioulo em que se enraíza a identidade da comunidade) onde afloram alguns rudimentos do português contemporâneo. Agradece-me o convite para almoçar com um obrigado, quando um munta mercê era devido.

Quando se senta, para falarmos, traz consigo um copo de chá cristalino para matar *sekura*. Nunca estive em Portugal ou em qualquer outro país que tenha o português como língua oficial. É, no entanto, em português que nos entendemos “*Portugal gostá di visitá, mas dinheiro nan teng*”, acaba por lamentar.

Baixo e miúdo de corpo, de riso fácil e solto, Pedro de Silva é casado e tem três filhas. Não fosse a família e já há muito tinha aceite o convite do amigo Fernando, de Macau, para mudar de ares.

O amigo Fernando, assegura Pedro, já o tentou convencer várias vezes a trocar o “Restoran de Lisbon” pelo “melhor restoran de Macau, mesmo, mesmo frente à praia.”

Pedro fala do território como se tivesse vivido anos a fio entre o Lilau e a Penha e lamenta que em Malaca, ao contrário do que acontece em Macau, não existam escolas que ensinem português, seja ele antigo, seja ele moderno.

Do outro lado do recinto, na mira da entrada abobadada do Pátio, está a única escola do bairro *kristang*. O edifício, de paredes amarelas, é dirigido por religiosas canossianas que ensinam o inglês e o malaio (o chinês é opcional) e prestam assistência espiritual aos católicos do *kampung portugis*.

Longe do fulgor de outros tempos, o edifício abriga agora uma mão cheia de religiosas mirradas e envelhecidas de origem chinesa. “*Em Macau teng escola portuguesa. Em Malaca nan teng*, explica Pedro de Silva. *Fala portugis em casa, mas num teng escola pa aprendê.*”

Folclore e turismo: as raízes da alma

O *pápia kristang*, crioulo que mistura a uma base gramatical malaia, vocabulário de origem portuguesa, é – mais do que as ruas do bairro, que a tradição católica e que o folclore – o fermento que mantém coesa a identidade da comunidade.

Cada vez mais confinado à intimidade do lar, o *kristang* passou de geração em geração como o idioma da idiossincrasia familiar, mas também como um instrumento de demarcação face às restantes comunidades em que se alicerça a identidade de Malaca.

“Quando não quero que as milhas filhas andem com alguém de quem não gosto, prego com elas em *kristang* para que os outros não me percebam: *Anda e bai casa, fila. Nan juntá ese rancho*”. Quem o diz é Anne de Melo. Ela e Pedro de Silva são dois dos mais de dois milhares de residentes do quarteirão português de Malaca. Ambos

nados e criados dentro do perímetro do Bairro, a dois passos do mar.

Anne pertence à terceira geração de residentes, tem trinta e nove anos e uns olhos sisudos, negros como a noite. Mora mesmo ao lado dos restaurantes do Pátio Português, numa casa que o marido, Gerald de Costa, 43, comprou à família, imigrada na Austrália, de um antigo regedor.

Anne e Gerald têm três filhos, duas raparigas e um rapaz. Todos eles, mesmo Roseanne, de apenas seis anos, falam o *kristang* e dançam, tocam ou cantam na “Tropa de Malaca”, o mais antigo dos grupos de folclore do Bairro, fundado em 1968.

A música e o mar são, para além da língua, dois dos elementos considerados como parte integrante da identidade cultural dos portugueses de Malaca. Para além da “Tropa”, existe ainda o Grupo Folclórico San Pedro.

O Grupo, que é uma das imagens de marca do *kampung portugis*, foi fundado em 1974 por um padre nascido em Freixo-de-Espada-à-Cinta (Trás-os-Montes).

O nome de Augusto Sendim, que faleceu num acidente de aviação no início dos anos noventa, é ainda hoje um nome de boa memória para os residentes do Bairro. Foi o último pároco português a prestar serviço junto dos *kristang* de Malaca, depois do Vaticano ter decretado em Maio de 1981 o fim da jurisdição apostólica da diocese de Macau sobre as comunidades portuguesas da cidade e de Singapura.

A direcção espiritual do rebanho *kristang* está desde então entregue a sacerdotes franceses que conduzem, na Igreja portuguesa de São Pedro, no outro extremo da cidade, a eucaristia em inglês, a língua franca que permite aos cidadãos da Malásia um entendimento comum. Poucos se lembram de como se reza em cristão.

*Gloria kum Pai, Filu,
assim kum Spiritu Santu
Assi i nasensa, agora, até per sempri
Mundu seng fing
Amen.*

Anne de Melo não se recorda das velhas orações portuguesas que os primeiros residentes do Bairro mastigavam ao toque das trindades, mas sabe de cor a letra do “Malhão”, da “Tia Anica”, do “Bailinho da Madeira” e do “Vira Valseado”.

Ela é uma das minhotas risonhas que trocam passos de dança quase genuínos com campinos tropicais, de barrete verde e calças negras, no pequeno palco montado do *Medan Portugis*, em exhibições para turista ver.

Aos fins-de-semana são às dezenas, os visitantes que acorrem ao Bairro. Provenientes de Singapura, de Kuala Lumpur e de outras paragens do globo, desaguam em Ujung Pasir levados pela curiosidade.

Os grupos folclóricos premeiam-nos, ao fim da tarde de sábado, com um arraial português em que os acordes do corridinho algarvio se misturam com o *branyo* local.

Pedro de Silva confirma um maior número de visitantes ao fim de semana, mas assegura que o negócio já conheceu melhores dias. O “*Restoran de Lisbon*” conta com concorrência alargada desde que o pelado de futebol que servia de casa aos “*Young Viniola*”, a equipa do Bairro, foi substituído por uma espécie de *drive in* com vista para o mar.

São vários os restaurantes e as casas de pasto que prometem pratos “*portuguese style*”, especialidades cuja única ligação com Portugal radica no nome. Um - o De Costa - pertence a um irmão de Gerald.

Pedro nunca esteve em Portugal. Sabe contudo que entre os sabores portugueses e os sabores locais há um mundo de diferenças. “*Portugal teng bacalhau, Malaca nan teng. Comida portugis mas comida portugis di Malaca, nan di Portugal. Macau teng bacalhau e teng comida portugis, nan teng?*”

Pedro de Silva gosta de Macau. O território evoca o mesmo tipo de nostalgia e de respeito que os residentes continuam a nutrir por Portugal, uma pátria de antanho sumida no planisfério. É em Macau que mora o amigo Fernando, o do



RESTORAN
De Lisbon

**“Em Macau teng escola portuguesa.
Em Malaca nan teng. Fala portugis em casa,
mas num teng escola pa aprendé”**



Pedro de Silva trocou as redes e o mar pelas mesas do “Restoran de Lisbon”



restaurante à beira-praia.

Gerald de Costa, electricista, é dos poucos que já esteve no território. Participou, com a “Tropa de Malaca” nas cerimónias do 10 de Junho. Foi em princípios da década de 90 e já então Gerald ficou deslumbrado com os néons do Lisboa, com a frágil ossatura da Ponte Nobre de Carvalho e com a serenidade da já desaparecida baía da Praia Grande.

O Grupo manteve, durante anos o contacto com os agrupamentos e ranchos do território, aos quais pediu emprestados os modelos dos trajes e de algumas composições.

O reportório do grupo é eclético e variado, mas enche, ainda assim de estranheza, os sentidos de um ouvinte português. A melodia conserva o mesmo ritmo e a mesma pujança que apresentam os ranchos e os grupos lusitanos de folclore. A diferença, sórdida para quem sempre lidou com uma certa ortodoxia musical, radica na letra, adaptada ao linguajar local, o *pápia kristang*.

Na fusão - exótica quanto baste aos olhos dos malaios - radica a chave do sucesso

do agrupamento. Desde que foi fundado, há trinta e nove anos, os músicos e os dançarinos da “Tropa” actuaram já por várias vezes em Singapura e correram de lés a lés a Malásia. Tocaram em Penang, em Kuala Lumpur, em Johor Bahru, em Taiping, em Kota Kinabalu, em hotéis e em casamentos, em congressos e em festas populares.

Tão grande é o sucesso e tantos os convites, diz Anne de Melo, que o grupo não é um, mas três. Enquanto uns entretêm eventuais turistas no *Medan Portugis*, outros, de acordeão na lapela e de barrete de campino enfiado na cabeça, actuam em hotéis e em recepções um pouco por toda a Malásia.

Uma das últimas ideias de Noel Felix, o homem à frente da “Tropa” quase desde a sua fundação, foi a criação de uma secção infantil. É na “Tropa” das crianças que dança Roseanne de Costa, a filha mais nova de Anne e Gerald. O grupo, fundado no fim do ano passado ainda não actuou, mas ensaia todas as semanas no pequeno palco plantado à frente do Restoran de Lisbon.



A existência do palco no coração do *Medan Portugis* não é acidental. O espaço recria em Malaca os pátios lisboetas onde a gastronomia e a música se misturam em noites de antologia, regadas pelos acordes das guitarras e os versos tristes dos fadistas.

No bairro ninguém canta fado, mas o palco é utilizado todos os fins-de-semana por um ou por outro dos grupos de folclore do *kampung*.

O “Pátio Português” foi construído em meados da década de oitenta e financiado directamente pelo governo estadual de Malaca. As agências de viagens dirigem para lá, numa estratégia que visa validar o investimento feito, as hordas de turistas oriundas de Singapura, de Kuala Lumpur e de outras partes da Malásia.

O bairro é visto pelos turistas que chegam sobretudo como uma bizarra curiosidade. Num país multi-cultural, é um exemplo de integração e de respeito por uma minoria étnica com tradições, algumas das quais remontam quase há quinhentos anos.

Para os que lá residem, o Bairro é o torrão

natal, mas também uma boa oportunidade de negócio. O segredo está em agradar a todos e em rentabilizar ao máximo cinco séculos de nostalgia.

Identidade reinventada

Quando, há quatrocentos e noventa e sete anos, à frente de um exército de 1200 soldados e mercenários, Afonso de Albuquerque subjogou Malaca e juntou, à então vasta listagem do património da coroa portuguesa, a soberania sobre a cidade e o estreito homónimo, as indicações que legou aos militares que o acompanharam na campanha dificilmente podiam ser mais claras: casem, amem e sejam tantos quanto as estrelas do céu.

Albuquerque, que a historiadora francesa Geneviève Bouchon considerava ser o homem de maior visão política a respeito do Oriente, quis fazer com que as suas conquistas fossem duradouras e se prolongassem pelos séculos dos séculos. Intentou que assim fosse não pelas armas, mas pelas gentes.

O segundo vice-rei da Índia, empreendeu,



tanto em Goa quanto em Malaca, uma obra administrativa prudente, pautada por uma diplomacia pouco habitual para a época.

Quis que cada grupo, cada tribo, cada povo fosse governado por um dos seus e permitiu que os costumes e as tradições que os regiam continuassem a ser observados, desde que providos de moral. Uma vez firmada a soberania portuguesa sobre Malaca e adquirido o monopólio do comércio e da navegação no Estreito do mesmo nome, Afonso de Albuquerque instou os seus comandados a adoptar uma política já em vigor nos fortes portugueses da Índia: a da condução de casamentos com mulheres locais, pelos quais se consolidaria a fixação de populações portuguesas nas novas praças conquistadas.

Dos mil e duzentos homens que a 24 de Agosto de 1511 tomaram Malaca, quatro dezenas seguiram à letra as indicações do vice-rei, largaram as armas e assentaram arraiais na cidade, a meio caminho entre a Índia e a costa sudoeste da China.

São estes quarenta que estão na génese da quase mítica identidade portuguesa que continua hoje a ser reclamada pelos dois mil residentes do *kampung portugis*. Uma identidade que mistura traços genuínos e traços recriados e que tem como denominador máximo uma saudade estranha, quase mórbida, de um Portugal mais idealizado do que concreto.

Em todo o povoado contam-se pelos dedos aqueles que já estiveram em Lisboa. Josephine de Costa, matriarca da família homónima, nunca viajou até à capital portuguesa, mas preserva memórias cristalinas do dia em que Lisboa regressou a Malaca.

Josephine, 69 anos, tinha apenas catorze quando, em 1952, o então Ministro português do Ultramar, Sarmento Rodrigues, aportou a Malaca a bordo da fragata Gonçalo Velho.

Três séculos depois do fim da soberania portuguesa sobre a cidade, a visita de um dos mais altos dignitários do Governo português ligava de novo a comunidade

dos luso-descendentes de Malaca a um mundo lusíada uno e indivisível, à luz da ideologia do então todo poderoso Estado Novo.

O Bairro engalanou-se para a recepção a Sarmento Rodrigues. O ministro foi presenteado com poemas declamados em *kristang* e com uma apresentação de danças folclóricas portuguesas especialmente ensaiada para a ocasião.

A ideia de colocar pescadores malaios a dançar a “Tirana” e o “Vira Minhoto”, teve-a Manuel Pintado, um sacerdote português que a Diocese de Macau enviara para Malaca quatro anos antes.

As músicas e os passos de dança foram em parte apreendidos a partir dos ensinamentos do pároco e em parte recriados tendo as páginas do livro “*Folk Dances of Portugal*”, da musicóloga inglesa Lucile Armstrong, por alicerce.

Uma outra musicóloga, a norte-americana Margaret Sarkissian (que viveu durante vários anos no *kampung portugis* e estudou a importância do folclore na afirmação cultural da comunidade) defende no estudo “*Being Portuguese in Malacca: The Politics of Folk Culture in Malaysia*” que a visita de Sarmento Rodrigues constitui o acto fundador da moderna identidade dos *kristang*.

A representação oferecida ao ministro foi tão bem sucedida que a comunidade acabou por se apropriar de tais expedientes e símbolos culturais de origem portuguesa (a música, a dança e os trajes garridos), incorporando-os num legado de cinco séculos que era até então constituído por uma língua periclitante, pela fé inabalável nos desígnios da cristandade e por um ou outro prato ainda com nome português.

Josephine de Costa foi, em Maio de 1952, uma das raparigas que dançou para Sarmento Rodrigues. “Sabe quem é Sarmento Rodrigues? O Padre Pintado disse que Sarmento Rodrigues vinha ao Bairro Português e nós propusemo-nos a dançar para ele. Veio de barco desde Lisboa e nós cantámos-lhe uma canção de boas vindas e depois dançámos.”

O folclore é desde então parte do



Três gerações da família Costa: Josephine (à direita), Rosanne (ao centro) e Anne de Mello, a nora



quotidiano dos “portugueses” de Malaca e um dos principais rasgos de afirmação cultural da comunidade. Josephine integra com o filho Gerald, com a nora e com os netos a “Tropa de Malaca”. Dançar, já não dança, mas sempre que pode junta a sua voz ao coro de cantores do grupo e trauteia as modas longínquas importadas para o Bairro Português pelos

padres Pintado e Sendim:

- O malhang, malhang*
- O malhang aki*
- O malhang, malhang*
- O malhang aki*
- Sa dansá, dansé*
- O terin-tin-tin*
- Sa fugir, fugi*

Filhos da nostalgia

Josephine tem no rosto indícios de outras latitudes e, tal como Pedro de Silva, poderia perfeitamente ser confundida com uma goesa. Fala um inglês pausado e insere esporadicamente no discurso uma ou outra palavra em *kristang*. Com Anne de Melo, a nora, só fala – garante – na língua que lhes foi legada pelos antepassados.

No *kampung*, para além dos “de Silva”, dos “de Costa” e dos “de Melo”, moram famílias que se chamam Pinto, Rosário, Albuquerque, Colares, Dias, Carvalho, Monteiro, Fernandis, Santa Maria ou Aranja, uma corruptela de Araújo.

Para além da língua e do espaço, partilham ainda uma mesma incerteza quanto ao futuro.

Nem todos concordam, no entanto, em relação ao que é melhor para a comunidade no presente.

A destruição do antigo pelado de futebol, em finais da década de noventa, deixou metade da comunidade de costas voltadas para a outra metade. Hoje, é a construção de uma unidade hoteleira, na marginal marítima do Bairro, que dá azo a dissensões entre os portugueses de Malaca. Enquanto que uns encaram a entrada em funcionamento da unidade hoteleira como uma mais-valia para os residentes do Bairro, sinónima não só de mais dinheiro, mas também de mais emprego, outros temem que a valorização excessiva dos terrenos de Ujung Pasir onde estão instalados os “portugueses” possa atrair especuladores imobiliários e colocar em risco a coesão da comunidade.

Um novo hotel, mais volumoso, recebeu já luz verde das autoridades estaduais de Malaca para ser construído em pleno coração do “*Portuguese Settlement*”. Uma decisão que foi tomada, garante Josephine de Costa, sem que os moradores tivessem sido devidamente consultados.

A matriarca da família de Costa reconhece que a vida dentro do Bairro se tornou mais fácil nos últimos anos, de tal forma que a antiga comunidade de pescadores

entende hoje a faina do mar mais como um desporto do que como um mister.

O mar, por onde os navegadores portugueses chegaram quase há cinco séculos, é dos poucos factores de concórdia absoluta entre os residentes. Temem-no, respeitam-no e abençoam-no todos os anos, a 29 de Junho, dia que a liturgia católica consagra a São Pedro, ele também um pescador.

O mar é o imenso cordão que os une a Portugal, uma memória tangível de odisseias extraordinárias e de epopeias antigas.

Alguns vestem a descendência lusa de alma e coração, dizem-se eles próprios portugueses, a prole de uma pátria gloriosa que deu novos mundos ao mundo.

Outros, mais realistas, sabem que integram uma tribo proscrita e reinventada, que sobreviveu à custa dos malabarismos da história e de um sentido oportuno de coesão.

Os mais pessimistas entendem que não há lugar no futuro para os portugueses de Malaca, que a comunidade não pertence a lado nenhum. Que são filhos do vento, do oceano e de um tempo de que já nada existe. Somente eles. ■





As crianças de Albuquerque



Chang di Padri. Este é o nome pelo qual os pouco mais de dois mil residentes do Bairro Português de Malaca designam os doze hectares de terreno que lhes servem de casa e que acolhem os “portugueses” da cidade quase há oito décadas.

O topónimo é de explicação fácil. O Bairro Português foi fundado no início dos anos trinta do século passado graças à iniciativa e aos esforços desenvolvidos por dois missionários, um português e um francês.

Quando Jules Pierre François e Álvaro Martim Coroado chegaram a Malaca, os descendentes dos primeiros portugueses viviam em condições pouco salubres nas imediações da cidade.

Bandar Hillir e Kampung Tengah eram povoações de pescadores onde a insistência das marés e o carácter permeável dos solos se marinavam de forma destrutiva. Os pedidos feitos à administração britânica para que uma solução pudesse ser adiantada foram dirigidos repetidas vezes, não apenas pela comunidade luso-descendente, mas também por outras comunidades que habitavam a marginal de Praya Lane. Apenas a insistente dedicação dos dois missionários conseguiu convencer as autoridades coloniais da cidade. Em 1926, François e Coroado, representantes respectivamente das Missões Francesa e Portuguesa em Malaca, propuseram a criação de um novo *kampung* nos arredores da cidade, para onde seria deslocada a comunidade. O propósito era não apenas o de resgatar os “portugueses” à miséria, mas sobretudo evitar que a comunidade mergulhasse na inevitabilidade do esquecimento. Católicos devotos e falantes de um linguajar arcaico, aparentado ao português da época das Descobertas, os “portugueses” eram para os religiosos um garante da manutenção da fé cristã na região.

Fazia-se, por isso, necessário, do ponto de vista de Jules Pierre François e de Álvaro Coroado, evitar a assimilação da comunidade no seio das restantes

comunidades que compõem o espectro da diversidade malaquenha.

Mais do que uma obra de caridade, a acção dos dois missionários está na base de uma experiência etnológica que se não repete em qualquer outro lugar da Malásia.

Com uma área de quase doze hectares, o local escolhido para o futuro Bairro Português, na zona de Ujung Pasir, é no início da década de trinta do século passado pouco mais do que um pântano onde um mangueiral bravio se expande.

Vários anos são necessários para que o departamento das obras públicas da cidade complete o arroteamento e a terraplanagem do terreno e dote o espaço de condições de habitabilidade.

Em 1935, dezassete famílias descendentes dos primeiros portugueses trocam Praya Lane pelo perímetro do *kampung* e por casas com o chão em terra batida pelas quais o mar já não entra.

Dez anos depois, finda a Segunda Guerra Mundial e a ocupação japonesa, o Bairro Português abriga já quase um milhar de pessoas, em torno de um ideal comunitário que se começa a estruturar à sombra de uma herança pouco definida e da nostalgia de um país situado a quatro séculos e oito mil quilómetros de distância.

O Bairro é gerido por um Conselho de Regedores que representa a comunidade junto das autoridades quer

da cidade, quer do Estado de Malaca e que decide sobre todos os detalhes que importam à vida em comum dentro dos limites do bairro. Uma obra não é feita, uma árvore não é plantada e uma celebração não é organizada sem que o Conselho seja consultado e conceda o seu aval.

Durante os primeiros quarenta anos de existência do *kampung*, até 1973, aos residentes do Bairro era facultada apenas uma autorização temporária de permanência, a troco de uma renda pouco mais que simbólica.

Em 1973 o Governo anunciou que os residentes podiam comprar, caso o desejassem, o direito a residir de forma permanente no terreno onde tinham erigido as suas casas. A maior parte acabou por comprar a terra.

Trezentos e setenta *ringgit* foi quanto custou a cada um a concessão permanente dos terrenos onde os descendentes dos militares e mercenários liderados por Afonso de Albuquerque se recriaram como comunidade.

Hoje, o Bairro Português é um bairro típico de uma classe média suburbana malaia que não abdica do televisor, do computador com acesso à Internet

e do telefone móvel. Algumas vivendas têm à porta um jipe ou um carro de alta cilindrada. Em quase todas, há um elo mínimo que liga as ruas empoeiradas ao distante Portugal.

Uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, um azulejo com São José. Um miúdo que enverga uma camisola com o nome de Figo. Outra, com o nome



de Ronaldo, que seca num estendal. O galo de Barcelos empoleirado na prateleira do "Restoran de Lisbon". Uma placa de mármore a dar as boas vindas à "vivenda de Melo". O escudo, o verde e o vermelho da bandeira pintados numa parede. Postais antigos de Lisboa e Sintra emoldurados como se fossem fotos ao lado de retratos de crianças cor-de-cobre com olhos impossivelmente verdes. Portugal aqui e Portugal tão longe. Quatro séculos e oito mil quilómetros distante. ■

Quando Tomé Pires aportou a Malaca pela primeira vez, mais de que com um empório comercial, o boticário, que foi o primeiro embaixador de Portugal junto do trono celeste do Império do Meio, deparou-se com uma encruzilhada de povos e de culturas tão diversificada que nas ruas da cidade, dizia-se sem

Portugueses, chettys e nyonias

exagero, podiam escutar-se os sotaques de oitenta e quatro línguas diferentes. A localização estratégica de Melaka (o nome malaio da cidade tem origem numa árvore aparentada à canforeira, muito vulgar naquela zona do Estreito) cedo atraiu à região mercadores de origens tão díspares quanto a China, a Índia, a Insulíndia e a Península Arábica. Procuravam sobretudo as especiarias das ilhas de Banda, Solor e das Molucas e transformaram a cidade num porto rico e cosmopolita, a meio termo entre as paragens do Oriente próximo e do Oriente extremo. Quando Diogo Lopes de Sequeira tentou a primeira conquista da praça de Malaca, em 1509, a cidade fervilhava com mercadores chineses e tamil, com os quais os conquistadores portugueses procuraram firmar laços diplomáticos.



Terão sido os mercadores chineses que comerciavam no estreito quem primeiro chamou a atenção dos navegadores lusos para a possibilidade de se explorar o comércio do Cataio e do Cipango. Longe do fulgor de outros séculos, a Malaca de hoje persiste ainda como um hino ao passado e



como um palco onde abundam os registos cosmopolitas. Para além da herança lusitana e da herança holandesa, a cidade acena aos turistas chineses com a epopeia do Almirante Zheng He. O navegador, tido pela moderna China como o Colombo do Oriente, terá aportado a Malaca quase um século antes das naus portuguesas o terem feito e a cidade reserva, por isso um pequeno museu à memória da surpreendente Odisseia do

almirante eunuco. Zheng He não é, ainda assim, a única razão pela qual os turistas chineses demandam a cidade. Tal como os portugueses, muitos procuram compreender um pouco melhor a sua própria história e voltar a ancorar laços que uma diáspora multi-secular desatou. Os *kristang* de Malaca estão longe de ser a única originalidade etnológica da cidade. A comunidade divide as honras tanto com os chineses *peranakan*, quanto com os seus equivalentes tamil, os *chettys*.

Os primeiros, conhecidos em Malaca como os *baba-nyonia*, são os descendentes das primeiras comunidades chinesas que imigraram para a península malaia. Uma vez no Estreito, adoptaram parcialmente os costumes da etnia predominante e desenvolveram uma língua própria – o *Baba Melayu* – em que se misturam vocábulos locais e chineses. Subsistiram durante séculos à custa de uma política de segregação em que o casamento apenas era permitido ou dentro da própria comunidade ou com noivas importadas directamente do Império do Céu (China). A exemplo do que acontece com os *baba-nyonia*, os *chettys* falam também um patuá malaio que pede emprestado

ao tamil muito do seu vocabulário. Conhecidos por *peranakan* indianos, são um grupo à parte dentro dos quase quinze por cento da população da moderna Malásia com raízes no subcontinente indiano. Muitos não falam fluentemente nem tamil, nem *bahasa melayu*. São hoje pouco menos de dois milhares e, tal como os *kristang* e os *baba-nyonia*, tidos mais como curiosidades antropológicas (que as autoridades da moderna Malásia acarinhos a troco de turistas e de reconhecimento) do que propriamente como tribos deslocadas à espera do futuro e de definição. A marca de uns e de outros está, no entanto, por todo o lado na cidade. É em Malaca que se localiza o mais velho templo chinês de toda a península, o templo de Chung Hoon Teng, erigido em 1645. A dez minutos das antigas muralhas da “Famosa”, situa-se ainda o mais antigo cemitério chinês fora das fronteiras da China. Milhares de jazigos escalam as encostas do Bukit Cina, uma elevação que a população da cidade reaproveitou nos últimos anos para o *jogging* e para a prática desportiva. Do topo do *Bukit Cina*, entre meias luas de pedra que assinalam o local de repouso de famílias inteiras, avista-se, quase a romper o horizonte, a silhueta do *Sri Poyatha*. ■

- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPACO**

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA

Viagem ao

CARNAVAIS

alegoria fantasia camarote torcida fan
bandeira prosódia alegoria bandeira
passarela
ritmo comissão mulata samba ch
torcida nostalgia enred
chapéu carro arquibancada
velha guarda cordão velha guarda cordão far

O Museu da Língua em São Paulo (Brasil),
que já foi visitado por mais de 600 mil pessoas,
permite uma viagem ao universo
da língua portuguesa

universo do português

Uma escultura de uma árvore em ferro fundido, com três metros de altura, traz em suas folhas os contornos de vários objectos e as suas raízes são formadas por diversas palavras que deram origem à língua portuguesa.

A "Árvore da Língua" recebe diariamente centenas de visitantes, na entrada do Museu da Língua Portuguesa, o primeiro no mundo dedicado exclusivamente a um idioma, criado em Março do ano passado, em São Paulo.

Desde a sua fundação, já passaram pelo museu mais de 600 mil visitantes, maioritariamente estudantes, um recorde de público que já consolidou a instituição como uma das mais visitadas em todo o Brasil.

Os três metros da "Árvore da Língua" são vistos pelos visitantes por meio de um elevador panorâmico que dá acesso ao terceiro andar, porta de entrada do museu. Durante a ascensão do elevador, até ao terceiro andar, o visitante ouve uma canção especialmente

composta pelo artista brasileiro Arnaldo Antunes que utiliza os termos "língua" e "palavra" em vários idiomas.

A "Árvore da Língua" e a música de Arnaldo Antunes constituem, na verdade, o primeiro rito de passagem, a primeira experiência do visitante com o universo da língua portuguesa.

A segunda etapa da visita começa num auditório, com 182 lugares, onde um vídeo, de cerca de dez minutos, projectado num ecrã gigante, mostra o surgimento das cerca de 5000 línguas faladas no mundo.



museu da
língua portuguesa
ESTAÇÃO DA LUZ

Encerrado o vídeo, o visitante dirige-se à “Praça da Língua”, uma espécie de planetário onde é projectada uma antologia da literatura brasileira, com os seus principais autores, como Gonçalves Dias, Machado de Assis e Oswald de Andrade. Palavras são projectadas no tecto e também no chão, num imenso círculo feito de vidro escuro, numa apresentação de cerca de vinte minutos, com narração feita por artistas como Chico Buarque de Holanda e Zélia Duncan.

A visita prossegue no segundo andar, onde um ecrã gigante, com 106 metros de comprimento, um dos maiores do mundo em projecção contínua, mostra imagens da língua portuguesa no quotidiano das pessoas.

São onze filmes de seis minutos de duração que tratam de temas como futebol, dança, festas, Carnaval, música, relações humanas, culinária, valores, saberes e a matriz lusa.

No filme sobre o futebol, por exemplo, o desportista Ronaldinho Gaúcho, que actua na equipa do Barcelona, apresenta uma espécie de glossário de dribles “inventados” por brasileiros, como “embaixada”, “bicicleta” e “golo de placa”.

Ao lado do ecrã gigante, oito estações interactivas apresentam línguas que influenciaram o português, como os

idiomas indígena tupinambá, os africanos quicongo, quimbundo e umbundo, além do espanhol, inglês, francês, italiano, alemão e japonês.

Uma estação é dedicada exclusivamente ao português falado em outros locais, como em Macau, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Portugal e Timor Leste, num total de mais de 200 milhões de falantes.

No mesmo andar, há uma “Linha do Tempo”, formada por três linhas paralelas, onde são apresentadas a evolução das línguas portuguesa, africanas e ameríndias.

A partir do século XVI, com a descoberta do continente americano, essas três linhas encontram-se em uma única: a linha do português do Brasil.

A “Linha do Tempo” apresenta ainda comentários de especialistas e uma selecção com as 100 principais obras da língua portuguesa, a começar pela carta de Pero Vaz de Caminha, quando da descoberta do Brasil.

Durante o percurso, o visitante é estimulado a aprofundar seus conhecimentos nas telas interactivas e a assistir aos vídeos que mostram a história do idioma falado no Brasil.

A última etapa do segundo andar é

A cidade de São Paulo foi escolhida para albergar o Museu porque reúne a maior população de falantes da língua portuguesa no mundo, cerca de 11 milhões de habitantes

o “Beco das Palavras”, uma sala com um jogo electrónico interactivo que permite o visitante “brincar” com a criação de palavras.

Quando o visitante reúne sílabas que formam uma palavra, o jogo pára e a mesa, que trabalha como um ecrã, apresenta a origem e o significado da palavra formada.

Por meio de uma moderna tecnologia, que utiliza o ar como suporte, as sílabas parecem flutuar, num efeito semelhante ao utilizado no filme “*Minority Report*”, do realizador Steven Spielberg, local preferido dos jovens estudantes.

A visita termina no primeiro piso, um espaço dedicado às exposições temporárias, onde foi apresentada uma mostra para assinalar os 50 anos da obra “Grande sertão: veredas”, do escritor Guimarães Rosa, considerada um clássico da literatura brasileira.

Desde Abril deste ano, o espaço apresenta

uma exposição sobre a vida e obra da escritora brasileira Clarice Lispector para assinalar o trigésimo aniversário de sua morte.

O Museu da Língua Portuguesa ocupa parte das instalações da Luz, uma das principais estações do Metropolitano da cidade, com um movimento diário de 300 mil pessoas, e um dos cartões-postais de São Paulo.

A responsável pelo projecto do museu, a arquitecta Sílvia Finguerut, da Fundação Roberto Marinho, salienta que a ideia de construir um museu dedicado à língua portuguesa na Estação da Luz, construída em 1901, tem um importante significado simbólico.

“Durante muitas décadas, os imigrantes estrangeiros que chegavam a São Paulo desembarcavam nesta estação, um local, portanto, onde as outras línguas se encontravam com o nosso português”, afirma.

A cidade de São Paulo foi escolhida para albergar o Museu porque reúne a maior população de falantes da língua portuguesa no mundo, actualmente cerca de 11 milhões de habitantes. A construção do museu inseriu-se igualmente no projecto da Câmara Municipal de São Paulo de revigorar o centro histórico da cidade, degradado ao longo dos últimos anos, com a instituição de novos usos nomeadamente para prédios públicos.

O Museu da Língua Portuguesa ocupa três andares da Estação da Luz, numa área total de 4333 metros quadrados, o que representou um investimento de cerca de 15 milhões de euros.

A fase de projecto e de construção do museu reuniu 30 especialistas em língua portuguesa e mais de 750 trabalhadores envolvidos directa e indirectamente nas obras de restauro e adaptação do antigo prédio.

O museu foi construído a partir de uma parceria entre as fundações Roberto Marinho, ligada às Organizações Globo, o maior grupo brasileiro de media, e a portuguesa Calouste Gulbenkian, além de empresas privadas e entidades governamentais.

Participaram igualmente da construção do Museu da Língua Portuguesa de São Paulo a Fundação Luso-Brasileira e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). ■

* *Jornalista da Lusa, no Brasil*

**ALEMÃO, ARABE, CHINES,
HEBRAICO, ITALIANO, JAPONÊS**

A partir de mais de 20 línguas, o Museu da Língua Portuguesa apresenta um percurso de descoberta e reflexão sobre a diversidade linguística e cultural do Brasil. O percurso é dividido em sete etapas, cada uma dedicada a uma língua estrangeira falada no Brasil: alemão, árabe, chinês, hebraico, italiano, japonês e espanhol. O percurso é acompanhado por uma série de actividades, incluindo exposições, oficinas e performances. O percurso é dividido em sete etapas, cada uma dedicada a uma língua estrangeira falada no Brasil: alemão, árabe, chinês, hebraico, italiano, japonês e espanhol.



O Museu da Língua Portuguesa ocupa três andares da Estação da Luz, numa área total de 4333 metros quadrados



澳門
MACAO

澳門 區域性 商貿服務 平台

MACAO a regional economic and trade co-operation platform

澳門貿易投資促進局
竭誠為您服務
IPIM - **ALWAYS**
at YOUR SERVICE

- 投資者一站式服務
One Stop Service for Investors
- 離岸業務 (非金融)
Off-Shore Service (non-finance)
- 經貿推廣活動
Exhibition & Trade Show
- 商業資訊
Business and Trade Information
- 澳門商務促進中心
Macao Business Support Centre
- 申請投資居留
Residency Application for Investors
- 本地企業服務中心 - 會員計劃
Macao Enterprise Service Centre -
Membership Scheme



澳門貿易投資促進局
Macao Trade and Investment Promotion Institute

澳門友誼大馬路918號世界貿易中心一至四樓
Av. Amizade no. 918, World Trade Centre, 1st to 4th Floors, Macao
Tel: (853)28710300 Fax: (853)28590309 Email: ipim@ipim.gov.mo
Website: <http://www.ipim.gov.mo/>

24小時 電話查詢熱線
24-hour enquiry hotline
(853)28881212

Ménage à trois

O cinema chinês ensaiou
os primeiros passos
no dealbar do século XX.
Com uma diversidade
de estilos e correntes,
os realizadores foram
pragmaticamente
classificados por
gerações, uma opção
que deixou
de fora as tendências
estéticas que
os distinguiu

Conhecida a predilecção chinesa por números, ordenou-se os diferentes grupos de cineastas por gerações. Assim temos: 1ª Geração – 1905/1932; 2ª Geração – 1932/1949; 3ª Geração – 1950/1960; 4ª Geração – 1960/1980; 5ª Geração – 1982/1989⁽¹⁾; 6ª Geração – 1990 até à actualidade.

Neste conjunto de artigos não seguiremos uma cronologia pré-estabelecida. Focaremos antes a nossa atenção sobre temas, factos e personalidades que moldaram a história do cinema chinês.

Os seus mecanismos de produção apoiam-se em três vértices de um triângulo: China continental, Hong-Kong e Taiwan. Considerando que os processos de financiamento, os circuitos de distribuição, a movimentação de técnicos e actores estão intrinsecamente disseminados por esses centros num constante vaivém, ao analisarmos a realidade do que é o cinema chinês como género, devemos olhar para um todo indivisível, integrando a soma das suas partes, sem quaisquer divisões. Uma ménage a trois altamente fecunda e produtiva.

A nova vaga

Na segunda metade dos anos oitenta do século XX, uma série de filmes chineses emergiu de forma algo inesperada e impôs-se com mérito na cena internacional.

A China ensaiava paulatinamente um processo de reformas e dava-se a conhecer ao mundo, através da sétima arte. Assistíamos com um misto de curiosidade e surpresa, às novíssimas obras de realizadores até então desconhecidos. Tinham por missão inovar e revelavam uma nova atitude de fazer cinema. As marcas profundas deixadas pela Revolução Cultural ainda não se tinham dissipado. No entanto, eles ousavam desafiar os censores e assumiam com frequência uma visão crítica do meio em que viviam. Algo estava a mudar. Eram os primeiros passos de uma longa viagem enquadrada pela política de abertura e modernização, preconizada pelo novo líder Deng Xiaoping, sob o princípio “um país, dois sistemas”.

Títulos dos filmes em língua portuguesa

Atribuídos em Portugal:

Farewell My Concubine, Chen Kaige - *Adeus, Minha Concubina*
 The Curse of The Golden Flower, Zhang Yimou - *Maldição da Flor Dourada*
 The Secret of The Flying Daggers, Zhang Yimou - *O Segredo dos Punhais Voadores*
 Hero, Zhang Yimou - *Herói*
 Not One Less, Zhang Yimou - *Nenhum a Menos*
 The Road Home, Zhang Yimou - *O Caminho Para Casa*
 Shanghai Triad, Zhang Yimou - *A Tríade de Xangai*
 Springtime In A Small Town, Fei Mu - *Primavera Numa Pequena Cidade*
 Eat, Drink, Man, Woman, Ang Lee - *Comer, Beber, Homem, Mulher*
 Days Of Being Wild, Wong Kar-wai - *Dias Selvagens*
 In The Mood For Love, Wong Kar-wai - *Disponível Para Amar*
 The Killer, John Woo - *O Assassino*
 Suzhou River, Lou Ye - *Os Amantes do Rio*
 Memoirs of a Geisha, Rob Marshall - *Memórias de Uma Gueixa*

Atribuídos no Brasil:

Red Sorghum, Zhang Yimou - *O Sorgo Vermelho*
 Ju Dou, Zhang Yimou - *Amor e Sedução*
 Raise The Red Lantern, Zhang Yimou - *Lanternas Vermelhas*
 The Story of Qiu Ju, Zhang Yimou - *A História de Qiu Ju*
 Hannibal Rising, Peter Webber - *Hannibal, A Origem do Mal*

Zhang Yimou vai dirigir as cerimónias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos de Pequim

Os membros da 5ª Geração partilhavam o facto de terem frequentado a Academia de Cinema de Pequim (*Beijing Film Academy*), a única existente na China. A primeira vaga de novos realizadores, num total de 100, concluiu ali os seus estudos em 1982. Causaram um forte impacto, subvertendo cânones e desafiando uma indústria demasiado convencional. O que as suas câmaras captaram tinha invariavelmente uma marca visual muito forte, suportada por um modelo narrativo estruturado de forma diferente do que até então era produzido nos estúdios centrais, dominados por modelos de produção demasiado ortodoxos. Era o que tinha para



Kobal/COLUMBIA TRISTAR/The Kobal Collection/WireImage.com

nos oferecer esse momento sublime de bom cinema, *Yellow Earth* (1984).

Dirigido por Chen Kaige, com fotografia de Zhang Yimou (também cineasta e colega de Academia), tornou-se um ícone do novo movimento protagonizado por ambos e também por Tian Zhuangzhuang, Huang Jianxin, Wu Ziniu, Hu Mei, Zhou Xiaowen, Ning Ying e Zhang Yunzhao, entre outros.

Um pouco de história

Chen Kaige foi um dos primeiros estudantes que puderam inscrever-se na Academia de Cinema de Pequim, em 1978, quando a instituição reabriu as suas portas após ter

permanecido fechada durante 12 longos anos em que a arte cinematográfica era olhada de soslaio, de forma suspeita, pelas vanguardas que lideravam a Revolução Cultural. Achavam que estudar cinema era um luxo demasiado burguês. As orientações políticas então vigentes determinavam que os jovens candidatos a realizador deviam antes preocupar-se em instruírem-se noutras áreas de ensino para se tornarem melhores revolucionários e úteis ao país.

Assim as salas de aula mantiveram-se vazias e não puderam testemunhar os acontecimentos dramáticos que tinham lugar em seu redor. As ruas eram um palco de emoções, num frenesim de

remorso que sentia por um acto gratuito de exagerado fervor revolucionário. Imperava uma lógica de negação de tudo o que pudesse constituir-se como veículo de difusão de ideias contrárias às teses defendidas pela Revolução Cultural. As câmaras só podiam ser utilizadas como instrumentos de propaganda com o intuito de educar as massas. À excepção de filmes revolucionários e documentários, as únicas obras rodadas nesta fase conturbada, eram meras adaptações de espectáculos da Ópera de Pequim - tão do agrado de Jiang Qing (mulher de Mao, - ela que também fora actriz de ópera chinesa durante a juventude). Após o intenso ciclo revolucionário de dez anos, a Academia de Cinema de Pequim pôde finalmente reabrir as suas portas.

movimentos populares de grandes massas. Manteve-se num limbo, condenada pelos ventos da História e pelo rumo que as coisas levavam. Muitos professores tiveram que deixar de leccionar e foram enviados para comunas de reeducação. Alguns estudantes foram mobilizados pelo Exército (Hu Mei, Li Shaohong) outros foram colocados em herdades colectivas (Chen Kaige). Zhang Yimou trabalhou numa tinturaria semelhante à que depois filmou magistralmente em *Ju Dou*. As artes como o cinema de autor eram ostracizadas e condenadas como diabos importados do Ocidente que veiculavam ideias decadentes. Foram momentos difíceis para muitos artistas e professores. Até o filho de Deng Xiaoping (Deng Pufang) não conseguiu escapar aos excessos e a Revolução Cultural transformou-o num paraplégico. O jovem estudante de cinema Chen Kaige denunciou o próprio pai ⁽²⁾ aos Guardas Vermelhos, numa sessão pública que lhe causou mais tarde uma profunda angústia, devido ao



Apostada em diversificar os seus papéis e em afirmar-se internacionalmente, Gong Li tem participado ultimamente em filmes como “Memórias de uma Geisha”, “Miami Vice” e “Hannibal Rising”



Kobal/TOKUMA ENTERPRISES/The Kobal Collection/WireImage.com

Ju Dou é o primeiro filme chinês a conseguir uma nomeação para o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro

As salas de aula voltaram a fervilhar com novas ideias e propostas arrojadas de jovens realizadores. Procuravam inovar e reflectir sobre as consequências de uma longa década em que se viram privados de estudar e em que o país foi sacudido por uma onda de grande agitação.

Fruto dessa reflexão nasce *Yellow Earth*. As reformas encetadas sob a liderança visionária de Deng Xiaoping fomentaram a criatividade latente à espera de um despertar. A censura era mais branda. Chen Kaige, o realizador, sentia uma liberdade nunca antes conhecida na abordagem de determinados temas.

O filme espelhava a ambiguidade com que o seu autor encarava o atribulado passado recente da China. A acção decorre no ambiente genuinamente rural de uma aldeia de Shaanxi, em 1939. Dez anos antes da tomada do Poder pelo regime fortalecido pela Longa Marcha. O quotidiano dos camponeses é-nos mostrado com uma grande riqueza visual suportada por uma excelente fotografia (da responsabilidade de Yimou que é o *D.P.*, (*Director of Photography*) nesta produção). Embora todos pareçam viver numa aparente harmonia em que os valores individuais se diluem nos mais importantes desígnios comunitários, somos

confrontados com o drama de uma jovem camponesa de 14 anos que sonha em escapar às agruras da sua vida sem futuro. Apaixona-se por um soldado comunista e decide fugir da aldeia e de um casamento pré-arranjado pela família, quebrando com a tradição que a prendia ao passado.

Kaige incorpora na narrativa valores budistas e taoistas, com grande subtilidade. Uma reflexão sobre a dualidade do bem e do mal que serve de veículo para questionar alguns princípios que o pensamento dominante defendera para a sociedade.

A 5ª Geração, da qual Chen Kaige faz parte, afirmou-se por oposição às anteriores, mediante a selecção de temas vincadamente humanistas, com uma preocupação etnográfica. O desempenho do indivíduo como motor da História, em contraponto com o colectivismo, assume um papel fulcral. Os heróis são seres humanos com os quais nos identificamos facilmente. O individualismo sobressai e estabelece um novo padrão nos dramas que discorrem na tela, nos mais diversos enquadramentos. Para trás ficaram as preocupações determinadas pelo rigor do realismo socialista que imperou nas gerações anteriores. Outro aspecto que adquire uma dimensão importante em todos os filmes desta fase é o intenso erotismo e sensualidade que as personagens femininas projectam. É o caso de Gong Li em obras como *Red Sorghum* (Milho Vermelho), *Ju Dou*, *Raise The Red Lantern* (Lanternas Vermelhas) e *Shanghai Triad* (Tríade de Xangai). A sexualidade surge como um *leitmotiv* estruturante nas narrativas e deixa de ser um tabu a evitar como fora até então. Celebra-se a metáfora e a elipse. O microcosmo da aldeia é uma representação da China; os homens, frequentemente prepotentes e austeros sugerem a velha ordem instituída – as mulheres, jovens heroínas, encarnam as virtudes e revelam-se como protagonistas da mudança.

Mutatis mutandis. Mudança. Era a chave dos novos valores que as reformas promoviam. Os filmes da 5ª Geração afirmaram-se como um testemunho privilegiado de uma nova mentalidade enriquecida com a capacidade crítica de julgar os erros do passado e reflectir sobre os excessos cometidos pelas massas revolucionárias de 60 e 70. Reescrevia-se a História.

Até este período, os filmes só podiam ser produzidos pelos estúdios oficiais que por sua vez submetiam os projectos à apreciação do *Chinese Film Bureau*, um departamento do Ministério da Radiodifusão, Televisão e Cinema que analisava minuciosamente os *scripts* e *storyboards*. Esse exercício de fiscalização amenizou-se em meados da década de oitenta em virtude da implementação de algumas reformas que possibilitaram a rodagem de co-produções com o exterior. Procurava-se modernizar a indústria cinematográfica e a entrada de capitais estrangeiros era considerada benéfica.

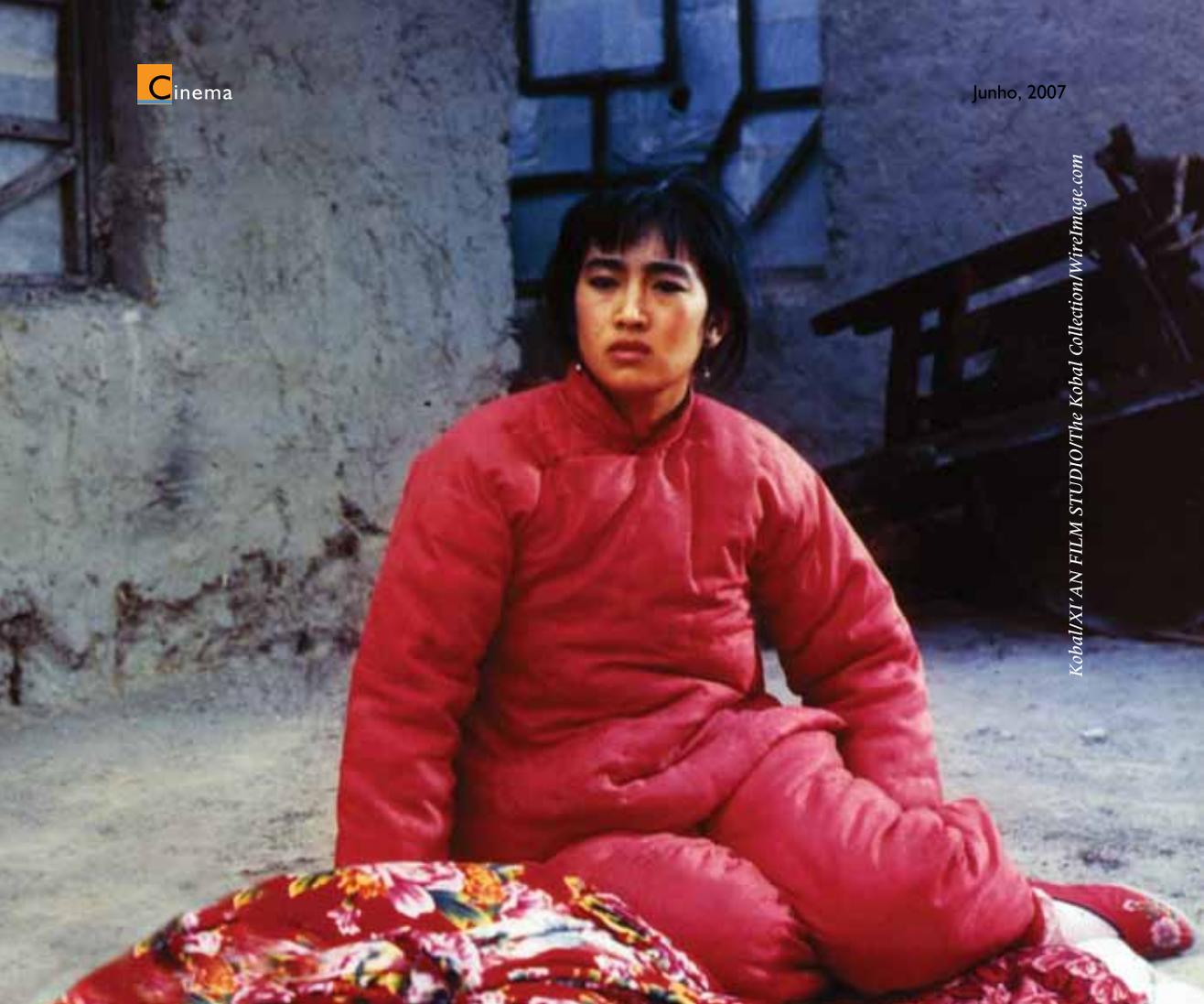
Outro factor determinante foi a nomeação do realizador Wu Tianming (3) para director do estúdio central de Xian. Amigo pessoal de Kaige e Yimou, tinha uma outra visão para o meio e alterou profundamente os mecanismos de produção. Apadrinhou projectos como *Red Sorghum* (Milho Vermelho) de Yimou e *King of The Children* de Kaige que foram rodados em Xian sob sua orientação.

Uma nova dimensão

Em filmes como *Blue Kite* (Tian Zhuangzhuang), *The Story of Qiu Ju* e *To Live* (Viver) (Zhang Yimou) debate-se a China *at large* – o que foi, onde estava e para onde ia. Substituem-se gradualmente os velhos arquétipos do modelo consubstanciado pelo realismo socialista, alicerçados em montagens cinéticas influenciadas pelos mestres soviéticos Eisenstein e Pudovkine, por um estilo menos construtivista, mais próximo da realidade, do quotidiano das pessoas, expondo o seu lado humano, com as suas fraquezas e pequenas glórias.

Digna de menção é a forma como a natureza surge tratada nas composições. Ela sublinha e reforça a crença no indivíduo: o Homem surge como a medida de todas as coisas. Mas note-se que é um homem anti-herói: cheio de incertezas, angústias, vulgar, frequentemente perdido na imensidão da natureza. A paisagem adquire um novo papel, até então minimalista. Agora revela-se omnipresente e determinista. Por vezes é enquadrada de forma pouco convencional, fugindo ao classicismo imposto pela regra de ouro que rege os enquadramentos, uma disciplina seguida no cinema e herdada da pintura. É o que acontece em *Yellow Earth*. A Terra passa a ser mais uma actriz que determina o enredo. É interessante analisar a influência que a pintura tradicional chinesa exerce em alguns cineastas da 5ª Geração. Zhang

Gong Li em "Lanternas Vermelhas",
realizado por Zhang Yimou em 1991



Kobal/XI/AN FILM STUDIO/The Kobal Collection/WireImage.com

Com *Red Sorghum* (Milho Vermelho) Zhang Yimou obteve o Urso de Ouro no Festival de Berlim

Yimou é o que mais evidencia essa marca, através do seu estilo carregado de simbolismo visual, principalmente em obras como *Ju Dou* e *Raise The Red Lantern* (Lanternas Vermelhas), onde obtém imagens de grande requinte plástico e apurado sentido estético. Sobressaem os tons vermelhos numa paleta de cores vivas nas cenas que a sua câmara enquadra e transfere para o ecrã. “O vermelho é a cor da vida, mas também pode representar a morte, através do sangue que escorre”, refere Yimou.

É curioso observar a ambiguidade do drama que evolui na tela e que espelha a realidade da história relativamente recente do país. O resultado impressionou vastas plateias em todo o mundo, cativando muitos olhares ocidentais. *Yellow Earth* era a primeira obra a atrair a atenção da crítica internacional para uma nova vaga de cineastas que se

tinha afirmado por direito próprio na China. Os filmes mais influentes deste movimento são *One and Eight*, Zhang Junzhao (1983), *Yellow Earth*, Chen Kaige (1984), *Horse Thief*⁽⁴⁾, Tian Zhuangzhuang (1986), *Red Sorghum*, Zhang Yimou (1987), *Ju Dou*, Zhang Yimou (1989), *Blue Kite*, Tian Zhuangzhuang (1993) e *Farewell To My Concubine*, Chen Kaige (1993) que arrebatou a Palma de Ouro de Cannes, em 1993.

Rebelde com causa

Ju Dou é o primeiro filme chinês a conseguir uma nomeação para o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro. De novo, a heroína é uma jovem camponesa. É forçada a casar com um austero proprietário de uma tinturaria artesanal de seda. A diferença de



Yellow Earth de Chen Kaige, foi a primeira obra a atrair a atenção da crítica internacional para uma nova vaga de cineastas chineses

idades e o desespero empurram-na para um amor proibido: apaixona-se pelo sobrinho do seu amo e senhor. Este filme esteve banido na China devido à exaltação do individualismo e à crítica velada que fazia ao peso das tradições que orientavam a sociedade, obrigando a uma total submissão dos mais novos aos anciãos, uma herança confucionista. O recurso a metáforas visuais e a opção estilística pela elipse narrativa são uma característica marcante em *Ju Dou* e foram empregues noutras obras deste período para torner temas tabu e evitar problemas com os censores.

No Festival de Berlim Yimou arrebatou o Urso de Ouro com *Red Sorghum* (Milho Vermelho) (1987); obteve o Urso de Prata e Grande Prémio do Júri com *The Road Home* (O Caminho Para Casa) (1988). Em Veneza, conquistou o Leão de Ouro com *The Story of Qiu Ju* (1992) e novamente o mesmo galardão com *Not One Less* (Nenhum A Menos) (1999). Sobre a influência das tradições na mentalidade chinesa, Yimou é peremptório: “Durante séculos imperou na China o hábito de se pensar em termos colectivos; é por isso que

nós raramente somos capazes de agir de forma autónoma, em resposta aos nossos desejos e emoções pessoais. No entanto, os jovens estão hoje mais interessados em explorar os seus egos, especialmente devido à influência ocidental.” É o cineasta chinês com maior projecção e exposição mediática. Está intimamente ligado à sua actriz fétiche, Gong Li, que dirigiu em muitos filmes. Para além de artista favorita, foi sua companheira de facto, até 1995. Personalidade cativante, senhora de um charme irresistível, revela todo o seu talento e dotes artísticos em películas como *Ju Dou*, *Raise The Red*

Lantern (Lanternas Vermelhas) e *Shanghai Triad* (A Tríade de Xangai).

Apostada em diversificar os seus papéis e em afirmar-se internacionalmente, tem participado ultimamente em mega-produções americanas, como é o caso de *Memoirs of a Geisha* (Memórias de uma Geisha) (2005), *Miami Vice* (2006) e *Hannibal Rising* (2007).

A fecunda colaboração artística entre ambos inicia-se com *Red Sorghum* (Milho Vermelho), primeira obra de Yimou. Gong Li era ainda estudante da *Central Drama Academy* de Pequim. Tinha então 22 promissores anos. Graduou-se em 1989



Gong Li

Actriz

Data de Nascimento: 31 de Dezembro de 1965

Natural de Shenyang, Liaoning

Os primeiros anos foram passados em Jinan, capital da província de Shandong, para onde foi viver com a família. Os pais eram professores.

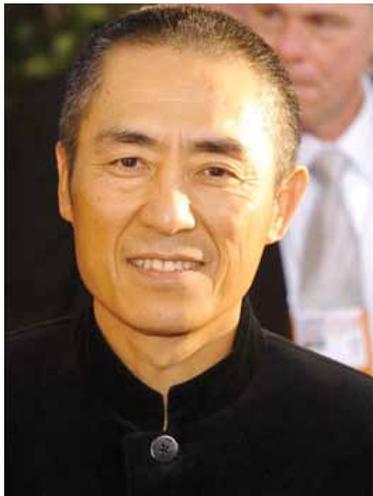
Decidiu ser actriz desde muito nova. Na escola gostava de interpretar papéis e de cantar nas pequenas peças e encenações que eram apresentadas no âmbito das actividades lectivas. Apesar de reprovada duas vezes no exame final do secundário, logrou ser admitida em 1985 na *Central Drama Academy* de Pequim e graduou-se em 1989. Era ainda estudante quando foi convidada pelo realizador Zhang Yimou para ser a protagonista do filme de estreia de ambos, *Red Sorghum* que arrebatou o Urso de Ouro do Festival de Cinema de Berlim em 1988. Os dois mantiveram uma intensa relação amorosa até

1995, apesar do realizador ser casado. Integrou o elenco artístico de todos os filmes realizados por Zhang Yimou entre 1990 e 1995: *Ju Dou*, *Raise The Red Lantern*, *The Story of Qiu Ju*, *To Live* e *Shanghai Triad*. Só em 2006 volta a participar numa obra do realizador, ao protagonizar *Curse of The Dragon Flower*, que constitui o maior sucesso de bilheteira da China, tendo quebrado todos os recordes. Membro do Congresso do Povo da República Popular da China.

Galardoada pelo governo francês com a *Ordre des Arts et des Lettres* em 1998 pela sua contribuição para a arte cinematográfica. Representa vários organismos internacionais sob a égide das Nações Unidas e grandes nomes do mundo da moda e cosmética como *L'Oréal* e *Shanghai Tang* entre outros. Convidada para membro do Júri dos maiores Festivais Internacionais de cinema, é uma actriz que atrai constantemente as atenções.

Extremamente sensual e fotogénica, foi eleita pela *People Magazine* como uma das 50 personalidades mais atraentes do mundo. Ernest Hemingway achava que Ava Gardner era o mais belo animal do mundo. Se ainda fosse vivo, o celebrado romancista da *lost generation* talvez encontrasse uma nova destinatária para o seu elogio, na pessoa de Gong Li. Tem o raro dom de permanecer bela e sedutora, sem acusar as marcas do tempo.

A popular banda de rock “*Red Hot Chili Peppers*” dedicou-lhe um tema que tem o seu nome e que foi editado com o single “*Scar Tissue*”.



Zhang Yimou

Realizador

Data de Nascimento: 14 de Novembro de 1951

Natural de Xian, província de Shaanxi

Desde muito cedo sofreu com a discriminação que a sua família era alvo, devido ao passado político do pai. Foi membro do K.M.T., com a patente de major, durante a turbulenta guerra civil (1927-1949). Serviu nas forças vencidas pelo Exército Popular de Libertação, pelo que não foi nada fácil para a família viver o período pós-guerra, que coincidiu com os verdes anos de Zhang. Estigmatizado socialmente, o pai teve que aprender a viver com o drama do desemprego. Apesar de excelente aluno, a Zhang foi sempre recusado o acesso a organizações de juventude, um trampolim para o Partido e os bons empregos. Introvertido, sem amigos, teve que aprender a não revelar os seus pensamentos e ideias.

Aos quinze anos inicia uma experiência marcante que mais tarde servirá de inspiração para alguns dos seus filmes. É a Revolução Cultural que o atira para os mais diversos lugares e ocupações, por entre fábricas e herdades colectivas de produção. Essa vivência permitiu-lhe conhecer o que era o país real, ao aprofundar os contactos com os *compagnons de route* que viviam uma aventura semelhante. Rapidamente percebeu que para lá da “cortina de bambu” a realidade era bem diferente do que a propaganda fazia crer.

Compra a primeira máquina fotográfica com o dinheiro resultante da venda do seu próprio sangue, o que lhe permitia juntar algumas economias.

Em 1978 decide inscrever-se na *Beijing Film*

Academy, mas a sua candidatura é rejeitada com o argumento de ter 27 anos, idade superior ao que era permitido. Recorre da decisão e em desespero de causa, apresenta o seu portfolio de fotografias. As portas da instituição finalmente abrem-se perante a evidência do seu talento como fotógrafo. É admitido no Departamento de Cinematografia.

Torna-se amigo de colegas que estudavam realização, entre os quais se contam Chen Kaige e Tian Zhuangzhuang. O resto já é história. Participa como D.P. (Director de Fotografia) na primeira obra de Kaige, *Yellow Earth* (1984) que marca o início da 5ª Geração do cinema chinês.

Inicia-se na realização com *Red Sorghum* (1987) e na tela desponta o talento da sua actriz de eleição, Gong Li. O sucesso internacional permite-lhe obter fundos estrangeiros para realizar as suas obras seguintes: *Ju Dou* (1989) e *Raise The Red Lantern* (1990). Estes três filmes formam uma trilogia que cimentou a reputação internacional de Yimou. Inicialmente banidos na R.P.C. devido à sua forte mensagem *anti-establishment*, puderam finalmente ser projectados após ter aceite realizar uma obra apoiada pelas autoridades, *The Story of Qiu Ju* (1992). Este comprometimento com o sistema marca o início de uma fase em que é evidente um certo declínio na sua criatividade e irreverência. Mestre na utilização da luz e da cor, é exímio na arte da composição criativa, sabendo enquadrar de forma a reforçar o efeito dramático das cenas que dirige no *plateau*.

Foi nomeado pela Comissão Organizadora dos Jogos Olímpicos de Pequim (2008) para dirigir as cerimónias de abertura e de encerramento, em que se pretende um grande aparato cénico-coreográfico, com milhares de figurantes.

Palmarés das participações nos principais Festivais Internacionais de Cinema:

Festival de Cannes

Grande Prémio do Júri em 1994 - *To Live*

Festival de Veneza

Leão de Prata em 1991 - *Raise The Red Lantern*

Leão de Ouro em 1992 - *The Story of Qiu Ju*

Leão de Ouro em 1999 - *Not One Less*

Festival de Berlim

Urso de Ouro em 1988 - *Red Sorghum*

Urso de Prata em 2000 - *The Road Home*

Cena do filme *A Tríade de Xangai*

Kobal/ALPHA FILMS/The Kobal Collection/WireImage.com

e nunca mais parou. Tinha nascido mais uma estrela para a constelação do cinema. Das mais cintilantes.

Zhang Yimou e Gong Li são celebridades com um nível de popularidade extremamente elevado. Gozam ambos de grande influência no meio cultural e artístico chinês. Aparecem frequentemente em lugares de destaque nas listas elaboradas pela *Forbes*, revista especializada em assuntos económicos, que classifica as personalidades do país segundo o rendimento e influência social.

Nos últimos anos Zhang Yimou abrandou a irreverência, optando por temas menos controversos dos que lhe valeram alguns dissabores com os censores. Os filmes mais recentes apresentam narrativas inspiradas em factos históricos e lendas tradicionais.

“Porquê continuar a abordar os problemas do passado? Porquê ilustrar os erros cometidos e que nós agora admitimos? É preferível produzir filmes com uma mensagem mais optimista sobre o excelente período que vivemos actualmente. É o que as autoridades me repetem sempre que apresento um novo

projecto”, adianta o realizador.

Hero (Herói) (2002) teve um excelente comportamento nos mercados internacionais e chegou a liderar o box office americano. *The Curse of the Golden Flower* (A Maldição da Flor Dourada) (2006), a última produção, insere-se na sua metodologia actual de neutralidade e distanciamento dos temas fortes dos anos oitenta.

O engajamento em causas sociais dos primeiros anos desvaneceu-se. Rendeu-se aos encantos do *show business made in China*, mas não deixa de ser uma figura de proa da 5ª Geração. ■

N.A.

⁽¹⁾ Muitos cineastas da 5ª Geração continuaram a produzir obras características desta corrente após 1989, como é o caso de *The Emperor Shadow* de Zhou Xiaowen, rodado em 1996. Determinou-se fechar o ciclo da 5ª Geração em 1989, devido ao surgimento das primeiras obras da 6ª Geração em 1990.

⁽²⁾ Chen Huai'ai, também realizador e ex-KMT durante a guerra civil. Nesta acção, os guardas



vermelhos saquearam a casa familiar situada num bairro elegante de Beijing, atirando os livros para uma fogueira, num auto-de-fé revolucionário consumado com o rapar da cabeça de Chen Huaiai.

⁽³⁾ Wu Tianming, natural da província de Shaanxi, realizador da 4ª Geração, também formado pela Beijing Film Academy. Pelo entusiástico apoio dado a muitos realizadores como director do Xian Central Studio, é conhecido como o “padrinho da 5ª Geração”. Exilou-se nos E.U.A. em 1989, por motivos políticos. Regressou à China em 1994, continuando a trabalhar na indústria cinematográfica e televisiva da R.P.C.

⁽⁴⁾ O conceituado realizador norte-americano Martin Scorsese considera que *Horse Thief de Tian Zhuangzhuang* é o melhor filme da década de oitenta (1980-1990)

Fontes para uma leitura posterior:

China on Screen – Chris Berry e Mary Farquhar (Columbia University Press, 2006)
Chinese National Cinema – Zhang Yingjin (Routledge, 2004)

* Realizador/Artista Plástico

TOP 20 Uma selecção de filmes chineses

(cinematografias da China, incluindo Hong Kong e Taiwan)

- 1- *Yellow Earth*, Chen Kaige, 1983
- 2- *In The Mood for Love*, Wong Kar-wai, 2000
- 3- *Springtime in a Small Town*, Fei Mu, 1947
- 4- *Blue Kite*, Tian Zhuangzhuang, 1993
- 5- *Ju Dou*, Zhang Yimou, 1989
- 6- *Days of Being Wild*, Wong Kar-wai, 1991
- 7- *Vive l'Amour*, Tsai Ming-liang, 1994
- 8- *Flowers of Shanghai*, Hou Hsiao-Hsien, 1998
- 9- *Raise the Red Lantern (Lanternas Vermelhas)*, Zhang Yimou, 1991
- 10- *The Killer*, John Woo, 1989
- 11- *Red Sorghum (Milho Vermelho)*, Zhang Yimou, 1987
- 12- *A Better Tomorrow*, John Woo, 1986
- 13- *Unknown Pleasures*, Jia Zhangke, 2002
- 14- *The Horse Thief*, Tian Zhuangzhuang, 1986
- 15- *Suzhou River*, Lou Ye, 2000
- 16- *Devils on the Doorstep*, Jiang Wen, 2000
- 17- *Beijing Bicycle*, Wang Xiaoshuai, 2001
- 18- *Eat Drink Man Woman*, Ang Lee, 1994
- 19- *Infernal Affairs*, Andrew Lau, Alan Mak, 2002
- 20- *Election*, Johnnie To, 2005

Era uma vez... um território onde era escassa a oferta de livros em línguas europeias. Esses tempos, porém, podem ter os dias contados com o aparecimento, recente e quase simultâneo, de novas livrarias e secções com publicações em línguas portuguesa e inglesa, que se juntam às já existentes. Um reflexo da sociedade local, dado o cada vez maior número de residentes estrangeiros e conseqüente maior procura de livros. A história de Macau, pelo menos no que se refere à leitura, parece querer caminhar para um final feliz

To Bloom... florescer, ostentar frescura. A designação inglesa deu origem a um dos mais recentes espaços de leitura e leitores. Mesmo ao virar da esquina, no Largo do Pagode do Bazar, os livros da *Bloom* aparecem em duas línguas, desde que a livraria abriu as portas há alguns meses. “Foi com essa ideia de começar a criar uma colecção de livros que aposto nas obras portuguesas que não existiam em Macau, nomeadamente de novas editoras que surgiram em Portugal. Temos muita arte e aqueles livros que vão inspirar a vida de uma pessoa”, enumera António Falcão, um dos responsáveis pela livraria. Livros relacionados com a China, a defesa do ambiente, a salvação do planeta ou obras de autores portugueses traduzidas para inglês prometem ligar-se ao leitor, numa relação mais pessoal do que comercial, como esclarece António Falcão. “Queremos estabelecer uma ligação entre os livros e as pessoas que nos visitam, não é só querer vender, queremos ter objectos que vão passar a fazer parte da vida das pessoas”.

Fim dos tróleys

A *Bloom* foi sendo escrita devido à escassez em Macau de livros em línguas europeias. A Internet e deslocações à vizinha Hong Kong eram algumas das alternativas para quem não lê caracteres chineses. Foi também por essa razão que a *BookaChino* começou a ganhar forma. “Há uma óbvia necessidade de haver um mercado. Há muitos expatriados a vir agora para Macau. Há macaenses e chineses que querem obter publicações

inglesas mas não conseguem, têm que ir a Hong Kong. Tenho muitos amigos que iam lá ao fim-de-semana e voltavam com um trólei de revistas e livros”, conta Jason Broome, da *BookaChino*.

A livraria abriu as portas nos Novos

Leituras para todos os gostos

Aterros do Porto Exterior (NAPE), no início deste ano, mas a ideia começou a nascer há cerca de dois anos, numa altura em que já era dada como certa a chegada de mais estrangeiros para residir em Macau. Shonee Mirchandani, proprietária de várias livrarias em Hong Kong, veio à RAEM espreitar eventuais oportunidades de negócio. A viagem acabou por não dar frutos. No entanto, em meados de 2006, com a colaboração de Jason Broome, este projecto comercial começou a dar os primeiros passos.

De livro em livro, as prateleiras da loja começaram a ficar compostas. Actualmente, na *BookaChino* podem folhear-se publicações em língua inglesa, nomeadamente grandes êxitos de ficção, livros especializados em economia e também revistas variadas para contentar corpo, mente, aspirações artísticas ou sociais. Leituras para “um mercado em expansão”, como explica Jason Broome. “Em Macau há muito potencial para uma série de coisas. Alguns dos meus amigos abriram bares, restaurantes e outros negócios. Então, em vez de fazer algo que eles estão a fazer, por que razão não fazer algo que ninguém está a fazer?”. Entretanto, porém, já há mais gente a fazê-lo.

Na Avenida Conselheiro Ferreira de Almeida, a um passo do Tap Seac, está localizada a Plaza Cultural Macau, uma ampla livraria, que sempre reservou um cantinho à língua inglesa, nestes já longos anos da sua existência. Apesar do canto ainda ser suficiente para a procura, a Plaza Cultural Macau começou a ler os sinais da mudança. “Macau começou a mudar. Cada vez mais estrangeiros, que falam sobretudo inglês, estão a viver cá. Por outro lado, também têm vindo muitas pessoas da China Continental. Muitos deles querem aprender a língua inglesa”, explica Waiman Sit, funcionária da Plaza Cultural Macau. A piscar o olho para o negócio, a livraria resolveu abrir, mesmo na porta ao lado, uma secção inglesa. As viagens e a ficção são as especialidades da (pequena) casa. Waiman Sit ainda anda às voltas com o computador e com um negócio que até agora desconhecia. Foi contratada em Abril para se ocupar do atendimento desta secção inglesa que abriu em meados desse mês. Entrou assim pela primeira vez no mundo dos livros. “O que mais gosto são os livros de viagens. Adoro viajar! Mas ainda não tive tempo de explorar tudo o que está nas estantes”, afirma Waiman Sit, com uma alegre desconfiança de que passará a ter mais tempo para ir passando os olhos pelo mundo.





A Bloom tem muita arte e livros que vão inspirar a vida de uma pessoa



As revistas em língua inglesa são uma das especialidades da BookaChino

Leitores chineses aderem

Cristina Lai há muito que anda nestas andanças dos livros. Trabalha na Livraria Portuguesa desde a sua abertura, em 1985. Pelo meio, ainda esteve ausente cerca de quatro anos, mas acabou por regressar. Dezoito anos de casa que lhe permitem ir anotando as mudanças. “Depois de 1999, comecei a notar que há mais jovens a aprender português. Não sei se por causa do curso do Direito, não sei. O Instituto Português do Oriente (IPOR) também tem tido mais alunos de português”. Cristina Lai sabe do que fala porque estes alunos passam cada vez em maior número pela Livraria Portuguesa.

Procuram livros de estudo, mais técnicos, ou de aprendizagem do português. “Pelo contrário, temos menos clientes portugueses. Muitos partiram antes de 1999, os que ficaram são fiéis, continuam a vir mas talvez comprem menos”, lamenta. A crise parece também ter atingido os livros para crianças e jovens, obras que se vendem muito menos. No entanto, a língua e a cultura portuguesas não estão de todo fora de moda, nomeadamente junto dos turistas de Hong Kong e até dos japoneses que por aqui passam. “Por altura dos cursos de Verão de língua portuguesa, vêm cá sempre muitos bolseiros japoneses, compram livros e música popular portuguesa”. Como que a

rivalizar, é também significativo o número de estudantes da China Continental que procura na Livraria Portuguesa obras relacionadas com Portugal.

De facto, a comunidade chinesa local não passa ao lado destes espaços de leitura em línguas estrangeiras. Em alguns casos, são até os principais clientes. “Vêm muitos pais à livraria comprar para os filhos gramáticas e outros livros de estudo da língua inglesa”, esclarece Waiman Sit, funcionária da Plaza Cultural Macau.

A livraria abre a porta a outras línguas, com a oferta, ainda limitada, de gramáticas em espanhol, alemão ou francês. Na BookaChino também passam

cada vez mais jovens estudantes chineses, à procura da língua inglesa, através dos livros.

Religião trilingue

Lamentam que o espaço seja reduzido. As Filhas de São Paulo queriam dar mais livros e leituras, sobretudo agora que as escolas e as bibliotecas parecem querer reforçar os respectivos acervos. De qualquer forma, na área da Livraria S. Paulo – já com décadas de existência - conseguem tripartir as prateleiras em línguas chinesa, portuguesa e inglesa. Apesar das publicações religiosas

Cristina Lai trabalha na Livraria Portuguesa há 18 anos





As irmãs Domenica Roña e Francesca na Livraria S. Paulo

dominarem o espaço, é com orgulho que as irmãs apresentam um catálogo mais diversificado. “Temos livros de diferentes géneros. Os portugueses, por exemplo, encontram aqui obras da área do direito, temos livros destinados às crianças e aos adolescentes também com muita saída”, explicam as irmãs Domenica e Francesca.

As Irmãs Paulinas ou Filhas de S. Paulo chegaram a Macau em 1969. Nesse mesmo ano, nascia a Livraria S. Paulo. A localização nem sempre foi a mesma, porém, os princípios não se alteraram

com o correr dos anos. “Este é um local para as pessoas também encontrarem alguma tranquilidade. Um espaço para todos que procuram alguma paz”, afirma Domenica Roña.

As alterações demográficas do território não passam ao lado das Irmãs Paulinas. Nos últimos dois anos, têm aparecido na livraria cada vez mais estrangeiros, sobretudo americanos, à procura de livros em língua inglesa. Pelo contrário, os portugueses estão em tendência inversa. Durante muitos anos, os clientes chineses eram inexpressivos, agora são a maioria.



Letras musicais

Nasceu livraria, mas parece ser a música que sempre comandou. Debruçada sobre o Largo do Senado, a Pin-to Livros começou por combinar palavras e sons. Livros em língua chinesa e, por vezes, perdidos numa estante, obras em língua inglesa relacionados com arte e cultura... No ar, desde sempre se ouviu a música colocada à venda num dos cantos da sala. “Adoro estar aqui, adoro música e às vezes tenho oportunidade de conhecer músicos e até escritores...não muito famosos”, conta divertida Inês Kuan, que trabalha nos tempos livres na livraria.

A páginas tantas, a música, alternativa aos circuitos comerciais, passou a pedir mais espaço. Nasceu assim, em Setembro de 2006, a Pin-to Música, um lance de escadas acima. Por arrasto, para o novo espaço, foram também os livros de design, arquitectura ou fotografia... em língua inglesa. “À Pin-to vêm muitos estrangeiros...portugueses. Trinta a quarenta por cento dos nossos clientes são portugueses”, explica a sorrir um dos vários jovens que trabalham a tempo parcial nas Pin-to. Tal como os colegas e o patrão, é um apaixonado pela música. “Adoro este trabalho, adoro a música, posso ouvi-la o tempo todo, ler já não

“Aparecem também muitos chineses do Continente, nomeadamente jovens, que compram não só guias de viagem mas também bíblias. Como nem todos são cristãos, a Bíblia deve ser também uma forma de aperfeiçoarem o inglês”, comenta Domenica Roña.

Os clientes mais fiéis continuam a ser os católicos. Por isso, aproveitando-se do facto de estar localizada a poucos passos da igreja, a Livraria S. Paulo está aberta aos domingos, “para apanhar as pessoas quando saem da missa”, brincam as irmãs.



A Pin-to Música fez multiplicar os livros em língua inglesa



O Carrossel criou um mundo de fantasia para os mais novos

gosto tanto, não tenho esse hábito”, confessa.

Para além de uma maior oferta musical, a abertura da Pin-to Música fez também multiplicar os livros em língua inglesa. Para além da arte, os romances são a mais recente (e tímida) aposta, assim como os livros para crianças.

Ler o Espaço

Para além de palavras e imagens, as novas livrarias querem também oferecer um espaço. Um local onde apeteça ficar. O Carrossel não teve uma tarefa fácil, uma vez que queria agradar a um público exigente... crianças dos 2 aos 12 anos. Para criar um mundo de fantasia não existem só os livros infantis, há móveis coloridos e até um cavaleiro de carrossel. “Gosto muito de trabalhar aqui. É muito divertido, as crianças brincam neste espaço, é sempre uma divertida confusão. Não podem, mas querem sempre subir para o cavalo”, conta deliciada Amy Ng, funcionária do Carrossel. O espaço abriu no Natal de 2006 precisamente por não existir em Macau nenhuma livraria exclusivamente dedicada às crianças. Os livros são em língua inglesa, os clientes, porém, são sobretudo portugueses e chineses. “É uma forma das crianças brincarem desde cedo com a língua inglesa. A dona da loja, que é portuguesa,



Livros, café e bolinhos juntos na BookaChino

fica muito feliz por saber que muitos chineses vêm cá. É bom saber que não há uma barreira de culturas”, refere Amy Ng, satisfeita por trabalhar pela primeira vez neste tipo de negócio.

Para abrir o apetite aos leitores, a BookaChino combina livros, café e bolinhos. “Teremos clientes que vêm pelo café, pelos doces e por tudo o resto. Se vamos a qualquer café do mundo, olhamos à volta e as pessoas estão a ler livros, revistas e jornais. Por isso, se nós vendermos livros, revistas e jornais, os clientes não trazem os seus. É uma situação vantajosa para ambas as partes”, explica Jason Broome, precisamente sentado junto ao pequeno bar que compõe parte do espaço da BookaChino.

Vermelho e branco são as cores que fazem a Bloom. O espaço convida à tal ligação entre leitor e livro, desejada por António Falcão. Uma vez que se pretende dar vida à literatura, o espaço é utilizado para apresentação de obras. “A ideia era criar um eixo no centro da cidade com coisas que acontecem, criar uma rede de criatividade, a começar pela livraria e por outras actividades que tivemos e vamos ter”, esclarece. E a Praça do Pagode do Bazar pode bem ser o ponto de partida para uma leitura de Macau... ■

Bloom

Largo do Pagode do Bazar
Rua de Guimarães, 206
De quarta a segunda-feira,
14h00 às 22h00



Far Cry

Paulo Nozolino
Steil/Museu Serralves
«Paulo Nozolino é um dos melhores fotógrafos portugueses. O livro mostra trabalhos de uma exposição que esteve patente no Museu Serralves em 2006. A Bloom está a trazer o livro, publicado por uma editora alemã, para passá-lo para outra pessoa que vai tê-lo em casa. Acho isso muito importante, isso é o lema da livraria».

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo, 11
De terça a domingo,
das 10h00 às 19h00



A Movie Lover's Guide to Scripture

Lights, Camera... Faith! The ten Commandments

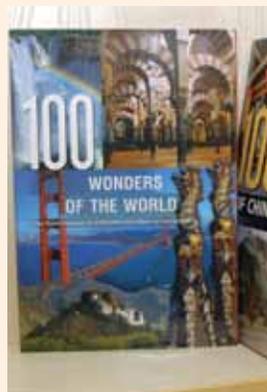
Rose Pacatte e Peter Malone

Pauline Books & Media

“Um livro que aborda os dez mandamentos através das objectivas de filmes populares. Por cada mandamento são dados exemplos de três filmes. É uma espécie de laboratório moral: estimula a discussão, o debate e é muito usado em programas de formação de jovens católicos.”

Plaza Cultural Macau

English Section
Av. Do Conselheiro Ferreira de Almeida, nº32-1
Das 9h45 às 21h00



100 Wonders of the World The Finest Treasures of Civilization and Nature on Five Continents

REBO Publishers

“Um livro forte em imagens. Cem maravilhas que são não só naturais, mas também criações do Homem. As fotos são acompanhadas de textos que explicam os locais e percorrem a história e a arte. A Torre Eiffel, a ponte

de S. Francisco ou o Mosteiro da Batalha, em Portugal, são algumas das maravilhas.”

Livraria Portuguesa

Rua S. Domingos, nº18-20
De segunda a sábado, das
11h00 às 19h00



O Príncipezinho

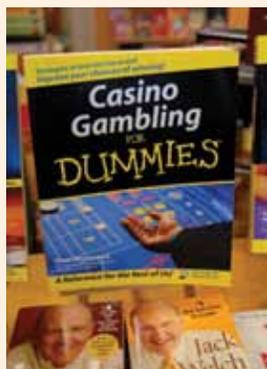
Antoine de Saint-Exupéry
Editorial Presença
“É a história de um menino que vivia num asteróide. Gosto muito. Desde pequenina que lia o livro. Mesmo depois, já adulta, lia o Príncipezinho ao meu filho. Depois foram os sobrinhos, também lhes contava a história. E aos filhos dos meus primos. Foi publicada pela primeira vez em 1943.”

BookaChino

Rua Cidade de Santarém,
nº434, NAPE
De segunda a sexta das 9h00
às 20h00. Sáb./Dom.
das 11h00 às 20h00

Casino Gambling For Dummies

Kevin Blackwood
John Wiley & Sons, Inc.



“Este livro tem tudo a ver com Macau, é muito engraçado. Foi escrito por um jornalista especializado em jogo e quase campeão mundial de Blackjack. Kevin Blackwood explica as melhores estratégias para aumentar as probabilidades de vencer. Temos vários livros da coleção “... For Dummies”, por exemplo, golfe, sexo, mulheres ou mensagens.”

Pin-to Livros Pin-to Música

Largo do Senado, n°31-1°/2°
Andares
Das 13h00 às 23h00



Factory Records
The Complete Graphic Album
Mathew Robertson
Thames & Hudson

“Um livro que reúne algumas das melhores capas de álbuns produzidos pela Factory Records. A produtora de música britânica tem já uma longa história, tendo mesmo inspirado um filme: “24 Hour Party People”. Ao longo das páginas descobrem-se trabalhos de design, mas também bandas, como Joy Division e Happy Monday.”

Carrossel

Bairro S. Lázaro
De terça-feira a domingo
Das 13h00 às 19h30



What I do best
Allia Zobel Nolan
Miki Sakamoto (ilustrações)
Reader's Digest Children's Books
“Os miúdos adoram e as mães também. É um livro feito a pensar nas crianças entre os 3 e os 6 anos. Mostra de forma divertida os elementos da família. O pai, por exemplo, aparece de bigode e pestanas feitos a partir de fios de cabelo. Ao longo das páginas as ilustrações combinam-se com diferentes tipos de colagens, permitindo às crianças tocar e brincar com o livro”.

BIBLIOTECAS

Bibliotecas e Salas de Leitura Destinadas ao Público - 2005

Número:
39
Livros:
1.028.387
Periódicos:
9953
Material Multimédia:
148.28
Visitantes:
3.018.871
Número Empréstimos:
804.777
Área Total (pés quadrados):
125.423
Número de assentos:
2479
Computadores ligados à Internet:
298
Utilizadores de computadores:
351.527
Despesas totais na aquisição de livros:
19.687.768
Funcionários:
213

(Dados dos Serviços de Estatística e Censos)

Um grande jardim no meio dos casinos

São apenas oito anos de vida, mas na sua história brilham os séculos de experiências artísticas de Macau.

Ao mesmo tempo que a cidade se divide entre o jogo e a cultura, o Museu de Arte (MAM) baralha e dá as cartas levando pela primeira vez obras de Macau até à Bienal de Veneza. “Queremos ser um grande jardim no meio dos casinos”, garante Ung Vai Meng, que assume o comando do museu desde a primeira hora

O Museu de Arte de Macau (MAM) celebrou no dia 19 de Março oito anos de existência. Qual o significado desta data? Mais importante será o décimo aniversário. Vai festejar a sério essa data pelo simbolismo que acarreta, apesar da importância que o número oito tem na cultura chinesa e do MAM representar o encontro das duas culturas, a portuguesa e a chinesa. O décimo aniversário será uma data fundamental para este espaço de arte, que é um oceano, muito vasto e muito profundo.

Nos últimos oito anos, o Museu de Arte de Macau tem desenvolvido um trabalho em prol da arte. “Organizámos exposições, conferências, workshops, cursos para crianças. Aprendemos muito com essas actividades” - afiança Ung Vai Meng.

- Há três anos estava empenhado em promover os designers a nível local e além-fronteiras. Quais foram os resultados práticos dessa aposta?

- Um dos momentos altos desse investimento foi a participação de Macau na XXII Bienal Internacional de *Design* Gráfico de Brno, na República Checa, em 2006.

O *design* merece a nossa atenção por ser uma das artes de Macau a registar maior maturidade. A participação de Macau nessa mostra constituiu uma grande oportunidade. Afinal, em destaque estava o *design* gráfico de um país tão grande como a China e Macau tinha uma expressão considerável, apesar da sua pequenez. Ao mesmo tempo que demos a conhecer o talento dos nossos artistas, também a região

e os eventos culturais foram divulgados já que muitos dos trabalhos, como cartazes de festivais e exposições, eram do Instituto Cultural e do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais. Depois dessa experiência tão boa, estamos a trabalhar para participar numa bienal na Polónia, mantendo a aposta no *design*.

-Será que esse é um sinal de que Macau está a entrar nos circuitos das grandes exposições internacionais?

- Sem dúvida que sim. Estamos a envidar esforços para que em 2008 possamos trazer a Macau uma grande exposição com obras do Museu do Louvre. É uma mostra itinerante que envolve ainda o Museu da Capital, em Pequim, e um outro de Singapura. Não somos os únicos a organizar esta mostra dada a sua importância, mas é em Macau que faz a sua última aparição.

- A mostra do Museu do Louvre não vai a Hong Kong ou a Taipé?

- Não (risos).

- Acredita que a promoção da região como capital internacional do jogo contribuiu para que Macau se pudesse evidenciar no estrangeiro mais ao nível das artes?

- Por agora não me parece que tal seja possível, apesar de Macau começar a ser conhecido pelos casinos, mas não tanto ainda no campo das artes. Seria importante Macau tirar real proveito deste *boom* de casinos não só para que mais gente de fora conheça a cidade, mas também no interior da própria região.

- O Instituto Cultural da RAEM tem-se apoiado muito no design para criar uma imagem de marca. O MAM faz dessa arte também um



“Não existe o hábito de comprar arte nem de visitar espaços de arte. Muita gente prefere investir o seu dinheiro em automóveis”

importante cartão de visita, sobretudo ao nível dos catálogos.

- Temos sido premiados pelo *design* dos nossos catálogos. São importantes no contacto que faço, por exemplo, com instituições de renome como embaixadas, museus estrangeiros de renome, como o Museu do Louvre. É uma espécie de cartão de visita do MAM.

- Outra das apostas do MAM nos últimos anos tem sido a formação da população para as artes. Cada vez têm mais workshops...

- Temos dado especial atenção aos jovens e às crianças, porque existe um trabalho importante a realizar ao nível da educação artística. A criatividade e a imaginação eram e são fundamentais em Macau, uma cidade que estava muito fechada. Antes, a formação era sempre em segunda-mão: através de Hong Kong, da China ou partia de um trabalho individual de pesquisa. O trabalho do MAM tem permitido o acesso directo ao mundo das artes mais nobres.

Em Macau há muitos museus mas há poucas galerias particulares, porque não existe o hábito de comprar arte nem de visitar espaços de arte. Muita gente prefere investir o seu dinheiro em automóveis. É por isso que a formação é tão importante.

Estou muito preocupado com o cada vez menor interesse na arte. Com o aparecimento dos casinos, vários jovens que estudavam na universidade optaram por iniciar uma nova carreira na área do jogo, abandonando o seu percurso escolar. Foi uma pena...

- Mas parecem existir mais artistas em Macau?...

- Posso dar-lhe o exemplo da Bienal de Veneza. Quando lançámos o desafio aos artistas de Macau esperávamos receber propostas de dez ou 15 artistas, mas o número de pessoas interessadas em participar mais do que duplicou, tendo recebido trabalhos de 36 pessoas. Ao todo, eram 42 obras de veteranos de Macau e até de estudantes do liceu. Foi magnífico, mostra claramente uma mudança de atitudes, pois antigamente não registaríamos uma tão grande e diversificada adesão. Além disso, muitas das propostas tinham qualidade e referiam-se a Macau, tanto

que vamos organizar uma exposição com os trabalhos que não foram seleccionados para ir a Veneza representar Macau. Serão entre oito a dez trabalhos que vão estar em mostra em Julho, depois dos trabalhos de Macau já estarem em Veneza.

- Será que o aumento de adesão se deve ao facto de mais jovens regressarem a Macau depois de estudos no estrangeiro?

- Sem dúvida. Há muita gente a regressar a Macau. Mas também sentimos que há mais jovens a trabalhar no mundo das artes. Os artistas mais jovens da Nova Vaga, como Bianca Lei, Cindy Ng, João Ó, Fortes Pakeong Sequeira ou Ng Fong Chao já têm um estatuto. Agora, há uma nova camada de artistas que está a emergir, mas ainda está a começar a brotar. Daqui a alguns anos poderemos falar melhor destes novos artistas.

- O esforço do MAM tem-se reflectido num aumento exponencial de cursos e workshops...

- Os nossos cursinhos e *workshops* são sementes que lançamos em Macau. Sem este trabalho não evoluímos nesta área. Temos vindo a aumentar o número de acções de formação. Este tem sido um caminho que tem dados os seus frutos. Julgo que o MAM tem um papel importante na área da formação para as artes, de criar nos mais jovens essa apetência. E a verdade é que os nossos cursos de aguarela, gravura, desenho estão cheios. Este trabalho passa por uma colaboração com as escolas, das chinesas à portuguesa.

- Mais instituições de Macau como o Centro de Indústrias Criativas e o Armazém do Boi fazem um trabalho semelhante. O MAM também colabora com estas instituições?

- Cada instituição que refere tem um papel diferente. O Museu de Arte de Macau tem acesso a grandes instituições como o Museu do Louvre. Por outro lado, existe um espírito de maior abertura no Armazém do Boi para fazer projectos diferentes. Mas claro que há um intercâmbio.

Antigamente, existia uma menor colaboração entre os museus de Macau, que são muitos. Hoje em dia, é bem diferente. Todos os anos, no Dia Internacional dos

Museus, encontramos-nos todos para debater as colaborações que vamos fazer ao longo do ano para promover Macau a nível interno, mas também em Hong Kong e Cantão.

- O MAM promove de facto as artes visuais locais, como que as oficializa no território, mas pouco se vê o museu fazer na área da preservação do património intangível. Grandes museus internacionais



“Se Macau não se preservar será um parque de diversões. Las Vegas não é nada, mas Macau é uma cidade cheia de cultura. Não há outra cidade assim”

tentam inserir as tradições dos países que representam nas suas actividades...

- Para nós, é mais importante proteger a imagem global de Macau, através de pinturas de Smirnoff ou através de mostras sobre Macau. É uma aposta na memória da cidade. Com a transformação galopante da cidade torna-se importante lembrar às pessoas o que Macau foi, para que essa memória de património seja preservada. Organizámos uma exposição de aquarelas de Macau de artistas do século XIX “Impressões Esbatidas – Aquarelas de Macau” para que as pessoas saibam como evoluiu a paisagem de Macau. Nos últimos anos, temos apostado em mostras de fotografias antigas e vendemos sempre os catálogos. Existe um grande interesse.

Promover ou proteger o património intangível de Macau é um pouco impossível para o MAM neste momento. Julgo que o que se poderia fazer a esse nível são iniciativas conjuntas dos museus de Macau, em cada um se evidenciando a sua vertente de trabalho.

Já há alguns anos tinha dito que se Macau não se preservar será um parque de diversões. Las Vegas não é nada, mas Macau é uma cidade cheia de cultura. Não há outra cidade assim.

- Como classifica a relação entre o MAM e a nova Macau?

- Estamos perante um novo estilo de vida. A cidade enriqueceu, mas é importante sublinhar que sem a arte essa riqueza é vazia de sentido. É na arte que está a origem da cultura, do património, de tudo. Ajuda o Homem a pensar, a reflectir, a criticar. O MAM quer uma Macau cheia de cultura e ser um grande jardim no meio dos casinos.

- O MAM debatia-se com um problema de falta de visitantes por estar numa zona de Macau, o NAPE, que só nos últimos anos foi realmente dinamizada com a construção da Doca dos Pescadores, do casino Sands e até o Museu da Transferência. A nova vizinhança tem atraído mais visitantes ao museu?

- Temos de facto mais estrangeiros a visitar o MAM, mas é um aumento gradual consolidado e que será a longo prazo. ■

Macau esquecido por Portugal

O director do Museu de Arte de Macau admite que Portugal não tem marcado presença regular na agenda de exposições, mas não é por culpa de Macau que mais arte portuguesa ali não desagua, garante.

A última exposição portuguesa do MAM data de há mais de quatro anos. “Em 1999 realizámos uma grande mostra que percorria várias vertentes, da arte religiosa à pintura, passando por obras contemporâneas e instalações”. O evento foi muito apreciado mas irrepetível até ao momento.

“Todos os anos estabelecemos contacto com Portugal, mas logo surgem muitas dificuldades da parte de lá e nunca conseguimos trazer até Macau as obras”. É uma comunicação fácil para Ung Vai Meng “por existirem tantas afinidades, mas fico sempre com a impressão de que Portugal se esquece de Macau”.

Ung Vai Meng explica que o MAM mantém a presença da cultura portuguesa no seu trabalho, “basta abrir os catálogos que têm versão em português, representando um esforço brutal da equipa do museu”. As dificuldades de dar continuidade a este trabalho contínuo de traduções são grandes. O director sente que esta é uma forma de manter aberta a janela para o mundo lusófono, da Guiné ao Brasil. “Representamos uma cultura específica”.

E tanto assim é que há uns anos um curador do Museu do Palácio de Pequim recebeu um embaixador do Brasil e mostrou-lhe um dos catálogos do MAM. “Ao notar a tradução em português, o diplomata manifestou a sua alegria perante aquela surpresa. Ficou tão satisfeito que encomendou muitos catálogos para enviar para o Brasil. “Este não é exactamente o tipo de intercâmbio que pretendemos ter com um país como esse, mas é uma forma de promover Macau e a cultura portuguesa que também a caracteriza. Fiquei tão feliz...” ■



Um artista no poder

Ung Vai Meng nasceu em Macau, onde estudou desenho e aguarela com o mestre Kam Cheong Leng. Em 1986, a bolsa de estudos do Instituto Cultural de Macau levou-o até Portugal para aprofundar conhecimentos em pintura e gravura. Em 1991, a mesma instituição, a Fundação Oriente e a Calouste Gulbenkian criaram condições para que estudasse na famosa escola de artes ARCO, em Lisboa, concluindo o curso de Pintura em 1992.

Três anos mais tarde, leva para casa o prémio máximo na categoria de instalação da II Bienal de Arte de Macau, coleccionando até 1997 um total de 40 galardões em concursos de arte locais e a nível internacional, como seja os troféus na I Bienal de *Design* de Macau e na exposição de design que a Associação de Designers de Hong Kong promoveu em 1996. A sua arte ganha tal fama que em 1999 Ung Vai Meng aceita o convite para dirigir o Museu de Arte de Macau, cargo que ocupa até aos dias de hoje. ■

Porque são do tamanho dos milénios da sua história, a arte e a cultura chinesas não se podem traduzir em poucas palavras. O director do Museu de Arte de Macau acede, no entanto a revelar à revista MACAU alguns desses estranhos mistérios ...

É um dos elementos naturais mais apreciados pelos pintores chineses. O bambu entra em muitas obras chinesas mas com um significado especial: “Para transmitir a ideia de força”, muitos pintores convidam o bambu para os seus quadros. Os andaimes de ferro que decoram os edifícios em construção de tantas cidades do Ocidente, em Macau ganham mais beleza por se revelarem em espaldares entrecruzados de bambu onde os operários levam a cabo a sua obra. “O facto do interior do bambu ser oco é veiculado na arte como símbolo de abertura ao conhecimento e de trocas de experiências”, explica.

Outro dos mistérios revelados por Ung Vai Meng é a cor. Muitos ocidentais têm dificuldade em entender a utilização e significado da cor na pintura

chinesa. Os *designers* ocidentais que trabalham na China sentem-se muitas vezes limitados quando trabalham por desconhecerem os múltiplos significados da cor. É infundado pois “mesmo para os chineses há uma grande variedade na leitura das cores”. É verdade que

Enigmas da arte chinesa

o branco pode ser a cor da morte, mas também integra o símbolo de *yin* e *yang*, o universo. “Não é a cor, preto ou branco, que prevalece nesta outra leitura da cultura chinesa”, remata o director do MAM.

A sensibilidade chinesa é provavelmente um dos maiores enigmas mas também o que mais atrai o ocidental na arte da China. Em quase todas as manifestações artísticas de qualidade mais do que o prazer estético ou conceptual o deleite está na emoção dessa expressão. É uma sensibilidade que atravessa a vivência sem deixar mácula, uma apreciação para os sentimentos desprovida de razão. Que enigma é este da arte chinesa tão indecifrável e tocante para um ocidental? Ung Vai Meng abre um leque de explicações para essa sensação tão especial que a arte chinesa deposita em quem a ela se expõe. “Pode ser a grande longevidade da cultura chinesa, porque a nossa vida é curta mas a cultura a que pertencemos atravessa os tempos. É aquilo que acumula a nossa experiência, que existe antes de nascermos e se prolonga depois de morreremos”. Nesse encontro inevitável entre o Homem e a sua cultura a vida ganha outra dimensão, fica do tamanho dessa cultura. O artista chinês tem assim, ao seu dispor uma vasta cultura, que faz parte da matéria-prima do seu trabalho.

Os chineses “valorizam profundamente a sua cultura”. Sabem que existem outras vidas maiores dentro da sua própria vida. “A cultura é o acumular de experiências humanas. É frequente olhar para uma obra chinesa com séculos de existência e julgá-la uma criação recente, adianta Ung Vai Meng, que sublinha ainda a tranquilidade que muitas obras transmitem. Compara depois a vida a um copo de água com areia que no correr dos dias agítamos. Olhar para uma pintura chinesa pode fazer acalmar essa água que de turva passa a transparente. “Ficamos com uma sensação de paz interior”. É tudo uma questão de sensibilidade... chinesa. ■

Macau germina em Veneza

“Duas obras de Macau estão a chegar a Veneza para integrar pela primeira vez a bienal”, diz, com muito orgulho, Ung Vai Meng. O director do Museu de Arte de Macau promove a estreia da RAEM naquele que é um dos eventos culturais mais importantes do mundo. A 52ª Exposição Internacional de Arte da Bienal de Veneza abre no dia 10 de Junho.

“Lugar” é o sugestivo tema de reflexão que Macau leva até Veneza em duas instalações carregadas de humor e de

preocupações advindas do hiper desenvolvimento da região. As obras são assinadas pelos irmãos Lui Chak Hong e Lui Chak Keong e por Konstantin Bessmertny. Os elementos que compõem cada um destes trabalhos gravitam em torno das consequências sociais e culturais da Nova Macau. A arte contemporânea, espelho do ambiente de vida, encontra aqui ampliada uma análise em tempo real. A julgar pelos trabalhos ainda frescos dos artistas de Macau, a

mensagem que viaja até Itália representa a classe dos seus artistas.

A enorme projecção internacional da bienal italiana é reconhecida.

“As obras da RAEM ficam muito bem localizadas, uma ocupando um espaço interior e a outra o exterior. O edifício onde estarão patentes fica junto à costa e muito próximo do epicentro da exposição”.

Ung Vai Meng está muito satisfeito porque esta é a primeira participação de Macau na Bienal de Veneza: “É o começo

de qualquer coisa. É uma semente que ali estamos a depositar”, tendo ainda em conta a adesão massiva dos artistas que entregaram mais de 40 propostas no MAM. O “interesse é diversificado, pois recebemos trabalhos de adolescentes e de veteranos da arte local. É muito importante que tal suceda”.

Até Novembro os milhões de visitantes que sempre acorrem a Veneza nesta altura do ano para tirar a limpo o perfil da arte contemporânea mundial vão poder auscultar a vida que emana das obras da RAEM, passadas que foram pelo filtro de um painel de jurados composto por Yin Shuangxi, comissário e professor da Academia Central de Belas Artes Chinesas, Gao Shiming, crítico de arte e comissário do Centro de Cultural Visual da Academia de Belas-Artes da China, e o próprio Ung Vai Meng.

A obra dos irmãos chineses “Gôndola - Macau” é inspirada no Templo de Á-Má e nas Ruínas de São Paulo. Os dois pintores olharam para as duas cidades e encontraram o denominador comum no facto de ambas estarem listadas no Património Mundial da UNESCO e por terem sido importantes portos comerciais. E não esqueceram que com os projectos da Venetian, da operadora de casinos Las Vegas Sands, Macau vai ser brindado com passeios no típico barco veneziano. “Gôndola - Macau” manifesta ainda as dúvidas sobre o futuro de Macau e o seu papel cultural.

Na instalação “Si monumentum requiris, circumspice” Konstantin Bessmertny foca vertentes de carácter social. O pintor russo lança o seu característico olhar acutilante sob o mundo dos novos-ricos de Macau. Madeira, ferro, dispositivos mecânicos, papel e acrílico são alguns dos materiais que compõem a obra de Konstantin Bessmertny, que de forma “engenhoca” tenta retratar um avião que não pode voar. ■

Obras em detalhe:

Konstantin Bessmertny

Instalação “Si monumentum requiris, circumspice”

Contraplacadado reciclado, lustre, cópias de pintura a óleo, objectos encontrados

190x400x300cm

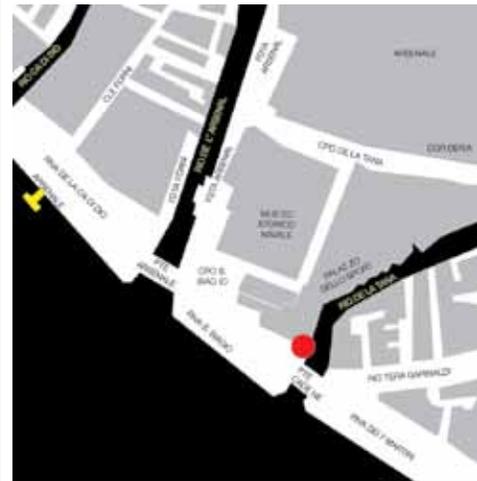
Lui Chak Hong

e Lui Chak Keong

Instalação “Gôndola de Macau”

Cimento, Acrílico

10x 250x 450cm



Design na ordem do dia

No ano passado o Museu de Arte de Macau viajou até ao centro da Europa com um propósito muito claro: promover o talento local e obras de artistas chineses do continente na mais antiga bienal de design do mundo, a Bienal Internacional de Design Gráfico de Brno, que se realiza desde 1963. Foi a dupla portuguesa Artur Rebelo e Lizá Ramalho que venceu o Grande Prémio deste importante concurso e foi no Pavilhão da China que recebeu o galardão pelas mãos do director do Museu de Arte, Ung Vai Meng, um dos jurados da competição. ■

MAM em mostra

Países representados no MAM

China, Coreia, Japão, México, Colômbia, Egito, França, Finlândia, Brasil, Portugal, Moçambique, República Checa

2000 **A Arte dos Oito Excêntricos de Yangzhou** **Nice Du Nouveau Realisme à Supports/Surfaces**

Arte contemporânea Francesa

Legados dos Qing

A Sumptuosa Arte da Embalagem Imperial



2001 **Reflexos da Alma do Mestre** Exposição de Gravuras de Picasso **Lola Alvarez Bravo e Frida Khalo** **no Coração do México**



2002 **As Obras de Lin Jin** Caligrafias, Pinturas e Sinetes **Vozes de Imagem** Exposição Comemorativa dos 100 anos de Manuel Alvarez Bravo. **Vivências do Imperador Qianlong**



2003 **Porto Seguro** Exposição Comemorativa do Centenário de George Smirnoff **Mobiliário Chinês** Colecção do Dr. S. Y. Yip **Rio Profundos** Altas Montanhas: Pinturas de Fu Bao Chi **Essência Luminosa** Relíquias do Budismo Tibetano do Palácio Imperial



2005 **Macau Nova Vaga** Exposição de Arte Contemporânea **Exposição Comemorativa** **do 80º Aniversário do Museu do Palácio** **Olhares Interiores** Documentários sobre Performance Art Chinesa



2006 **Sopro do Universo** Pintura e Caligrafia de Qing Teng e Bai Yang do Museu do Palácio e do Museu de Xangai

Museu do Vinho na liderança

Todos os anos um dos cerca de 20 museus de Macau é chamado a liderar um projecto anual comum. Este ano não um, mas dois museus, o do Vinho e o do Grande Prémio, assumem a cruzada de afirmar o valor cultural de Macau num momento em que a cidade se dispersa no frenesi de muitas mudanças. A iniciativa arrancou a 18 de Maio, quando se celebrou mais um Dia Internacional dos Museus.

Aquele que é ainda o mais português dos museus de Macau, o do vinho, é comandado por Braga Gonçalves, que este ano em conjunto com o Museu do Grande Prémio de Macau, lançou aos espaços congéneres o repto “Os Museus e a Herança Universal”. Este tema vai pontuar o leque de actividades que une os vértices da cultura local, depois de os museus se reunirem para partilhar experiências conjuntas e decidir um programa de actividades com vista a contributos diferentes. Uma das mais significativas é um concurso de vídeo intitulado “Uma Visão Global dos Museus de Macau” e a imaginação é o limite.

Enquanto guardiães da herança da humanidade, os museus “assumem a grande preocupação que é a de valorizar a cultura de Macau e de dar a conhecer a quem visita a região o património histórico de Macau”. Ciente do espelho da mudança que se reflecte no aumento brutal de visitantes, de unidades hoteleiras e casinos, e, conseqüentemente, na transformação da paisagem física da região, Braga Gonçalves refere que “é importante para Macau lançar um apelo sobre o seu valor cultural”. É o património histórico que os museus protegem, desenvolvendo também a cultura da região que contribuirá para o futuro, acredita o director do Museu do Vinho, que abriu as portas em 1995. “Porque Macau não existe sem história”. E se todos os intervenientes destes espaços estiverem unidos “melhor se fará essa preservação”.

O presente de Macau é um desafio para os museus, mas “é importante dar tempo às pessoas para se reorganizarem. Ninguém esperava uma mudança tão avassaladora”, sublinha Braga Gonçalves, que dentro em pouco abandonará as suas funções no museu e Macau, regressando a Portugal depois de 16 anos de dedicação à região. “É por motivos pessoais que me vou embora, mas Macau vai na minha alma. É uma terra onde me senti feliz”. ■

Para além do Museu de Arte

Em Macau não faltam igrejas nem casinos. É ainda uma das cidades do mundo com mais museus por metro quadrado, para além da sua enorme densidade populacional. Nos tempos que antecederam a transferência de Administração de Macau, para a China, o número de museus disparou e nos últimos cinco anos uma nova onda de inaugurações fez subir o número.

- Museu das Comunicações
- Museu das Ofertas sobre a Transferência de Soberania de Macau
- Museu da História da Taipa e Coloane
- Casa Cultural de Chá de Macau
- Espaço Patrimonial – Uma Casa de Penhores Tradicional
- Museu do Gramofone
- Museu dos Bombeiros
- Museu do Grande Prémio de Macau
- Museu do Vinho.
- Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia
- Museu Memorial Lin Zexu de Macau
- Museu de Macau
- Museu Marítimo
- Museu Natural e Agrário
- Museu de Arte Sacra e Cripta
- Museu das Forças de Segurança de Macau
- Casas-Museu da Taipa
- Tesouro de Arte Sacra na Igreja de São Domingos

Homework, Dennis Murrel

Homework é o título do trabalho de Dennis Murrel que está patente na galeria Creative Macau. Trata-se de uma mostra do artista australiano e que reúne um conjunto de 15 pinturas em cartolina. Desde 1989 que Murrel reside no território. Em Macau o artista encontrou o ambiente propício ao desenvolvimento do seu estilo artístico.

Centro de Indústrias Recreativas, até 30 de Junho



“Arte – Libertação da Criatividade”

Esta é uma mostra de 100 trabalhos de artistas locais e que inclui trabalhos de fotografia, vídeo, pinturas tradicionais chinesas, e esculturas. Aberta ao público desde 23 de Maio esta exposição resulta da selecção de trabalhos de novos talentos artísticos deste ano.

Esta mostra não é mais que o seguimento de uma primeira mostra que deu a conhecer os momentos mais importantes dos cem anos do teatro moderno chinês no Continente e em Macau.

Tap Seac, Macau, até 8 de Julho



Caligrafia e Sinetes de Luo Shu Zhong

Luo Shu Zhong estudou pintura com Cheng Zhu Yun e gravação de sinetes com Ye Tui An, mas os seus sucessos ultrapassaram os dos seus mestres. Em Pequim e Xangai procurou os conselhos do grande mestre de gravação de sinetes Wu Chang Shuo (1844 – 1927). Investigou exaustivamente a arte da gravação de sinetes complementando o estilo de gravação Han. Foi também notado pela sua caligrafia de escrita regular e oficial. Nos primeiros anos, dedicou-se ao estilo caligráfico de Chu Sui Liang da dinastia Tang (596 – 658). Fez uma adaptação com base da escrita Chu a fim de criar um novo estilo que reflectisse a sua personalidade.

Museu de Arte de Macau, até 12 Agosto

Exposição de Cerâmicas de Shiwan

Trata-se de pequenas e grandes esculturas em cerâmica de alto relevo, tendo como tema narrativo histórias, mitos e lendas, além da popular ópera cantonense. A sua tradição remonta ao início do século passado, ou seja, final da dinastia Qing e representavam a arte decorativa de Lingnan. Além da decoração exterior de telhados em Guangdong, Hong Kong e Macau, estas pequenas narrativas em cerâmica adornam muitos templos chineses em todo o sudeste asiático. Em exposição estará um destes exemplares com mais de sete metros de comprimento. Inspirado na ópera cantonense, a peça inclui

Junho, 2007

esculturas de muitos outros personagens lendários e mitológicos (peixes-dragão, por exemplo).
Museu de Arte de Macau, até 12 Agosto

Edictus Ridiculum

O título da exposição – “*Edictus Ridiculum*” (Declaração Jocosa) – capta de modo perfeito a ideia central que subjaz aos seus novos trabalhos. Para além das suas humorísticas pinturas a óleo, Konstantin Bessmertny recorre também à instalação para dar forma aos conceitos nelas contidos. Por outro lado, o artista cria as suas obras num ambiente que permite uma interacção com o público.

Peças de cerâmica, violinos, violoncelos e pianos são utilizados para criar obras plenas de vida e de humor e em consonância com a concepção artística dos próprios objectos. “*Edictus Ridiculum*” atrai o público para o mundo visual de Konstantin, permitindo-lhe uma compreensão mais profunda do afecto do artista por Macau, a cidade chinesa que este pintor russo considera agora como a sua casa.

Galeria de Exposições Especiais, Museu de Arte de Macau até 7 de Outubro



Uma Voz Colorida - Pequenos Artistas 2007

Uma mostra que pretende assinalar o Dia Internacional da Criança no dia 1 de Junho, integrada na actividade “O Museu de Arte de Macau Celebra o Dia Internacional da Criança 2007”. São quase 100 obras – incluindo “Guarda-chuvas Coloridos”, “Expressões Faciais” e “Peças de Vestuário Tingidas” – criadas por cerca de 100 participantes do Curso Infantil de Arte (Primavera 2007) realizado pelo Museu de Arte de Macau para crianças dos 5 aos 10 anos, com o objectivo de estimular a criatividade e a imaginação das crianças.

Museu de Arte de Macau, até 11 de Novembro

Encontro com a História

Esta exposição traça o desenvolvimento de Macau, desde meados do Século XIX, com o primeiro registo fotográfico realizado pelo fotógrafo francês, Jules Itier, até aos dias de hoje. A exposição está organizada, por ordem cronológica em cinco capítulos: Macau no Período do Pós Guerra do Ópio; Macau no Período da República; Macau após a Proclamação da República Popular da China; Macau no Período da Transição; Macau depois do Regresso à China

Sala de Exposições do Fórum de Macau, até 31 de Dezembro



Hip hop francês, numa fusão de artes circenses e marciais, aliando-as ainda a outros elementos de dança e música. A Companhia KAFIG foi fundada nos meados da década de 90 do século passado. A intensidade da vida urbana francesa aliada à essência da street dance gerou um novo estilo de dança hip hop. A companhia francesa KAFIG criou um estilo de dança singular combinando movimentos modernos, rápidos e ousados da dança urbana com mímica, acrobacia e técnicas do “novo” circo. Nesta “Terra de Ninguém”, um grupo de jovens reúne-se num baldio desolado debaixo da luz ténue dos candeeiros de rua; cada um deles persegue o seu sonho, acabando, assim, por transformar aquele pedaço árido de terra num paraíso.

*Pequeno Auditório
Centro Cultural de Macau
8 e 9 de Junho*

Terra de Ninguém

Espectáculo



“Postais de França”

Uma noite dedicada ao que de melhor tem a música de câmara francesa. Entre as obras reservadas para esta noite na Igreja de São Domingos, o Quarteto de Cordas N.º 12, op. 252 de Milhaud. De Saint-Saëns o Quinteto para Piano, op. 14 e, finalmente, de Poulenc, Sexteto para Piano e Sopros.

Igreja de São Domingos, Macau
9 de Junho



“Fantasia Escocesa”

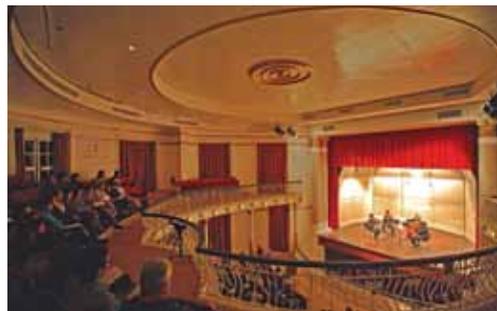
A batuta é do Maestro Lior Shambadal. O violino estará nas mãos de Ning Feng. As obras são de Wagner, Bruch e Rischard Strauss. O espectáculo é inserido no Ciclo Obras-primas do Romantismo.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
16 de Junho

“Jóias do Século XX” Ciclo de Concertos de Câmara

Mais uma noite de música de câmara levada a palco pela Orquestra de Macau. Na igreja de São Domingos serão interpretadas obras como “Miniabertura” para Quinteto de Metais de Lutoslawski; “Cinco Andamentos” para Quarteto de Cordas, op. 5, de Webern ou ainda, de Malcolm, “Three Sea Shanties” para Quinteto de Madeiras, op. 4.

Igreja de São Domingos, Macau
30 de Junho



“Clássicos Alemães e Austríacos”

Depois da França e da Escócia, a Orquestra de Macau brinda o seu público com uma noite de música de câmara da Alemanha e da Áustria. Uma visita ao trabalho de compositores como Haydn, Schubert e Mendelssohn.

Teatro D. Pedro V, Macau
21 de Julho

Da Ópera ao Musical

Inserido no Ciclo de Produções Especiais, o concerto promete visitar obras como “Brindisi” da ópera *La Traviata* ou “Marcha Triunfal” da ópera *Aida*, ambas de Verdi. Mas também outras êxitos como “Canção do Toreador” da ópera “*Carmen*” de Bizet e “*Un bel di vedremo*” de Puccini, da ópera *Madame Butterfly*. De Bernstein, um dos seus grandes êxitos: “*Tonight*” do musical “*West Side Story*”.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
28 de Julho

Os da Minha Rua ■

de Ondjaki

O autor angolano diz que há espaços que são sempre nossos, assim como quem habita neles. Espaços como a rua onde crescemos e a rua como espaço de descoberta, alegria, tristeza e amizade. “Olhava as coisas e imaginava uma música triste; depois quase conseguia ver os espaços vazios encherem-se de pessoas que fizeram parte da minha infância. De repente um jogo de futebol podia iniciar ali, a bola e tudo em câmara lenta, um dia eu vou a um médico porque eu devo ter esse problema de sempre imaginar as coisas em câmara lenta e ter vergonha de me dar uma vontade de lágrimas ali ao pé dos meus amigos. A escola enchia-se de crianças e até de professores, pessoas que tinham sido da minha segunda classe, da terceira... Quando alguém me tocava no ombro, as imagens todas desapareciam, o mundo ganhava cores reais, sons fortes e a poeira também.”

2007, Caminho, Portugal



comerciais e políticas do território.
2007, Oficina do Livro, Portugal

Os Serões do Japão e Paisagens da China e do Japão ■

de Wenceslau de Moraes

É o Japão em que Wenceslau de Moraes viveu depois de ter sido nomeado em 1899 cônsul e onde acabou por morrer sozinho em 1929, com 75 anos. Um Japão que desde o primeiro momento lhe pareceu a redescoberta de um paraíso terrestre. Integrado na vida quotidiana, conhecedor dos hábitos, Wenceslau de Moraes deixa conselhos para os Serões no Japão: “nunca peças, touriste, um beijo à japonesa, não sendo o galanteio admitido”. Mas no Japão, Wenceslau de Moraes fica fascinado pelas paisagens, que julga as mais belas de tudo quanto já tinha visto.

2007, COD, Macau



O Navio do Ópio ■

de Fernando Sobral

Da Ilha da Madeira a Macau, com o ópio como motor da história. Esta obra de Fernando Sobral conta a missão de Américo, em 1817, para implementar uma plantação de ópio. Uma estadia que faz parte de uma estratégia arriscada de um dos mais poderosos homens de Macau, Miguel de Arriaga, que pretende tornar o longínquo território não apenas um porto de escoamento de ópio inglês para a China, mas também um produtor autónomo. Tudo se complica quando chega a altura de enviar o ópio para Macau num navio que poderá mudar as regras



Direito e Procedimento Administrativo (Noções Básicas) ■

de Jorge Baptista Bruxo

O livro “Direito e Procedimento Administrativo (Noções Básicas)”, de Jorge Baptista Bruxo, é baseado no manual de apoio às aulas leccionadas pelo autor, durante vários anos, aos alunos do Curso Superior de Administração Pública do Instituto Politécnico de Macau. A abordagem das diversas temáticas cobertas pelo livro fundamenta-se na lei, na doutrina e na jurisprudência do contencioso administrativo da RAEM, sem prejuízo do recurso a outras fontes e às análises e teorização do autor.



Jorge Baptista Bruxo é docente e antigo director da Escola Superior de Administração Pública do Instituto Politécnico de Macau. Também foi director dos Serviços de Administração e Função Pública de Macau.

2006, Instituto Politécnico de Macau, Macau

Código de Processo Civil de Macau – Anotado e Comentado – Volume I

de Cândida da Silva Antunes Pires e Viriato Manuel Pinheiro de Lima

Os autores desta edição anotada são a professora associada convidada da Faculdade de Direito de Macau da Universidade de Macau Cândida Antunes Pires e o juiz do Tribunal de Última Instância da RAEM Viriato Lima.



Este primeiro primeiro volume abrange os primeiros 210 artigos do Código, estando prevista para o futuro a publicação de mais cinco volumes com o restante clausulado do Código, com os respectivos comentários e anotações.

No prefácio deste primeiro volume os autores manifestam a esperança de que esta obra venha a revelar-se de utilidade para a comunidade jurídica da RAEM, quer como “repositório de comentários, opiniões doutrinárias e dados jurisprudenciais firmados sobre uma inovadora regulamentação dos principais institutos processuais voltados para a realidade local” quer como instrumento de trabalho.

2006, Faculdade de Direito da Universidade de Macau, Macau

As Fontes de Direito em Macau

de António Katchi

Trata-se da tese de mestrado de António Katchi agora publicada e em que o autor analisa o modo como, no quadro da ordem jurídica de Macau, as diferentes categorias de normas jurídicas vigentes devem ser produzidas e articular-se entre si. Dividida

em dois capítulos, a obra aborda o sistema de fontes do direito que vigorava em Macau no período imediatamente anterior à transferência de administração, e outro, mais extenso, dedicado ao sistema que lhe sucedeu.

O autor debruçou-se sobre todas as fontes fundadas na autoridade pública, para além das decisões da jurisprudência criadoras de leis.

António Katchi defendeu a tese a 29 de Junho de 2005 na Faculdade de Direito da Universidade de Macau, tendo sido aprovado com a classificação final de 18 valores.

2007, Instituto de Estudos Jurídicos Avançados da Faculdade de Direito da Universidade de Macau, Macau



Do Mundo Real ao Virtual

de Fong Man Chong

Do mundo real ao virtual é uma obra que analisa a criminalidade informática em todo o mundo, procurando comparar a forma como é regulada em países como os EUA, Portugal, Alemanha, Inglaterra, Japão, ou em territórios como Hong Kong e Taiwan. Como base nesta comparação Fong Man Chon aborda ainda a questão do crime cibernético em Macau, onde não existem ainda diplomas legais que punam a criminalidade informática de forma global e abrangente.

Fong Man Chong é juiz-presidente do Tribunal Colectivo de jurisdição cível do Tribunal Judicial de Base da RAEM e docente de Direito Comercial II do Curso de Direito em chinês da Faculdade de Direito de Macau.

2007, Instituto de Estudos Jurídicos Avançados da Faculdade de Direito da Universidade de Macau, Macau



RETRATO

Miguel Mesquita (foto)

- Há quantos anos está em Macau? Como surgiu a hipótese de vir trabalhar para o Oriente?

- Cheguei a Macau em Setembro de 1993 como bolseiro da Fundação Oriente na área de aperfeiçoamento artístico. Depois de dois anos, quando terminou o período da bolsa, decidi ficar.

- Como tem sido a evolução da carreira de DJ em Macau e na região?

- Embora a minha formação clássica seja de pintura, o meu interesse pela música sempre me acompanhou a par da minha actividade nas artes plásticas. A minha carreira como DJ começou em Lisboa, mas com a vinda para Macau sofreu uma paragem momentânea. O bichinho sempre foi mais

José Drummond

Tocar no Tibete foi memorável

forte e, por isso, comecei a promover eventos ligados à *house music*. Consegui trazer DJs internacionais de primeira linha até Macau. Ao mesmo tempo que trabalhava em Macau comecei também a expandir o meu trabalho para Hong Kong, tendo sido residente em vários clubes e tendo feito o *warm up* para nomes grandes no meio. Com o decorrer do tempo foram surgindo mais oportunidades e nos últimos anos passei a ser representado por uma agência

de Xangai, o que veio dar um impulso enorme na minha carreira. Para além de ter efectuado longas *tournees* por toda a China e alguns lugares do Sudeste Asiático, o ponto mais alto da minha carreira como DJ aconteceu nos dois últimos anos, quando, superando todas as minhas expectativas, fui incluído no *top 200* mundial numa selecção da *Dj mag*, a revista mais importante da especialidade. Dois anos consecutivos nessa selecção acabaram por me colocar como o segundo português e o segundo residente na China a alcançar essa prestigiosa nomeação. Tudo isto resultou como um grande incentivo para que nos últimos tempos me tenha dedicado largamente à minha produção musical com diversos projectos.

- Como é a reacção do público na China, sobretudo nas cidades com menor contacto com o Ocidente?

- A reacção tem sido sempre muito positiva. Como já conheço muito bem os lugares e as cidades mais cosmopolitas, bem como as mais interiores, consigo facilmente adaptar o meu estilo às ambiências próprias de cada uma das cidades, de cada um dos clubes, de cada público. O segredo é versatilidade, atenção e, claro está, boa música, independentemente do estilo ou modismo.

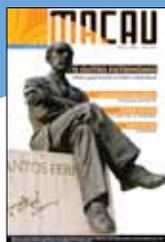
- Como foi a experiência de tocar no Tibete?

- Excelente, a todos os níveis. A aceitação do público foi surpreendente e, depois, o facto de ter sido o primeiro DJ estrangeiro a tocar no Tibete, aliado à magia própria do lugar, fez com que a experiência fosse memorável.

- Além da actividade como DJ, tem desenvolvido actividade em outros campos. Quais são os seus novos projectos?

- Estou de novo muito activo no campo das artes plásticas, com diversos trabalhos a serem terminados para virem a ser mostrados ao público em breve. Para além disso tenho vindo a abrir as portas do meu estúdio para apresentação e debate de obras e carreiras mais alternativas, do vídeo às artes, numa tentativa de informar e fomentar o diálogo cultural entre os participantes, sem qualquer limitação de raça, sexo, idade ou presença nesta ou naquela comunidade, sempre o mais democrático possível, contra a “guetificação” da cultura.

CEM



MACAU Locais de Venda

ANGOLA

Lello, SARL

Lg. David Cervant

Luanda

Tel: +(244) 2 333 144

BRASIL

São Paulo

Casa de Macau de São Paulo

Rua Mário Martins de Almeida, 234

04772-150 - SP

Tel: +(55 11) 56685888

Rede Siciliano

Banca Cidade Jardim

Pr. Deputado Dário de Barros, no 15

05670-090 - SP

Tel: +(55 11) 3812-7299

Barão

Rua Barão de Itapetininga, 227

01042-001 - SP

Tel.: +(55 11) 3255-6641

Shopping D

Av. Cruzeiro do Sul, 1100

- Canindé - 2o Piso

03033-020 - SP

Tel: +(55 11)3313-1944

Shopping Ibirapuera

Av. Ibirapuera, 3103

Indianópolis - Piso Jurupis

04029-903 - SP

Tel: +(55 11) 5543-0071

Shopping Iguatemi

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2232

Jd. América - Piso Térreo

01451-000 - SP

Tel: +(55 11) 3031-9434

Shopping Jardim Sul

Av. Giovanni Gronchi, 5819

Piso 1 - Morumbi

05724-003 - SP

Tel: +(55 11) 3744-1901

Shopping Metrô Santa Cruz

Rua Domingos de Moraes, 2564

- Loja L1/2

04035-100 - SP

Tel: +(55 11) 5083-4616

Shopping Metrô Tatuapé

Rua Domingos Agostim, 91

Segundo Piso

03314-030 - SP

Tel: +(55 11) 6192-9562

Shopping Paulista

Rua 13 de Maio, 1947 -

Piso Maestro Cardim - Bela Vista

01327-020 - SP

Tel: +(55 11) 3289-3507

Shopping Pátio Higienópolis

Av. Higienópolis, 618

Piso Higienópolis

01238-000 - SP

Tel: +(55 11) 3823-2669

Shopping Plaza Sul

Praça Leonor Kaupa, 100

Piso Térreo - Jardim da Saúde

04151-100 - SP

Tel: +(55 11) 5073-8040

Shopping Sp Market

Av. das Nações Unidas, 22540

- Jurubatuba

04795-100 - SP

Tel: +(55 11) 5685-3552

Shopping West Plaza

Av. Antártica, 380 - Bloco A

Segundo Andar - Água Branca

05003-020 - SP

Tel: +(55 11) 3872-7195

Espaço Siciliano - Vila Olímpia

Rua Cardoso de Melo, 630

04548-003 - SP

Tel: +(55 11) 3842-9811

Rio de Janeiro

Casa de Macau do RJ

R. Gonzaga Bastos, 325, Vila Isabel

CEP 20541-000 - RJ

Tel: +(55 21) 22887225

Rede Siciliano

Leblon

Ataúfo de Paiva, 1063 A - Leblon

22450-010 - RJ

Tel: +(55 21) 2540-8725

Botafogo Praia Shopping

Praia de Botafogo, 400

Loja 408/409 - Botafogo

22250-040 - RJ

Tel: +(55 21) 2237-9100

Copacabana

Av. N. S. de Copacabana, 766

22050-000 - RJ

Tel: +(55 21) 2548-2683

Rio Branco

Av. Rio Branco, 156 - Centro

20040-006 - RJ

Tel.: +(55 21) 2544-432

Barra Shopping

Av. das Américas, 4666

Primeiro Piso - Barra da Tijuca

22631-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2431-9507

São Conrado Fashion Mall

Estrada da Gávea, 899

Segundo Piso - São Conrado

22610-000 - RJ

Tel: +(55 21) 3322-0637

Norte Shopping

Av. Dom Helder Camara, 5474

Piso S - Del Castilho

20774-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2595-7504

Brasília

Rede Siciliano

Brasília Shopping and Towers

Setor Coml. Norte B, QD 05 Lote A

70710-500 - DF

Tel: +(55 61) 3326-6946

Conjunto Nacional

SDN/CNB - Lojas 2083/2087

70077-900 - DF

Tel: +(55 61) 3328-5813

Shopping Liberty Mall

SC/Norte, Quadra CN 02

70710-900 - DF

Tel: +(55 61) 3328-0694

Pátio Brasil Shopping

SCS/B - Lote A, Nível 1
70307-902 - DF
Tel: +(55 61) 3323-6789

Park Shopping

SA/ISO Área, 6580 - Primeiro Piso
71211-970 - DF
Tel: +(55 61) (61) 3362-0918

MOÇAMBIQUE

Livraria Minerva

Rua Consiglieri Pedrosa, 66/84
Maputo
Tel: +(258) 21 322 092

Mabuko

Av. Julius Nyerere, 820
Maputo
Tel: +(258) 21 415 865

Europa - América (MOC), Lda.

Av. 24 Julho, 377
Maputo
Tel: +(258) 21 491157

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa
Tel: +(351) 21 849 5342

**Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM**

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Livraria Nobel

Rua Azedo Gneco, no 60-R/C
Sto Condestável
1350-037 Lisboa
(Campo de Ourique)
Tel: +(351) 213869475

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto
Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro
Tel: +(351) 234421494

Espinho

Livraria Nobel

Avenida 24, 887
4500-201 Espinho
Tel: +(351) 227328210

R.A. Madeira

Funchal

Livraria Nobel

Rua Vale d'Ajuda-Monumental
Palace II - Loja F
9000-116 S.Martinho Funchal
RA Madeira
Tel: +(351) 291774036

Canico

Livraria Nobel

Est. João Gonçalves Zarco, Canico
Shopping, Loja 10
9125-018 Canico
RA Madeira
Tel: +(351) 291933900/21

TIMOR-LESTE

Hotel Timor

Rua Mártires da Pátria
Dili
Tel: +(670) 723-2007

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22
Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 2832 3957

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax:

E-mail:

Angola: 1,150.00 AON

Brasil: R\$ 29.00

Cabo Verde: 1,200.00 CVE

Guiné Bissau: 7,000.00 XOF

Macau: 100.00 MOP

Mundo: US \$13.00

Moçambique: 350,000.00 MZM

Portugal: € 10.00

S. Tomé: 94,000.00 STD

Timor: US \$13.00



deltaedições